



Ciro Athayde Barros Monteiro

A INFORMAÇÃO MEDIADA NO DISCURSO DE EDIR MACEDO:
uma análise de editoriais da *Folha Universal*.



MARÍLIA – SP
2012

Ciro Athayde Barros Monteiro

A INFORMAÇÃO MEDIADA NO DISCURSO DE EDIR MACEDO:
uma análise de editoriais da *Folha Universal*.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Francisco Almeida Júnior.

MARÍLIA – SP
2012

Ficha Catalográfica
Serviço de Biblioteca e Documentação – UNESP - Campus de Marília

Monteiro, Ciro Athayde Barros

M775i **A informação mediada no discurso de Edir Macedo:** uma análise de editoriais da *Folha Universal* / Ciro Athayde Barros Monteiro; – Marília, 2012.

113 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2011.

Bibliografia: f. 100-105.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Francisco Almeida Júnior.

1. Edir Macedo. 2. Análise do Discurso. 3. Mediação da Informação. 4. Ciência da Informação. I Autor. II Título.

CDD: 028

Ciro Athayde Barros Monteiro

A INFORMAÇÃO MEDIADA NO DISCURSO DE EDIR MACEDO:
uma análise de editoriais da *Folha Universal*.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador:

.....
Prof. Dr. Oswaldo Francisco Almeida Júnior.
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Membro:

.....
Prof. Dr. Carlos Candido de Almeida.
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Membro:

.....
Prof^a. Dr^a. Sueli Bortolin
Prof. Dr. Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Programa de Mestrado em Gestão da Informação

Marília, 2012
Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP-Marília

Dedico ao Robson Luiz da Silva Simeão (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este estudo, finalizo também uma etapa da trajetória que pretendo seguir pelas Ciências Humanas que se iniciou no curso de História na Unesp de Assis e enveredou-se pelo Campus de Marília. Foi nesse percurso que o mundo abriu as portas de sua complexidade e me proporcionou refletir acerca da existência, da humanidade e de suas infindáveis problemáticas.

Para enfrentar os transtornos que o estar-no-mundo nos oferece, a família, os professores e os diálogos com amigos foram essenciais. Agradeço imensamente ao meu papai Celso, homem cuja existência transcende o comodismo, alguém que está sempre aberto a se encantar com o mundo e desvendar o novo. Minha maior influência e a quem devo toda minha curiosidade e tentativa de entender algo. A minha mãe Fatima e meus irmãos Rodrigo e Diogo, pessoas sem as quais não conheceria o sabor do amor.

Ao meu orientador Oswaldo, pessoa que admiro como ser humano, alguém que está para além da arrogância do mundo acadêmico, sempre disposto a ouvir, aprender, corrigir, debater, desafiar, com muita humildade e propriedade. Aos membros da banca, professora Sueli Bortolin e professor Carlos Almeida, cujas análises, correções e sugestões foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço ao pessoal de Assis: ao Marceleza, meu companheiro desde o início da vida acadêmica, amizade única, metafórico, o maior questionador de verdades. A Lu, Luid, Doc, Jack, Helton, Adilson, Felipão, Hugo, Betão, Dani, Farinha, Vitor, Silvinha, D. Terezinha

Ao pessoal de Marília: ao Renan amigo-irmão que tive a oportunidade de vivenciar seu início e desabrochar no mundo acadêmico, e que hoje, além de considerá-lo uma pessoa maravilhosa e muito educada, é uma das pessoas mais inteligentes, curiosas e sensíveis que conheço. À turma de 2009 de biblioteconomia, a casa 3, Mi Brasileiro, Aline, Ingrid, Crato, Antônio, Karu, Sá, Cesar, D. Olga, Otília, Jersinho, Tamara. Aos amigos de Ribeirão: Carlão e Dudu.

À Angélica, minha companheira, alguém que compartilho meus sonhos e desesperos, pessoa que aguenta minhas chatices e questionamentos com todo carinho e respeito, e que me propicia encarar a vida com calma, suavidade e amor. O grande encontro da minha vida.

Muito obrigado a todos!

É necessário [...] que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares. É possível admitir, tais como o são, a distinção dos grandes tipos de discurso, ou das formas, ou dos gêneros que opõem, umas as outras, ciência, literatura, religião, história, ficção, etc., e que as tornam espécies de grandes individualidades históricas?

Foucault (Arqueologia do saber)

[...] enquanto o passado tiver que ser descrito como se fosse digno de ser imitado, como se fosse imitável e possível uma segunda vez, esse passado correria o risco de ser deformado, embelezado, desviado de seu significado e, por isso mesmo, sua descrição se assemelharia a poesia livremente imaginada.

Nietzsche (Da utilidade e do inconveniente da história para a vida)

*O homem só procura a fé nos momentos de dificuldades,
O homem critica a corrupção fazendo ela de verdade,
O homem que não esta no poder, finge, mas morre de vontade,
O homem no começo diz mudar, depois conserva a desigualdade,
O homem é um pedaço de você ...*

Ciro Monteiro (Música: O Homem)

MONTEIRO, C. **A informação mediada no discurso de Edir Macedo: uma análise de editoriais da *Folha Universal***. Marília: Unesp, 2012. 115f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista (Unesp).

RESUMO

A Análise do Discurso (AD) tem sido essencial para compreendermos o funcionamento da linguagem. Ela não estaciona na interpretação; trabalha seus limites e seus mecanismos como parte do processo de significação. É por meio da informação mediada no discurso que a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo. O objetivo do trabalho é o de, por meio de editoriais da *Folha Universal (FU)*, analisar quais as estratégias discursivas utilizadas por Edir Macedo, já que o poder e a eloquência do discurso mediado pelo bispo sobre os fiéis encontra-se em posição de destaque frente às transformações da sociedade contemporânea. A dissertação apresenta ideia embrionária de Informação Religiosa, mostra a igreja como mais um elemento na concepção de espaço informacional e propõe a necessidade de compreender o mediador da informação como um intelectual orgânico. O método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a AD, que dispensa a formulação de metodologia, já que para a AD, metodologia e teoria são inseparáveis. As ideias e propostas apresentadas visam servir para ampliar a concepção de informação, mediador e espaço informacional trabalhados na Ciência da Informação (CI). Por fim, conclui-se que as estratégias discursivas utilizadas pelo líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) são prioritariamente constituídas por elementos persuasivos. Dessa forma, o estudo é essencial para que se possa lidar com esse tipo de informação nas Unidades de Informação, além de contribuir para novos estudos no campo.

Palavras chaves: Edir Macedo, Análise de Discurso, Mediação da Informação, Ciência da Informação.

ABSTRACT

Speech Analysis (SA) has been essential for the understanding of the mechanisms of language. It does not stop at interpretation; it goes around its limitations and mechanisms, as part of the process of meaningfulness. It is through mediated information in speech that ideology enables the relation among thought, language and the world. The aim of this paper is to analyze, through publishing of '*Folha Universal*' (FU), which are the speech strategies used by Edir Macedo, since the power and eloquence of the speech about the believers mediated by the bishop is found to be in outstanding position before the transformations of the contemporary society. The dissertation presents the initial idea of Religious Information, presenting the church as another factor in the conception of informational space and proposing a necessity for understanding the information mediator as an organic intellectual being. The method chosen for the research development was SA, which dismisses the formulation of methodology, since for SA methodology and theory are inseparable. The ideas and proposals hereby presented aim at working for the broadening of the conception of information, mediator and informational space developed in Science of Information (SI). Lastly, it is concluded that the speech strategies used by the leader of 'Igreja Universal do Reino de Deus' (IURD) are mainly constructed by persuasive elements. Therefore, the study is not only essential for the handling of this sort of information at the Information Units, but also contributes for new studies in the field.

Key words: Edir Macedo, Speech Analysis, Mediation of Information, Science of Information.

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise do Discurso

CI – Ciência da Informação

FU – Folha Universal

IR – Informação Religiosa

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

PPGCI - Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação

USP – Universidade de São Paulo

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	A INFORMAÇÃO RELIGIOSA.....	21
1.1	As primeiras civilizações e a Informação Religiosa.....	24
1.2	Epistemologia da Informação Religiosa.....	27
2	A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.....	38
2.1	Religião, Edir Macedo e sociedade.....	39
2.2	Igreja: um elemento na concepção de espaço informacional.....	43
3	MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	50
3.1	Por uma definição ampla do conceito de mediadores da informação.....	50
3.2	O intelectual orgânico como mediador da informação.....	54
3.3	Edir Macedo: mediador da informação.....	59
4	FUNDAMENTAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	64
4.1	Corpus de análise.....	70
4.2	Análise do discurso de linha francesa.....	71
5	O DISCURSO DE EDIR MACEDO POR MEIO DE EDITORIAIS DA <i>FOLHA UNIVERSAL</i>.....	74
5.1	A Folha Universal: elementos históricos.....	74
5.2	Análise dos editoriais.....	76
5.2.1	Editorial: uma história de injustiças.....	76
5.2.2	Editorial: a oferta nos torna merecedores.....	78
5.2.3	Editorial: como receber o espírito santo.....	80
5.2.4	Editorial: como esta data pode definir a sua vida.....	81
5.2.5	Editorial: mar de conquista.....	85
5.2.6	Editorial: a oferta abre caminhos.....	86
5.2.7	Editorial: tire as sandálias do pé.....	92
5.2.8	Editorial de fé em fé.....	93

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
	REFERÊNCIAS.....	99
	ANEXOS.....	106
	Editorial: Uma história de injustiças – 23 a 29 ago de 2009 – ed. nº 907.....	106
	Editorial: A oferta nos torna merecedores-15 a 21 de nov de 2009-ed. nº 919.....	107
	Editorial: Como receber o Espírito Santo-21 a 27 de mar de 2010-ed. nº 937.....	108
	Editorial: Como esta data pode definir a sua vida-21 abr de 2010-ed. histórica.....	109
	Editorial: Mar de conquistas – 02 a 08 de maio de 2010 – ed. nº 943.....	110
	Editorial: A oferta abre caminhos – 05 de dez de 2010 – ed. nº 974.....	111
	Editorial: Tire as sandálias dos pés – 19 a 25 dez de 2010 – ed. nº 976.....	112
	Editorial: Editorial: De fé em fé – 5 a 11 de jun de 2011 – ed. nº 1000.....	113

INTRODUÇÃO

Deus é algo que a mente
humana não consegue entender.

Celso Monteiro

John Patrick Diggins ao iniciar a biografia de *Max Weber: política e espírito da tragédia* escreveu que o “[...] pensamento de um homem é reflexo de sua biografia”. Jayme Gasparoto, em disciplina de *Epistemologia das Ciências Sociais* no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Unesp de Marília, ao discorrer acerca da sociologia do cotidiano disse que: “Quando vamos fazer uma pesquisa quase sempre olhamos para o lado”.

Assim como a biografia de Weber e as observações do professor Gasparoto, minha¹ pesquisa está totalmente relacionada ao meu cotidiano e à minha vida. Tudo começou quando eu era criança, mais ou menos 9 anos de idade, período em que muitas dúvidas atormentavam a minha mente. Eram perguntas e mais perguntas e poucas respostas. Todas essas perguntas eram jorradadas principalmente e ininterruptamente ao meu pai, Sr. Celso Monteiro.

Em um desses dias, pensando sobre a existência do universo, nos motivos pelos quais as pessoas existem, qual o sentido da vida e quem seria o criador do mundo, fiz a seguinte pergunta a meu pai: “O que é Deus?” Meu célebre papai, um homem sereno, calmo, muito inteligente e trabalhador, respondeu: “Deus é algo que a mente humana não consegue entender”.

Aquela resposta ecoou como uma bomba em meu cérebro, nunca tinha escutado nada parecido e tão complexo. Em um primeiro momento não entendi nada, e confesso que até hoje as limitações para a compreensão dessa resposta continuam plenas. No entanto, adorei a resposta. Decorei e ficava a todo o momento balbuciando “Deus é algo que a mente humana não consegue entender, Deus é algo que a mente humana não consegue entender, ...”.

A partir daquele momento eu tinha a resposta pronta para uma pergunta tão complexa. Após alguns dias, durante a aula da tia Iara na 4ª série do ensino fundamental, uma mocinha

¹ Peço a liberdade para escrever na primeira pessoa do singular a introdução de minha dissertação, já que esta contém relatos pessoais.

evangélica virou-se e perguntou: “Você acredita em Deus?”. Eu, com a alma repleta de verdades, respondi de bate pronto: “Deus é algo que a mente humana não consegue entender”. A mocinha ao receber a resposta ficou extremamente alterada, disse que eu era um pecador e que iria sofrer as consequências de ser um descrente.

Não entendi muito a reação da mocinha, achei que ela iria adorar a minha resposta pronta. A partir desse momento, comecei a refletir não só sobre a dificuldade de compreensão das religiões, das crenças, do universo, das ideologias, de Deus, etc, mas também acerca dos múltiplos pontos de vistas que foram responsáveis por formar as sociedades².

Desde os primeiros vestígios de agrupamentos humanos até os dias atuais, o homem sempre buscou algum contato com o divino. Essas manifestações moldaram civilizações inteiras, suas formas de sobrevivência, ou seja, moradia, alimentação, moral, ideologia, língua, entre outros. Atualmente, em uma população mundial de mais de 7 bilhões de pessoas, 5 bilhões têm alguma forma de crença e aqueles que não creem recebem influência das formas de organização dessas sociedades (MARA, 2011).

Nesse sentido, pensar a ciência e suas problemáticas vinculadas à informação, o conhecimento, e principalmente a sociedade, aparece como essencial para tentar compreender as influências dos aspectos religiosos na constituição da nossa concepção de ciência e de pesquisa. A partir dos pressupostos e problemáticas sociais que passamos a compreender o nascimento e justificativa para o desenvolvimento de uma pesquisa científica que deve ser necessariamente social, já que o conhecimento e a realidade são socialmente construídos (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 14).

Assim sendo, passei a pensar “cotidianamente” sobre a informação, um dos objetos de pesquisa da Ciência da Informação (CI), e seu funcionamento na sociedade com a seguinte problemática: o que as pessoas leem? Quais são as principais fontes de acesso à informação da sociedade? Durante um ano, no ônibus que me levava todos os dias para lecionar no presídio³ da cidade de Marília, observei o que as pessoas estavam lendo. Alguns dias notei que os passageiros liam livros, que na maioria das vezes ao me desdobrar para enxergar o autor, percebia que quase sempre era de autoria do líder da Igreja Universal do Reino de Deus

² Sueli Bortolin em sua tese *Mediação Oral e Literária: a voz dos bibliotecários lendo e narrando*, ao discorrer acerca da importância da oralidade ressalta que Jean-Paul Sartre utilizou-se do não registro, ou seja, da memória quando relatou as idas, desde muito pequeno, ao cinema com sua mãe. Isso também aconteceu comigo quando consultei minha memória sobre os motivos iniciais que motivaram essa pesquisa, ou seja, a resposta complexa de meu pai após uma pergunta sobre a existência de Deus. Tal fato confirma a importância da informação não registrada na sociedade.

³ Vale ressaltar que nesse presídio, durante minha permanência na unidade, pesquisei quais livros eram mais requisitados pelos reeducandos (presos). O resultado mostrou que os livros de Edir Macedo e os espíritas são os mais requisitados, além disso, o jornal *Folha Universal* é distribuído todo domingo aos detentos.

(IURD), Edir Macedo. O bispo tem mais de 30 livros publicados⁴.

Outras vezes⁵ era o jornal *Folha Universal* (FU), também da IURD. A partir daí comecei a pesquisar a IURD, seu jornal e o poder de influência desta instituição em mediar informação para a sociedade.

Por meio da problemática de querer compreender a informação mediada no discurso de Edir Macedo, que vem ganhando poder e espaço nos principais meios de comunicação do país, desenvolvi o presente trabalho.

Inicialmente percebi a dificuldade de desenvolver tal temática dentro da CI, pois não encontramos trabalhos com esse tipo de abordagem. A CI tem a necessidade de gerenciar a informação entre as diversas áreas do conhecimento e conta com técnicas muito bem definidas de registro, armazenamento, organização e disseminação da informação.

No entanto, não se sabe ao certo o que é esta ciência e do que se ocupa exatamente, além de não alcançar consenso entre os autores, tão pouco uma definição que seja universalmente aceita. É caracterizada, principalmente, pela diversidade de abordagens, e por enfoques teórico-conceituais variados e diferenciados de acordo com cada autor como afirma Loureiro:

Alguns autores acentuam as características da CI, voltadas ao armazenamento, gestão, disseminação da informação, outros ressaltam suas fortes ligações com a tecnologia e há aqueles que sublinham sua vinculação com os sistemas de informação e os processos comunicacionais [...] diversas outras abordagens e correntes teóricas podem ser aqui apresentadas sem que qualquer uma delas defina, ou se aproxime do domínio científico em questão (LOUREIRO, 1999, p. 67).

Todavia restringir o conceito de CI a apenas alguns campos do conhecimento frente às inúmeras transformações do mundo moderno, pode ser prejudicial a esta área e a sua necessidade de dialogar com outras ciências, como relata Le Coadic:

A ciência da informação é uma dessas novas interdisciplinas, um desses novos campos do conhecimento onde colaboram entre si, principalmente, a psicologia, a lingüística, a sociologia, a informática, a matemática, a lógica, a estatística, a eletrônica, a economia, o

⁴ Em estudo realizado sobre os usos e efeitos da mídia no cotidiano dos fiéis com evangélicos de várias denominações na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Alexandre Fonseca (1997) apontou que os livros sobre doutrina da Confissão Positiva ocupam destaque nas preferências dos leitores evangélicos. De acordo com a classificação utilizada na pesquisa, as obras de Macedo aparecem como as mais lidas, por 63% dos fiéis da Igreja Universal. O autor destaca o problema de classificação desses livros, já que, além de práticos para a vida cristã, neles estão embutidos ensinamentos que podem ser classificados de Confissão Positiva ou da Teologia da Prosperidade.

⁵ Também haviam outras leituras como Augusto Cury, Paulo Coelho, as séries Crepúsculo, etc.

direito, a filosofia, a política e as telecomunicações (LE COADIC, 1996, p. 22).

O próprio Le Coadic, pesquisador que prioriza a informação registrada como objeto de pesquisa da CI⁶, já admitia há mais de uma década a necessidade da CI dialogar com as múltiplas áreas do conhecimento. Essa perspectiva, que dá prioridade a informação registrada como objeto de pesquisa, torna a CI um campo restrito a apenas um tipo de informação. Dessa forma, é necessário que a CI passe a se preocupar com a informação mediada na sociedade de forma que possa receber contribuições das múltiplas disciplinas para compreender seu objeto.

Nesse sentido, o estudo acerca da informação veiculada pela IURD surge como um importante filão a ser pesquisado dentro da CI. Percebi que é necessário compreender a Informação Religiosa (ideia que desenvolverei mais a frente) para melhor entender as problemáticas da área e as dinâmicas da comunicação na sociedade.

Dessa forma, os objetivos do trabalho foram de analisar como a informação é mediada no discurso de Edir Macedo por meio de editoriais do jornal *Folha Universal* utilizando-se da Análise do Discurso (AD) como metodologia. Além disso, verificar quais os mecanismos de linguagem utilizados pelo bispo e transcrever os principais termos e conceitos que dão respaldo a sua argumentação.

Procurei por meio da AD, da CI e da informação veiculada nos editoriais escritos por Edir Macedo, compreender os enunciados, as estratégias discursivas e principalmente quais as intenções do sujeito falante e os vários discursos presentes nessas formações, como bem observa Foucault :

[...] não se pode reconstituir um sistema de pensamento a partir de um conjunto definido de discursos. Mas esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstituir outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma (FOUCAULT, 2009, p. 31).

⁶ É importante salientar que, apesar de trabalhar com a informação registrada como objeto de pesquisa – editoriais da *Folha Universal* – ao longo da dissertação faço críticas a CI por dar prioridade a esta informação. O objetivo de criticar essa abordagem está em refletir acerca das limitações da ciência, principalmente da CI que de forma alguma pode deixar de pensar que este tipo de recorte (informação registrada) não dá conta de compreender a totalidade das problemáticas informacionais das sociedades. Este exercício de criticar as limitações da CI faz com que o conjunto de pesquisadores do campo tenham que repensá-la cotidianamente.

O sujeito falante (discursivo) deve ser compreendido em suas “posições discursivas” em que as palavras são produzidas. Edir Macedo possui posição discursiva privilegiada, ou seja, ocupa seu lugar de representação em um determinado grupo, e a significação de suas palavras deve ser entendido de acordo com suas posições ideológicas:

Devemos lembrar que o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade do que diz [...] é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz. O modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto a exterioridade (interdiscurso) que o constitui. Da mesma maneira, a língua também não é transparente nem o mundo diretamente apreensível quando se trata de significação, pois o vivido dos sujeitos é informado, constituído pela estrutura da ideologia (ORLANDI, 2003, p. 49).

Vale lembrar que conjuntamente com o sujeito falante e as posições ideológicas presentes nos enunciados dos editoriais da *Folha Universal* encontra-se a necessidade de compreender o discurso religioso e seus mecanismos de comunicação. No discurso religioso, o sujeito discursivo fala em nome de Deus, como bem relata Eni Orlandi:

[...] o discurso religioso realiza tarefa sui generis enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção de dogma. [...]. Deus não fala, dada ser uma realidade imaterial; quem fala em seu nome não é dono do discurso: o agente é apenas veículo, porta-voz, no máximo “interpretador” da palavra do Senhor (ORLANDI, 2007, p.61.)

O discurso religioso tem como base de organização a persuasão, ou seja, se utiliza de mecanismos de persuasão para atingir seus objetivos. Segundo Citelli esses mecanismos são: o uso do modo imperativo, o que revela a ideia de coisa pronta, acabada; o vocativo subjacente (creio), que afirma o chamamento ao sujeito; a função emotiva (afinal eu devo acreditar, ter fé. O problema da salvação está comigo, o Senhor é o exemplo a ser seguido) o uso de metáforas que acentuam o ciframento do discurso religioso: a mansão dos mortos e o ressuscitamento de todos só criam um jogo simbólico acerca do inusitado do dogma; o uso intenso de parábolas e da paráfrase; de um lado, a evocação alegórica, e, de outro, a presença do texto bíblico; uso de estereótipos, chavões e de sintagmas cristalizados: “Oh! Senhor”,

“todo-poderoso”, “criador”, “nosso Senhor” etc. Esses elementos serão fundamentais para a análise do discurso de Edir Macedo.

Vale destacar que não entendo o usuário (leitor) da *Folha Universal* como mero receptor do discurso de Edir Macedo, mas como alguém que interage com esse suporte (contato) sendo que essa informação só passa a existir no processo de apropriação, ou seja, no momento da mediação:

A mediação da informação permite e exige concepção de informação que desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação. Dessa forma, defendemos que o usuário é quem determina a existência ou não da informação. A informação existe apenas no intervalo entre o contato da pessoa com o suporte e a apropriação da informação. Como premissa, entendemos a informação a partir da modificação, da mudança, da reorganização, da reestruturação, enfim, da transformação do conhecimento. Assim entendida, ela, informação, não existe antecipadamente, mas apenas na relação da pessoa com o conteúdo presente nos suportes informacionais. Estes são concretos, mas não podem prescindir dos referenciais, do acervo de experiências e do conhecimento de cada pessoa. Em última instância, quem determina a existência da informação é o usuário, aquele que faz uso dos conteúdos dos suportes informacionais. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 97).

Nesse sentido, a informação é entendida como relevante no momento de sua apropriação, ou seja, na medida em que interage com o usuário e promove mudanças. Pinheiro e Loureiro ao analisar a informação, destacam a distinção feita por Saracevic acerca da informação e da informação relevante segundo a qual esta última relacionada à comunicação e a orientação aos usuários de sistemas de recuperação da informação.

Assim sendo, a “[...] efetividade da comunicação do conhecimento se dá [...] na medida de sua transmissão de um arquivo ao outro, ocasionando mudanças” (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995). Portanto, relevância é a medida de tais mudanças, e a Ciência da Informação, ao lado da lógica e da filosofia, apresenta-se como disciplina essencial no território dos estudos e reflexões sobre relevância e, conseqüentemente, informação.

Assim sendo, essa mediação pode ser feita de várias maneiras de acordo com a posição discursiva e os interesses do sujeito falante, pois este a partir do local em que se encontra pode empreender adaptações (trocar as palavras) ao discurso religioso fazendo com que obtenha maior adesão do público:

Mas, se não há diferença importante entre uma e outra palavra, por que trocá-las? Que jogo retórico está por trás do eufemismo? A resposta nos remete a uma das vertentes do discurso persuasivo que é a de provocar reações emocionais no receptor: o enunciador/emissor apela para recursos afetivos visando melhor conquistar adesão do seu público (CITELLI, 2007, p. 61).

Tanto a AD como a CI estudam o comportamento da informação em seu processo de comunicação, ambas as áreas de pesquisa dependem do ato da mediação da informação⁷ para que possam existir, ou seja, tanto na linguagem, como na seleção, organização e uso, há interferência e apropriação da informação.

Assim sendo, a necessidade de estudarmos a mediação da informação feita pelos editoriais da *Folha Universal* dentro da CI me pareceu evidente, pois além de ser este (Edir Macedo) uma das principais vozes do Brasil, temos que saber lidar com esse tipo de informação. Por isso esse estudo sistemático com a utilização da AD tende a fazer contribuições essenciais para o desenvolvimento da CI.

No primeiro capítulo intitulado *A Informação Religiosa* fiz um relato das influências da Informação Religiosa (IR)⁸ na sociedade, desde os primórdios da humanidade até os dias atuais, e como essas relações repercutem nas pesquisas em CI. Realizei breve explanação acerca das influências do racionalismo – positivista nas pesquisas e de que forma está relacionado ao espírito conservador da área. Trabalhei também com a ideia de paradigma e com uma proposta de definição de Informação Religiosa (IR).

No segundo *A Igreja Universal do Reino de Deus* apresentei os fundamentos teóricos que nortearam a ideia de religião e um breve histórico do líder Edir Macedo, seu poder de influência na liderança e processo de expansão da igreja. Em seguida desenvolvi a ideia de igreja como sendo mais um elemento na concepção de espaço informacional, juntamente com os já conhecidos na área, relevante e essencial à compreensão da realidade e das pesquisas informacionais em CI.

O terceiro capítulo *Mediação da Informação* questiona as limitações da concepção de profissional e mediador da informação. Apresenta a necessidade de compreender o mediador como um intelectual orgânico. Por fim, caracteriza Edir Macedo como um importante

⁷ Entendemos o “conceito de mediação da informação” a partir das ideias desenvolvidas pelo grupo de pesquisa “Interfaces: informação e conhecimento”, liderado pelo professor Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. Segundo o grupo, o conceito de mediação “tem como base a apropriação e a interferência e esta se dá em vários âmbitos: do usuário, do profissional da informação, do suporte informacional, do produtor da informação, das mídias, dos meios, dos equipamentos informacionais, etc”.

⁸ A ideia ou proposta de definição de Informação Religiosa será feita no início do primeiro capítulo da dissertação, intitulado Informação Religiosa.

mediador da informação.

No quarto *Fundamentação e procedimentos metodológicos* fiz descrição do corpus de análise, ou seja, os números e editoriais que foram analisados. Apresentei de forma geral, a análise do discurso de linha francesa, um breve histórico da área, seus pressupostos teóricos metodológicos e como esse é um método essencial para verificar a prática discursiva de Edir Macedo e o poder da informação mediada pelo líder.

No quinto e último capítulo *Discurso de Edir Macedo por meio de editoriais da Folha Universal*, fiz apresentação da *Folha Universal* e seus elementos históricos. Analisei oito editoriais. Procurei compreender o discurso proferido pelo líder da IURD por meio dos editoriais e a relação que este estabelece entre o fiel – leitor, a mediação e os fatos da realidade.

Por fim, a partir dos resultados tentei mostrar de que forma o presente estudo pode contribuir para as reflexões acerca da informação e para o desenvolvimento do campo. A ousadia do trabalho em colocar questões polêmicas, como por exemplo: críticas epistemológicas as tradições da CI, o Intelectual Orgânico como mediador da Informação, a Igreja como um elemento importante e agregador a ideia de espaço informacional, e principalmente a importância da Informação Religiosa mediada por um bispo no processo de mediação dos fatos e a influência dessa informação na formação da realidade do fiel – leitor e da sociedade são algumas das problemáticas que tentei instigar ao longo do texto.

1 A INFORMAÇÃO RELIGIOSA

A religião é o suspiro da criatura oprimida,
coração de um mundo sem coração
Assim como o espírito de uma época
sem espírito. Ela é o ópio do povo.⁹

Karl Marx

A ideia de fazer um capítulo para iniciar reflexão acerca dos limites da CI foi em essência o grande motor desse tópico. Ao observarmos a CI e seu objeto de pesquisa percebemos uma série de problemáticas que não fazem parte do rol de questionamentos que envolvem a área¹⁰.

Antes de discorrermos sobre os limites da CI, apresentaremos uma proposta de definição acerca do que entendemos por Informação Religiosa para que seja possível compreender os questionamentos do presente tópico. Vale lembrar que uma definição pode ser vista como algo arbitrário, ou seja, uma forma de restrição. No entanto, sabe-se que ela é necessária e desempenha um importante papel epistemológico:

[...] toda vez que se define algo se dá um passo a mais em direção à compreensão – idealmente, ao menos – de algo e, assim sendo, parece mais coerente assumir a posição de que a definição desempenha um papel epistemológico fundamental. Acredita-se que esta função não pode ser a ela negada (ENGELMANN, 2006, p. 11).

A partir desses pressupostos, de forma breve e inicial, entendemos a Informação Religiosa¹¹ como toda e qualquer informação que esteja vinculada a algum tipo de

⁹ Retiramos esse trecho do livro *Sur la religion* de Karl Marx, para mostrar que a famigerada frase “A religião é o ópio do povo” tem um complemento e não se limita a essa observação. Ao ler o livro com maior atenção, é possível perceber que o autor coloca a religião como uma das formas de manifestação humana fundamentais para compreendermos as sociedades, pois para ele a religião também é “o coração de um mundo sem coração” e mesmo que ela (religião), na ideia do autor, iria ser superada (extinta) com as transformações da sociedade, pois era uma forma de alienação, reconhece que exerceu influência sobre os povos.

¹⁰ Fizemos pesquisa com 14 importantes periódicos on-line da área com o objetivo de encontrar artigos com Informação Religiosa (conceito que aparece como proposta de desenvolvimento nesse capítulo). O resultado foi impressionante, dos 2.534 artigos analisados apenas 4 trabalharam com essa informação. Isso revela que a Informação Religiosa não tem sido uma problemática estudada na CI.

¹¹ Vale lembrar que fizemos apenas uma proposta para o desenvolvimento de uma ideia de Informação Religiosa que esta em aberto para a colaboração de todos que se interessarem pelo tema. Como não temos o conhecimento da existência de outros trabalhos da CI com essa temática, pretendemos que esse seja o primeiro passo para uma longa caminhada de questionamentos e reflexões na área.

manifestação religiosa direta ou indiretamente, dentro ou fora de um espaço religioso. Tanto o pastor como o ateu recebem influências da forma de comportamento das pessoas em sociedade, que conseqüentemente acabam por receber grande influência das religiões e de sua forma de pensar e agir. Segundo Mircea, mesmo o homem profano não consegue anular sua descendência:

[...] a maioria dos homens sem religião partilha ainda das pseudo religiões e mitologias degradadas. O que em nada nos deve espantar, porque [...] o homem profano é o descendente do homo religiosus e não pode anular a sua própria história, quer dizer, os comportamentos dos seus antepassados religiosos, que o construíram tal qual ele é hoje (MIRCEA, 1992, p.162).

A Informação Religiosa está presente nos mais variados espaços sociais, tanto em igrejas, mosteiros, sinagogas, conventos, templos, mesquitas, terreiros, etc, como em praças, bibliotecas, bares, rodoviárias, universidades, escolas, presídios, parques, hotéis, campos de futebol, empresas, laboratórios, entre outros. Ela não se prende a um espaço, é carregada pelo homem pelos múltiplos espaços sociais.

A frase de Karl Marx foi destacada no início do texto para mostrar que a religião é uma das grandes questões para pensar o conhecimento e compreender a sociedade. Nesse livro Marx revela os dois lados da religião, ou seja, ao mesmo tempo em que pode servir de instrumento de corrupção do povo é também uma forma de suspiro de uma população desprovida das necessidades básicas de sobrevivência.

Por mais que filósofos, como por exemplo, Feuerbach¹² pensem que Deus ou a consciência religiosa seja uma forma exemplar de alienação, ou que não seja um Deus-intelecto que interesse ao teólogo e ao filósofo, ele existe como construção social e está vinculado as grandes transformações sociais.

Michel Pêcheux na introdução do livro *O Discurso: estrutura e acontecimento*, conta a história de um velho teórico erudito marxista que queria fabricar sua biblioteca sozinho. O autor usa a metáfora das porcas, roscas e parafusos, em que o velho marxista teimava em construir tentando juntar duas peças de madeira usando parafusos e roscas sem porcas. Ele girava e girava sempre no vazio.

O velho marxista, durante muito tempo se recusou a aceitar ajuda das várias porcas

¹² CHAUI, Marilena Sousa. *Cultura e Democracia : o discurso competente e outras falas* – 10. Ed. – São Paulo : Cortez, 2003.p.71.

que surgiram. No entanto, certo dia o velho aceitou ajuda e o marxismo passou a ter relações extraconjugais, ou seja, passou a ter colaboração de outras porcas - da psicologia, da antropologia, etc, - ampliando sua maneira de compreender o mundo, e facilitando a união das madeiras (PECHEUX, 1983). Não obstante, a CI parece oferecer certa resistência a esses relacionamentos.

A área continua trabalhando com o problema do “Transporte físico da informação”, vinculando a ideia de informação mais como “coisa” do que como processo, ou seja, relega para o segundo plano a concepção de informação como algo construído, essencialmente histórico e cultural (ARAUJO, 2009, p. 203). Em uma sociedade como a brasileira em que a população é rodeada por um número cada vez mais crescente de religiosos, como não problematizar a participação dessa população na construção da realidade?

A partir dessa questão passamos a querer compreender as etapas de formação da CI, quem fundou essa ciência e quais os seus limites. Assim, recorreremos à sociologia do conhecimento, a epistemologia, a ciência e a reflexão conceitual para dar possibilidade ao surgimento de novas ideias para serem trabalhados na área.

No primeiro tópico *As primeiras civilizações e a Informação Religiosa*, iniciamos reflexões acerca da origem das primeiras civilizações, a relação destas com a Informação Religiosa e como essas civilizações criaram formas de pensamento, como por exemplo, o racionalismo, que continua a ditar regras de comportamento da ciência até os dias atuais, repercutindo inclusive nas pesquisas em CI.

Dois autores foram essenciais para mostrar, com riqueza de detalhes, as formas de comportamentos das primeiras civilizações e o vínculo dessas com as religiões. São eles: Lewis Mumford em livro intitulado *A cidade na história* e Fustel de Coulanges em *A cidade antiga*. Nessa mesma perspectiva, outro livro essencial foi *O sagrado e o profano* de Mircea Eliade, que mostrou como o “homem primitivo” que recebeu grande influência das religiões, continua vivo no homem atual.

O segundo tópico *Epistemologia da Informação Religiosa*¹³ trabalhamos com a ideia de dualidade cultivada pela ciência que insiste em separar racionalismo e empirismo. Questionamos o nascimento da ciência, sua natureza positivista e como esta influenciou a CI criando um espírito conservador na área.

Trabalhamos com o conceito de CI e seus paradigmas, mostrando-nos contrário a ideia

¹³ É importante salientar que este não é um trabalho de epistemologia, apenas tivemos que usar o pensamento epistemológico, principalmente com o viés paradigmático de Thomas Kuhn, para fundamentar o presente trabalho, já que escolhemos trabalhar com uma temática incomum à área, porém em nossa concepção os conceitos ou propostas desenvolvidos aqui serão essenciais para o desenvolvimento de novos trabalhos na CI.

de alguns autores de que a CI não é uma ciência paradigmática. Dois livros foram fundamentais para o desenvolvimento da ideia de epistemologia e paradigma. São eles: *Introdução a Epistemologia* de Hilton Japiassu, onde pudemos adotar a epistemologia crítica como forma de estabelecer análise da CI para averiguar as responsabilidades sociais dos cientistas e técnicos, e a ideia de paradigma desenvolvida por Thomas Kuhn em seu livro *A estrutura das revoluções científicas*, adotando o conceito de paradigma cunhado pelo autor para analisar os paradigmas da CI.

De modo geral, os tópicos tentam fazer uma análise da CI mostrando as raízes da ideia de informação e dos paradigmas, utilizando a epistemologia como ferramenta para questionar a área. Além disso, revelam que é possível desenvolver novos trabalhos dentro da área empregando a ideia de Informação Religiosa, definição que apenas apontamos como proposta para ser desenvolvida futuramente pelos pesquisadores que simpatizarem com a problemática.

1.1 – As primeiras civilizações e a Informação Religiosa

A religião esteve presente em toda a história da humanidade e exerceu significativa influência no “desenvolvimento” das sociedades. Ao refletirmos acerca das sociedades, ou melhor, da origem das cidades e das primeiras civilizações, é possível perceber que não existe qualquer possibilidade de compreender a dinâmica dos povos e o processo de organização social sem a influência das religiões, ou da circulação da informação religiosa. Sabe-se que antes dos primeiros agrupamentos em aldeias, durante o período paleolítico, já existiam nos antigos santuários, túmulos e montes sepulcrais, indícios de vida cívica (MUNFORD, 1998, p. 14).

No período greco-romano a Informação Religiosa esteve diretamente ligada à constituição das cidades e de sua organização, como bem relata Fustel de Coulanges:

A comparação entre crenças e leis mostra-nos que as famílias gregas e romana primitivas foram constituídas por uma religião também primitiva que estabeleceu o casamento e a autoridade paterna, fixou suas linhas de parentesco, consagrou o direito de propriedade e de sucessão. Essa mesma religião, depois de estabelecer e formar a família, instituiu uma associação maior, a cidade, e governou-a com a mesma disciplina que a da família. Da família se originaram, pois todas as instituições, assim como todo o direito privado dos antigos (COULANGES, 1975, p. 9).

Nesse sentido, desde o período paleolítico, quando começaram a aparecer os primeiros indícios de organização cívica ao período greco-romano, que já era possível observar uma das mais importantes e influentes formas de organização social (cidades gregas e romanas), a influência da religião e da circulação da informação religiosa foi essencial para o desenvolvimento das cidades.

Essas civilizações, principalmente a greco-romana constituíram a base para o desenvolvimento do pensamento racionalista ocidental que continua a exercer grande influência na ideia de pesquisa e ciência em quase todas as áreas do conhecimento. Esse racionalismo acabou por influenciar o desenvolvimento da ciência que com o iluminismo do século XVIII tentou sepultar a relação Deus/Homem:

Como lembrou Durkheim (1978), a ciência tem como ambiente originário a própria dimensão das representações religiosas. Contudo, as mudanças e renovações do pensamento, instauradas desde movimentos intelectuais como o humanismo e o renascimento cultural, promoveram profundas rupturas com o teocentrismo medieval e propuseram novas concepções nas quais a relação Deus/homem foi ultrapassada pela relação homem/natureza. Estas idéias foram sendo sedimentadas e desenvolvidas num contínuo que desembocou na Revolução Científica do século XVII, a qual desenhava o contexto em que o homem passava a ver a natureza como objeto de sua ação e seu conhecimento. A captura deste novo *objeto* de investigação pressupunha a formulação de hipóteses e experimentações, passando a conceber as explicações teológicas e metafísicas como insatisfatórias. Nessa nova perspectiva, a necessidade de desenvolvimento metodológico, em seu sentido cartesiano, propagou-se e estabeleceu as bases do conhecimento científico moderno. Essa nova postura investigativa fundamentou somente na razão os meios explicativos para os fenômenos naturais de que a escolástica, associando fé e razão, não poderia dar conta. O Iluminismo do século XVIII solidificou essa atitude, ao elevar a racionalidade como alternativa imprescindível, agora compreendida como a *luz* que pode sepultar as *trevas* (LEISTNER, 2009, p. 127).

O domínio do racionalismo perdurou e moldou grande parte das pesquisas e do pensamento científico que surgiram na modernidade. A CI não foi diferente, se desenvolveu em um contexto de predomínio do racionalismo, e a partir das exigências de uma área de trabalho prático, denominada documentação e recuperação da informação (WERSIG; NEVELING, 1975, p. 127). Fato que pode ser observado em grande parte das pesquisas na área que estão relacionadas à ideia de representação, e na possibilidade de melhorar os

processos representacionais, por meio de linguagens melhores, classes menos consistentes e terminologias menos ambíguas.

Todavia, mesmo com a preponderância do racionalismo que acabou por fundamentar os principais elementos de nosso raciocínio científico, ainda acreditamos que a ciência não sepultou nem superou os preceitos morais que a envolvem:

[...] a ciência nem se opõe a moral nem pode ser sua superação porque não apenas tem as mesmas bases que ela como é a última etapa de seu aperfeiçoamento; ainda que de modo inconsciente, são os valores morais que reinam na ciência, até no melhor dos casos, diz Nietzsche, a ciência “não é o contrário do ideal ascético, é antes sua forma mais recente e mais elevada” (MACHADO, 1999, p. 144).

Dessa forma, pensamos que não é possível estabelecer uma oposição entre pensamento racional e religioso, ou seja, não podemos pensar ciência e religião como antagônicas, pois o desenvolvimento científico teve e continua a ter destacada influência de suas concepções, “[...] algo da concepção religiosa do mundo prolonga-se ainda no comportamento do homem profano, embora ele nem sempre tenha consciência dessa herança imemorial” (ELIADE, 1992, p. 48).

Essa herança imemorial, que influenciou o comportamento do homem profano deveria ser uma das grandes preocupações da ciência, pois as pesquisas científicas devem se ocupar de uma realidade socialmente construída, de maneira que se atentem as questões que promovem transformações sociais. Assim, a Informação Religiosa insere-se dentro dessa perspectiva, ou seja, de colocar a CI como ciência responsável também por refletir acerca da circulação da Informação Religiosa, já que esta tem exercido grande influência na sociedade e também no pensamento científico.

Assim sendo, a Informação Religiosa não foi fundamental apenas para a constituição das primeiras civilizações e do pensamento ocidental, mas exerceu e exerce influência em toda e qualquer sociedade. Nesse sentido, surgem grandes angústias, como por exemplo: como é possível pensar a constituição do conhecimento e a influência da Informação Religiosa dentro da CI, como a Informação Religiosa é tratada e de que maneira essa informação é trabalhada na área?

Elencamos essas questões para serem refletidas ao longo da dissertação. No entanto, além do impacto da Informação Religiosa na sociedade é necessário compreender também o homem religioso como alguém dotado de um intelectualismo peculiar:

O intelectualismo religioso também defronta-se com a certeza do homem religioso com relação a Deus é de um tipo completamente diferente daquela ao qual pertence a certeza nascida de complexas inferências metafísicas. Se a crença em Deus estivesse baseada em tais fundamentos, não possuiria a absoluta inquebrantabilidade que, no homem religioso, de fato possui. Ninguém se deixou até hoje torturar por uma hipótese metafísica; por outro lado, milhões de homens, tanto dentro quanto fora da cristandade, já deixaram sua última gota de sangue escorrer na areia por sua fé em Deus. Para qualquer pessoa imparcial, esse fato fala uma linguagem bastante clara (HESSEN, 2000, p. 117).

Dessa maneira, é possível averiguar a importância e influência da Informação Religiosa, desde os primórdios da humanidade, passando pelo iluminismo e a criação do racionalismo. Portanto, ao retornar as primeiras formas de organização cívica para compreender o homem atual e suas manifestações, percebe-se que foi esse mesmo homem que criou a ciência e acabou por dar prioridade ao racionalismo científico. No entanto, o homem contemporâneo, por mais que tenha tentado negar, nunca abandonou suas raízes religiosas, seja de forma direta ou indireta.

1.2 Epistemologia da Informação Religiosa

Uma das principais questões que fundamenta parte do pensamento humano, relacionado principalmente a problemática acerca da origem do conhecimento é o pensamento dual, ou seja, fazemos distinção do conhecimento espiritual, cuja fonte é a razão e do conhecimento sensível, baseado na experiência (HESSEN, 2000, p. 27).

Essa distinção ou antagonismo talvez tenha trazido grandes problemas para compreendermos a totalidade da formação do conhecimento.

O antagonismo do materialismo e do espiritualismo tornou-se ainda mais radical porque cada concepção é hegemônica e redutora; assim, o materialismo reduz tudo o que é espiritual a uma simples emancipação da matéria, e o espiritualismo reduz tudo o que é material a um subproduto do espírito (MORIN, 1999, p. 80).

No seio desses antagonismos foi constituído o conhecimento e nasceu à ciência que acabou por reproduzir a distinção entre ambos e fomentar o problema dessa concepção

hegemônica e redutora. A CI, assim como as múltiplas ciências, recebeu influência dessas dicotomias. No entanto, por ser a CI uma nova área do conhecimento, ainda encontra-se em plena fase de constituição como disciplina científica. Ela continua a estabelecer poucos diálogos com outras disciplinas e quando o faz, muitas vezes, importa conceitos sem fazer importantes reflexões, mantendo, em muitos casos, um espírito conservador que dificulta sua constituição, como bem observa Francelin:

A ciência da informação pode ser considerada uma disciplina científica em plena fase de constituição, tentando, como outras disciplinas, estabelecer-se em um período turbulento para a ciência [...] entende-se que um espírito conservador tomado nesse momento pela ciência da informação apenas serve para dificultar a construção do estatuto científico desta disciplina (FRANCELIN, 2003, p. 65).

Esse espírito conservador da CI é uma das grandes problemáticas desse capítulo. Pensamos que não é possível separar o conhecimento e estabelecer uma oposição entre materialismo e espiritualismo, cérebro e espírito, pois ambos são essenciais para fundamentar a constituição do conhecimento e dar suporte para a experiência humana no mundo. Nesse sentido, toda ciência deve-se preocupar com as manifestações humanas que não são vistas como científicas (racionais), mas que promovem mudanças diretas na forma de vida das pessoas:

[...] o que afeta o espírito afeta o cérebro e, através do cérebro, todo organismo. Assim, sabe-se que a dor do luto ou a depressão grave enfraquecem o sistema imunológico durante vários meses e que os males do espírito podem tornar-se doenças do corpo. O condicionamento do espírito pode modificar, via cérebro, as atividades viscerais e humorais; a hipnose desencadear perturbações fisiológicas e somáticas; a auto-educação da vontade pode levar ao controle dos batimentos do coração. Além disso, o fenômeno mais intensamente psicocultural, a fé, pode provocar morte ou cura; assim, os tabus, encantamentos, maldições, podem matar; os milagres, curar, e os placebos são eficazes num terço das doenças (MORIN, 1999, p. 83).

Dessa maneira, mesmo com toda a rejeição da ciência em relação aos valores e sectarismos das religiões, a Informação Religiosa constitui importante filão para reflexão sobre a origem do conhecimento. Assim sendo, pensar qual a influência da Informação Religiosa na área da CI e como essa informação deve ser tratada é um trabalho essencial.

Nesse sentido, para que possamos pensar acerca do conhecimento em sua totalidade é

preciso estabelecer reflexão sobre a epistemologia, a ciência, o conceito de informação e principalmente de como a ideia ou a proposta de um conceito de Informação Religiosa pode ser trabalhada na área de CI.

Iniciaremos a reflexão por meio do texto *O que é epistemologia?* de Michael Williams. Por meio deste pudemos ter contato com as principais problemáticas que envolvem a ciência. Segundo o autor os principais problemas do conhecimento são seis: *O problema analítico*: (o que é o conhecimento? O que entendemos ou devemos entender por conhecimento?). *O problema da demarcação*: (problema externo: podemos determinar o âmbito e os limites do conhecimento humano? Será que há assuntos sobre os quais podemos ter conhecimento, enquanto há outros acerca dos quais não podemos ter mais do que opinião ou fé?) *Problema interno*: há fronteiras significativas no interior do domínio do conhecimento (a posteriori “empírico” e a priori)? *Problema do método*: (modo como obtemos ou procuramos conhecimento) *Problema do ceticismo*: (será de fato possível obter algum conhecimento? *Problema do valor*: faz sentido possuímos conhecimento? Por que o queremos? .

Esses problemas são essenciais para repensarmos constantemente a ciência. No entanto, Williams ressalta que o problema do ceticismo é fundador da epistemologia, pois questiona tudo o que é visto como conhecimento, inclusive o científico.

Vale lembrar que o autor argumenta que o problema principal é o do valor, pois todos os conhecimentos dependem dele para ter validade:

Dos meus cinco problemas, o do valor é o menos discutido pelos filósofos contemporâneos. Mas todos os outros conhecimentos dependem deste. Se o conhecimento não tivesse importância, não perderíamos tempo a imaginar como o definir, como o obter, nem a traçar linhas a sua volta. [...] parece-me que o conhecimento tem importância (para a maioria de nós, pelo menos algumas vezes); se não o conhecimento de acordo com alguns critérios muito estritos, pelo menos outros conceitos epistemológicos, tais como justificação ou racionalidade. Por quê? Uma resposta é que a preocupação com o conhecimento (ou com as realidades afins) está de tal modo enraizada na nossa tradição ocidental que não é opcional. Esta tradição, que nos seus aspectos filosóficos e científicos, tem as suas origens na Grécia clássica, é globalmente e no seu sentido mais lato uma tradição racionalista e crítica. A ciência e a filosofia começam quando as idéias acerca da origem e natureza do universo se separam do mito e da religião e são tratadas como teorias que se podem discutir: isto é, comparadas com (e porventura superadas por) teorias concorrentes (WILLIAMS, 2007, p. 45).

Dessa forma, pensar o valor do conhecimento é algo extraordinário, pois podemos refletir sobre como a sociedade tem tratado o conhecimento, entender a dinâmica da sociedade, como as principais instituições do Estado se apropriam da ideia de conhecimento para justificar suas práticas sociais, como por exemplo, o funcionamento das escolas no Brasil que quase sempre priorizam o conhecimento racional e principalmente a relação da CI com o conhecimento e seu valor.

Nesse sentido, sabe-se que CI insere-se em uma tradição ocidental de dar valor apenas ao que é racional. É importante lembrar que estamos falando aqui de um racionalismo filosófico, que tem como preceitos a crença nos procedimentos da razão para a determinação de técnicas para um determinado campo, ou seja, de uma corrente metafísica da filosofia moderna, de Descartes a Kant (ABBAGNANO, Nicola, 2000, p.776).

Não obstante, Descartes em seu famoso *Discurso do Método*, livro que consagrou a frase “Penso, logo sou” após refletir sobre a razão, a existência e a vida, chegou a seguinte opinião sobre a ideia de verdadeiro:

Compreendi que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste somente no pensar e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de coisa material. Desse modo, esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e até mesmo que ela é mais fácil de conhecer do que ele e, ainda que esse nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é (DESCARTES, 2006. p. 31).

A partir da concepção cartesiana de verdade e racionalidade, os questionamentos de Michel Williams e a importância dada ao problema do valor fazem todo sentido, pois ainda vivemos e reproduzimos uma racionalidade filosófica em muitas áreas da ciência, excluindo tudo que não é racional, ou seja, aquilo que não tem valor. A epistemologia e principalmente o problema do valor, devem estar sempre nos focos de debates acerca da ciência para que esta não cristalize ainda mais seus paradigmas.

O problema do valor e da cristalização de paradigmas insere-se no que entendemos por epistemologia, ou seja, como o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. Semelhante estudo tem por objetivo determinar a origem lógica (não psicológica) das ciências, seu valor e seu alcance objetivos (JAPIASSU, 1977, p. 25).

Para tal análise optamos pelo conceito de epistemologia crítica que tem por essência interrogar-se sobre a responsabilidade social dos cientistas e técnicos. A epistemologia crítica

é:

[...] fruto da reflexão que os próprios cientistas estão fazendo sobre a ciência em si mesma. Trata-se de uma reflexão histórica, feita pelos cientistas sobre os pressupostos, os resultados, a utilização, o lugar, o alcance, os limites e a significação sócio-culturais da atividade científica. O que eles pretendem mostrar é que as ciências, hoje em dia, não se impõem mais por si mesmas; que seus resultados não poderão mais construir a verdade das sociedades atuais; que suas virtudes em nada são evidentes; que os pesquisadores precisam interrogar-se sobre a significação da ciência que estão fazendo; que eles não poderão mais fazer abstração da maneira como o conjunto da pesquisa científica é institucionalizado, organizado, orientado, financiado e utilizado por terceiros; que o próprio trabalho científico está profundamente afetado pelas novas condições em que ele é realizado na sociedade industrial e tecnicizada; que os pesquisadores devem responsabilizar-se pelas consequências que suas descobertas poderão ter sobre a sociedade; que eles precisam tomar consciência de que, na vida da ciência, há duas séries de forças atuantes: as forças externas, que correspondem aos objetivos da sociedade; e as forças internas, que correspondem ao desenvolvimento natural da ciência; portanto, precisam tomar consciência de que a ciência está cada vez mais integrada num processo social, industrial e político (JAPIASSU, 1977, p. 138).

Nesse sentido, por meio da epistemologia crítica passamos a abandonar uma ideia positiva (positivista) de ciência para aceitar a ideia de uma ciência questionadora e crítica. Sabe-se que é comum, em grande parte das disciplinas, a caracterização de que algo é positivista, ou seja, como sendo alguma coisa que não permite o diálogo, que se fecha e deixa de ver a realidade e as múltiplas visões de mundo.

De qualquer maneira, essa perspectiva não é totalmente errada. No entanto, Michel Lowy apresentou uma concepção mais sistematizada de positivismo, mostrando a relação histórica desta com as ciências da natureza:

[...] da mesma maneira que as ciências da natureza são ciências objetivas, neutras, livres de juízos de valor, de ideologias políticas, sociais ou outras, as ciências devem funcionar exatamente segundo esse modelo de objetividade científica. Isto é, o cientista deve estudar a sociedade com o mesmo espírito objetivo, neutro, livre de juízo de valor, livres de quaisquer ideologias ou visões de mundo, exatamente da mesma maneira que o físico, o químico, o astrônomo, etc (LÖWY, 1985, p. 35).

O modelo de objetividade científica positivista, vinculado às ciências da natureza

tentou ser neutra, a qual os cientistas deveriam estudar a sociedade de forma imparcial. Sem mais adendos, sabemos que não existe imparcialidade na ação humana. Um exemplo interessante dado por Lowy, retirado da literatura alemã infantil, retoma o conto do Barão de Munchhausen para ilustrar a concepção positivista da objetividade:

O Barão de Muchhausen estava em seu cavalo quando afundou em um pantanal. O cavalo foi afundando, afundando, o pântano já estava quase chegando à altura do ventre do cavalo e o Barão, desesperado, não sabia o que fazer, temendo morrer ali junto ao seu cavalo. Nesse momento ele teve uma idéia genial, simples como o ovo de Colombo: ele pegou pelos seus próprios cabelos e foi puxando, puxando, até tirar a si mesmo e depois o cavalo, saindo ambos, de um salto, do pantanal (LÖWY, 1985, p. 40).

O conto ilustra muito bem a concepção positivista de objetividade segundo a qual o pesquisador para ser cientista deve se livrar das prenoções, ou seja, de seus valores, ideologias, etc, puxando-se pelos seus próprios cabelos para chegar à neutralidade.

Assim sendo, a crença dos positivistas no modelo de objetividade científica inspirado nas ciências naturais, ou melhor, a pretensão de que existe neutralidade na ciência acabou por influenciar os pressupostos científicos até os dias atuais. Para Lowie “[...] existe um elemento de auto-ilusão no procedimento dos positivistas” (LÖWY, 1985, p. 42).

Vale lembrar que a CI também foi influenciada por esses pressupostos. Construiu seu referencial teórico apoiando-se nos problemas relacionados ao “transporte físico da informação”, baseado em uma concepção objetivista de ciência dando pouca importância aos sujeitos e contextos socioculturais. Segundo Araújo, estudos de natureza positivista continuam existindo no campo:

Deve-se salientar, contudo, que estudos de natureza positivista, que reafirmam o conceito de informação na perspectiva objetivista, sem a consideração do sujeito e dos contextos socioculturais concretos, que tomam a informação como um dado e não como uma construção, continuam existindo e constituindo a perspectiva mais comum dos estudos desenvolvidos no campo (ARAÚJO, 2009, p. 203).

Nessa perspectiva, acreditamos que a CI deve ser analisada como uma ciência paradigmática. Para refletir acerca de sua relação com a manutenção dos estudos de natureza positivista, utilizamos o conceito de paradigma cunhado por Thomas Kuhn, ou seja, como [...] as realizações universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência (KUHN, 2007, p.13).

É importante ressaltar que muitos autores contestam a existência de paradigmas na CI, alegando que esta se comporta como uma ciência imatura¹⁴, ou como uma ciência solidária e interdisciplinar¹⁵. No entanto, acreditamos que existem muitos problemas na CI e que esta tem construído paradigmas, alimentado alguns estudos de natureza positiva. Dois desses paradigmas merecem destaque, são eles: o paradigma do “transporte físico da informação” e o “paradigma da tecnologia”.

O primeiro está relacionado, principalmente, a lógica da construção do referencial teórico da CI que estava vinculado ao transporte físico da informação, ou seja, foi a partir do estudo científico dessas problemáticas que foi construído o projeto de uma CI. Segundo Araújo, a CI teve suas origens a partir de um raciocínio matemático e de uma lógica linear:

Os processos que envolvem a informação passam a ser compreendidos numa lógica linear. Os autores definem a comunicação como um processo em que uma fonte, a partir de um transmissor, por meio de um canal, envia informação a um receptor, que a conduz a um destino. A informação é definida como uma medida da incerteza – não como aquilo que é informado, mas como aquilo que se poderia informar. Diante de uma pergunta com apenas duas opções de resposta, o grau de informação seria da ordem de 50%. Diante de uma pergunta com mais opções (uma situação com maior grau de incerteza), o valor informativo aumenta. Em situações de alta previsibilidade, o grau informativo é baixíssimo (ARAÚJO, 2009, p. 194).

Esse modelo de comunicação: “Transmissor – Canal – Receptor da informação” foi determinante para fundar a CI e continua atual em pesquisas recentes. Um exemplo interessante dessa permanência pode ser observado em artigo de Kobashi e Talamo intitulado, *Informação: fenômeno e objeto de estudo da Ciência da Informação*, em que os autores compararam fome e informação argumentando que, “A informação, como o alimento, é um bem. Do mesmo modo que a carência de alimento provoca a fome, a carência de informação provoca a ausência de conhecimento” (KOBASHI; TALAMO, 2003, p. 9).

Segundo as autoras para que a informação se transforme em conhecimento é necessária uma “moeda de troca” que é a cognição e o capital cultural. A partir dessa comparação é possível perceber que o paradigma da “transmissão física da informação” continua atuante, pois a informação é vista como um bem, aquela que vai ser responsável por

¹⁴ Ver: EUGÊNIO, Marconi, FRANÇA, Ricardo Orlandi, PEREZ, Rui Campos. *Ciência da Informação sob a ótica paradigmática de Thomas Kuhn: elementos de reflexão*.

¹⁵ Ver: SALDANHA, Gustavo Silva. *Thomas Kuhn na epistemologia da ciência da Informação: uma reflexão crítica*.

proporcionar conhecimento, assim como o alimento vai sanar a fome.

Essa comparação parece problemática, pois a informação não é necessariamente algo que a partir de uma “moeda de troca” pode se transformar em conhecimento, em um bem, mas a informação pode ter inúmeras possibilidades de utilização. Um cidadão bem informado pode promover a paz mundial, ou bolar estratégias para praticar inúmeros casos de corrupção, como a maioria dos políticos brasileiros.

A base da ideia de informação como um bem esta carregada de positividade, assim como a distribuição de alimento como uma forma de sanar a fome do mundo. Não conseguimos resolver o problema da ausência de informação ou da fome com a distribuição de informação ou alimentos, já que essa problemática deve ser pensada em sua complexidade. O segundo é o paradigma da tecnologia. Quando pensamos a CI como uma ciência social aplicada logo surge a ideia de que estamos sobre uma linha tênue que separa ciência e tecnologia (EUGENIO; FRANÇA; PEREZ, 1996). No entanto, essa tendência de vincular a CI exclusivamente a tecnologia tem gerado muitas polêmicas¹⁶.

William Goffman (1970 apud MOSTAFA, 1985, p. 17) fez severas críticas a associação das áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia e Computação, pois para ele nenhuma ciência deve restringir-se a seu campo de aplicação:

A CI precisa transcender as bibliotecas e os computadores e desenvolver seus princípios independentemente desses ou quaisquer outros sistemas físicos envolvendo a noção de informação e ao mesmo tempo ser aplicável a eles. O objetivo da disciplina Ciência da Informação deve ser o estabelecimento de uma abordagem científica unificada para o estudo de vários fenômenos envolvendo a noção de informação quer tal fenômeno se encontre em processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas criadas pelos seres humanos. Consequentemente o assunto deve referir-se ao estabelecimento de um conjunto de princípios fundamentais que governem todos os processos de comunicação e seus sistemas de informação associados (MOSTAFA, 1985, p. 17).

A partir dessas perspectivas e para que a CI não cristalice seus paradigmas como o do transporte físico e da tecnologia, é preciso estabelecer o que pensamos ser a proposta ou definição da ideia de Informação Religiosa. Para isso, fizemos uma explanação acerca do conceito de informação desenvolvido na CI.

¹⁶ Vale lembrar que não nos colocamos contrários à aproximação da tecnologia com a CI, mas que haja atuação conjunta entre os profissionais da computação e da CI sem perder o vínculo da informação como parcial (não neutra) e fundamental para a sociedade.

Sabe-se que a informação tem sido cada vez mais o principal elemento de transformação social nos mais variados âmbitos da sociedade. Tanto o caminhar pelas ruas como as atividades científicas necessitam de informação para estabelecer relação ou comunicar-se com o outro, ou seja, utilizamos a linguagem (vários tipos de informação) no processo de comunicação. Nesse percurso, a informação aparece como um fenômeno complexo que existe nos múltiplos espaços sociais e que pode ser trocada por meio da fala e dos diversos suportes informacionais.

Para Machlup “[...] a informação é um fenômeno humano que envolve indivíduos transmitindo e recebendo mensagens no contexto de suas ações possíveis” (MACHLUP, 1962, p.22). Capurro ao verificar que há um caos conceitual nas definições de informação na área, sugeriu que ao usarmos “[...] o termo informação em CI, deveríamos ter sempre em mente que informação é o que é informativo para uma determinada pessoa” (CAPURRO, 2007, p. 48).

Capurro lembra que o termo teve raízes latinas e gregas e que ao longo da história recebeu grande influência da escolástica. Sendo assim, mesmo com o advento da modernidade e da dita pós-modernidade, os empiristas e racionalistas não conseguiram romper com as noções escolásticas de mente ou natureza presentes na ideia de informação.

Visto dessa maneira, a informação é também um fenômeno humano que existe na relação com as pessoas e nos múltiplos espaços da sociedade, e que recebeu e recebe influência das raízes escolásticas até os nossos dias. Nessa perspectiva, é fundamental o surgimento de uma proposta para o desenvolvimento da ideia de Informação Religiosa para que seja possível desenvolver pesquisas com essa temática, pois como foi possível perceber, mesmo o conceito de informação visto como laico recebeu fortes influências da religião.

Se compreendermos a realidade como sendo algo socialmente construído, não podemos negar a influência da Informação Religiosa na forma de comportamento das pessoas e principalmente da ciência. O racionalismo que fundou a ciência acabou por distanciá-la da religião, no entanto, não conseguiu anular o seu poder de influência social. Uma possibilidade de reverter esse quadro em benefício da pesquisa e da sociedade é promover a reaproximação e entender a Informação Religiosa como uma forma de produção do saber, promovendo a ruptura do paradigma religião versus ciência:

As possibilidades aludidas residem no reagrupamento de dimensões apartadas, relação na qual ciência e religião ocupam espaços autônomos, porém, reconciliáveis. Neste ponto, este paradigma não apenas se apresenta como uma fecunda possibilidade para a superação

das controvérsias entre os conhecimentos religioso e científico, mas reporta a necessária aproximação dessas diferentes formas de saber. No entanto, ainda que determinadas concepções reconsiderem a dimensão do sagrado como valorosa instância de produção de sentidos, os apegos à racionalidade instrumental se projetam reflexivos em boa parte das práticas sociais contemporâneas relativas aos processos de construção de conhecimento (LEISTNER, 2009, p. 128).

Essa reaproximação e necessária ruptura entre religião e ciência se fazem fundamentais, pois, como vimos, ambas são responsáveis pela produção do conhecimento e participam diretamente nas decisões sociais. A CI como uma ciência preocupada com a construção da realidade não poderia relegar a segundo plano as pesquisas que envolvem Informação Religiosa.

Vale lembrar que desde que surgiram os primeiros conceitos de CI, estes possuíam quase a mesma ideia, ou seja, estava voltada para o estudo da produção, organização, armazenamento, disseminação e uso da informação, vinculando a ideia de CI a processos técnicos, aplicados. Ainda hoje, isso não mudou bruscamente, no entanto, o trabalho com a Informação Religiosa é uma possibilidade para que a CI passe a olhar a questão informacional em seu âmbito geral.

Portanto, a escolha por trabalhar com a epistemologia crítica foi à base para que pudéssemos criticar a tendência da CI de vincular seu trabalho aos procedimentos técnicos. Foi possível notar que a CI desde o seu nascimento cultivou paradigmas que continuam a influenciar as pesquisas até os dias atuais.

Além disso, averiguamos que a CI mantém um espírito conservador que está vinculado à tradição ocidental de dar valor ao racionalismo, por isso empreendemos críticas à manutenção de pesquisas positivas na área. Por meio de um rótulo de ciência aplicada acaba priorizando a tecnologia e muitas vezes anulando o sujeito.

Sobre essa tentativa da ciência de anular o sujeito, Paul Feyerabend em sua obra *Contra o Método* relata que a ciência trabalha pela simplificação de seus atores ou sujeitos principais. Segundo o autor a história da ciência foi constituída por ideias, fatos, problemas criados por interpretações conflitantes, erros, etc, que acabou por constituir a natureza dos fatos científicos, eliminando qualquer possibilidade de estabelecer relações dessas instituições com a metafísica, ou a religião com suas atividades científicas, como se essas fossem independentes ou antagônicas:

A educação científica tal como hoje a conhecemos tem precisamente esse objetivo. Simplifica a ciência pela simplificação de seus participantes: primeiro, define-se um campo de pesquisa. Esse campo é separado do restante da história (a física, por exemplo, é separada da metafísica e da teologia) e recebe uma própria. Um treinamento completo em tal lógica condiciona então aqueles que trabalham nesse campo; torna suas ações mais uniformes e também grandes porções do processo histórico. Fatos estáveis surgem e mantem-se a despeito das vicissitudes da história. Uma parte essencial do treinamento que faz com que tais fatos apareçam consiste nessa tentativa de inibir instituições que possam levar a que fronteiras se tornem indistintas. A religião de uma pessoa, por exemplo, ou sua metafísica, ou seu senso de humor não podem ter a menor ligação com sua atividade científica. Sua imaginação é restringida, e até sua linguagem deixa de ser sua própria. Isso se reflete na natureza dos “fatos” científicos, experienciados como independentes de opinião, crença e formação cultural (FEYERABEND, 2007, p. 34).

Nesse sentido, trabalhar com a ideia de Informação Religiosa é um dos desafios dessa dissertação, pois a partir dessa proposta, ao longo dos anos, poderemos compreender melhor as problemáticas da CI, entender suas raízes e, além disso, continuar propondo a possibilidade de reaproximação entre ciência e religião, já que ambos são responsáveis por grande parte da produção do conhecimento da humanidade.

Para finalizar, já que iniciamos o capítulo com a epígrafe retirada do pensamento de Karl Marx sobre a religião como sendo o ópio do povo, o terminaremos com uma declaração feita por Marilena Chauí para criticar a ciência e as proximidades da racionalidade com as providências divinas:

Desse mundo desencantado, os deuses se exilaram, mas a razão conserva todos os traços de uma teologia escondida: saber transcendente e separado, exterior e anterior aos sujeitos sociais, reduzidos a condição de objetos sócio-políticos manipuláveis (as belas-almas e as consciências infelizes dizem, eufemisticamente, “mobiáveis”), a racionalidade é o novo nome da providência divina. Talvez tenha chegado a hora da heresia: a ciência é o ópio do povo (CHAUI, 2003, p. 83).

2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD)

A igreja universal do reino de Deus é uma organização criminosa, uma quadrilha que se dedica ao crime.¹⁷

José Saramago.

A declaração feita pelo grande escritor português José Saramago ao jornal *Folha de S.Paulo* foi destacada acima com o objetivo de revelar quais são os interesses e as formas de abordagens de nosso trabalho. Ao longo dos anos, principalmente na última década a IURD tem despertado grande interesse dos principais meios de comunicação, sobretudo da imprensa.

A igreja foi acusada de exploração da credulidade dos pobres, irregularidades na compra da rede de televisão Record, e teve seu líder, o bispo Edir Macedo, como alvo de inúmeras acusações como por exemplo, charlatanismo, curandeirismo e estelionato. Sem desprezar a importância desses fatos, eles apenas foram elencados, juntamente com a declaração de José Saramago para mostrar que as perspectivas de abordagem desse trabalho pretendem percorrer outros caminhos.

Não vamos avaliar por um viés maniqueísta se a IURD é uma “organização criminosa” ou se esta envolvida com casos de corrupção, mas como uma instituição que medeia informação para um número amplo de pessoas e promove mudanças sociais, causa impactos por meio de seu discurso. Em nosso ponto de vista, a igreja é uma construção social e se destaca como importante espaço informacional.

No primeiro tópico *Religião, Edir Macedo e sociedade*, apresentamos a ideia de religião que serviu de suporte para a abordagem e desenvolvimento desse texto. Em seguida discutiremos brevemente acerca da história de Edir Macedo, seu poder de influência, sua participação fundamental para a exacerbada expansão da IURD e a capacidade de liderança do bispo como um modelo a ser seguido pelos demais pastores da igreja. Por fim, apresentamos a religião, Edir Macedo e a IURD como produto da atividade humana e essencial para compreendermos a realidade socialmente construída.

No segundo tópico *A igreja como espaço informacional*, trabalhamos com a ideia de igreja como um importante elemento na concepção de espaço informacional para ser pesquisado na área de CI. A IURD destaca-se como um espaço em plena expansão e poder de influência em quase todo mundo. Discutiremos acerca da diferença entre espaço sagrado e

¹⁷ *Folha de S. Paulo*, 30 de jan. de 1996.

espaço profano, mostrando como esses são responsáveis por construir realidades distintas e fundamentar regras de comportamento.

Em ambos os tópicos utilizamos como suporte teórico a obra de Peter Berger *O dossel sagrado: elementos para uma teoria*, segundo a qual define o sagrado e a religião como produtos da atividade humana. Tal perspectiva é vital para perceber a IURD, Edir Macedo e o espaço sagrado como empreendimento humano de construção do mundo e da realidade.

De maneira geral, o capítulo tenta fazer uma análise da relação complexa de um espaço informacional religioso, estranho a CI, e que medeia Informação Religiosa para um número cada vez mais amplo de pessoas. Além disso, desenvolve a ideia de religião, do poder de influência de Edir Macedo, de elemento informacional da IURD e da relação desses com a produção informacional na sociedade.

2.1 A Religião, Edir Macedo e a sociedade

"Mais que um pregador, Edir Macedo é um retrato bem acabado do que chamamos de líder. [...] Ainda pastor surpreendia pela vasta cabeleira e pelo gestual, a ponto de ser chamado de pastor bossa-nova. Surpreendia, sobretudo, pelo discurso”.

Douglas Tavalaro – Biografia de Edir Macedo¹⁸.

Antes de começarmos a discorrer acerca da trajetória do bispo Edir Macedo para a constituição de um dos maiores espaços informacionais do país, é essencial apresentar qual a ideia de religião que utilizamos como ferramenta de abordagem para o desenvolvimento do texto. Peter Berger de acordo com a concepção luckmanniana relata que a:

¹⁸ Esta biografia escrita por Douglas Tavalaro, repórter da TV Record, intitulada **O bispo: a história revelada de Edir Macedo** apresenta uma série de problemas, pois além de ter sido escrita por um funcionário da rede de televisões Record (pertencente ao bispo), teve que ter o crivo e autorização do mesmo para sua publicação. A biografia em quase todos os momentos exalta o líder da IURD, já que logo de início descreve com extrema dramatização como foram os 11 dias de prisão do bispo. Ao longo do livro, o autor tenta desmentir tudo que foi dito (processos, acusações) até hoje a respeito do seu patrão. Dessa maneira, utilizamos à biografia como uma importante fonte de informação, porém não abandonamos em nenhum momento uma postura crítica frente ao texto, já que sabemos que foi escrito de acordo com a aceitação de Edir Macedo. Ver: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/295>.

[...] religião é a capacidade de o organismo humano transcender sua natureza biológica através da construção de universos de significado objetivos, que obrigam moralmente e que tudo abarcam. Consequentemente, a religião torna-se não apenas o fenômeno social (como em Durkheim), mas na verdade, o fenômeno antropológico por excelência. Especificamente, a religião é equiparada com autotranscendência simbólica. Assim, qualquer coisa genuinamente humana é ipso facto religiosa e os únicos fenômenos não-religiosos na esfera humana são os baseados na natureza animal do homem, ou mais precisamente, aquela parte de sua constituição biológica que ele tem em comum com os outros animais (BERGER, 1985, p.118).

Essa concepção luckmanniana de religião parece ser um tanto quanto totalizante e autoritária. No entanto, se pensarmos sobre a religião desde os primórdios da humanidade, como foi analisado no tópico 2.2, até os dias atuais, é possível verificarmos que ela é uma construção humana e esteve ligada a quase todas as mudanças históricas.

Nesse sentido, a Informação Religiosa é um produto da atividade humana e é essa atividade que nos propusemos a entender. O mesmo pode-se dizer de Deus, não estamos aqui interessados em discutir a existência ou não de Deus, estabelecer um debate criacionismo versus evolucionismo, mas refletir acerca da existência social de Deus e como este interage com a sociedade e com as pessoas.

Dessa forma, a religião deve ser vista como parte do empreendimento humano no processo de construção do mundo e da realidade:

Pode-se dizer portanto que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano de construção do mundo. A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo (BERGER, 1985, p. 41).

A partir dessa lógica de querer entender a sociedade e suas problemáticas como a religião, a Informação Religiosa e principalmente a IURD, é que elas se destacam como importante filão de pesquisa dentro da CI.

A história da fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), o seu crescimento exacerbado, a expansão na mídia e o poder de influência social tem conquistado grande interesse dos pesquisadores de múltiplas áreas do conhecimento.

A IURD foi fundada em 1977¹⁹ e teve, desde os seus primórdios, Edir Macedo como uma das mais expressivas e carismáticas lideranças. O poder e a eloquência do discurso mediado pelo bispo Edir Macedo sobre os fiéis, encontra-se em posição de destaque frente às transformações da sociedade contemporânea.

Esse impressionante discurso mediado pelo bispo, talvez seja uma das principais formas de compreendermos os motivos pelos quais a IURD conquistou tanto espaço no cenário nacional e internacional, sendo esta uma das principais instituições religiosas que medeia informação para um número cada vez mais crescente de evangélicos. Para Zilles, “[...] não se pode entender o fenômeno da Igreja sem o talento de Macedo” (ZILLES, 1998, p. 34).

Desde a década de 1990 até os dias atuais, muitas denúncias têm envolvido a Igreja Universal, dentre elas: formação de quadrilha, lavagem de dinheiro sob denúncia do Ministério Público de São Paulo, que acusa Edir Macedo e os demais envolvidos, de se utilizarem por 10 anos da Igreja Universal para a prática de fraudes em detrimento da própria igreja e de inúmeros fiéis.

Foram acusados também de movimentação suspeita que teria somado R\$ 4 bilhões de 2003 a 2008, sendo estes recursos destinados à compra de emissoras de TV e rádio, financeiras, agência de turismo, jatinhos, entre outros. Como foi destacado inicialmente, não estamos preocupados em angariar culpados para tais fatos, nem em negar a importância de tais descobertas e a necessidade de serem tomadas as devidas punições, mas de compreender como é construído esse discurso (Informação Religiosa) responsável por promover tais impactos sociais.

Diante disso, parece de fundamental importância estudar o discurso do principal mediador da IURD, o líder Edir Macedo, ou seja, analisar de que forma ele é construído, como é disseminado e quais os principais temas abordados.

Edir Macedo é de uma família de origem nordestina. Seus pais migraram de Alagoas para o interior do Rio de Janeiro e tiveram 33 filhos, sendo que apenas 7 sobreviveram. Edir Macedo é o quarto entre eles. Aos 17 anos, tornou-se empregado da loteria do estado do Rio de Janeiro.

¹⁹ Vale lembrar que não produziremos a história do protestantismo e da IURD no Brasil de forma sistemática, pois esse não é um trabalho de historiografia. Além disso, esse tipo de abordagem tem sido recorrente nas pesquisas sobre a IURD, o que acaba tornando-se uma reprodução de alguns estudos sociológicos de qualidade, como por exemplo, MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo brasileiro*; FRESTON, P. “Breve história do pentecostalismo brasileiro”. In: ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*; SOARES, M.A.V. *Religião e integração social: pentecostalismo protestante e camadas populares – o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus*. Tese Pós-Graduação em linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2001, entre outras.

Antes de se filiar à Igreja de Nova Vida, peregrinou pelo catolicismo romano e pela umbanda. Parece ter conseguido relativo sucesso como funcionário do estado do Rio de Janeiro, mas aos 33 anos deixou o trabalho público para se dedicar à atividade religiosa. Edir Macedo desligou-se da Igreja de Nova Vida para fundar o que viria a ser a IURD.

Inicialmente, a nova igreja, fundada por ele e seus parceiros de empreitada, chamava-se Igreja da Bênção e funcionava em uma ex-funerária na cidade do Rio de Janeiro. No ano de 1977, a igreja foi registrada com o nome que a projetaria no Brasil e em vários países do mundo.

Em julho de 1980, na comemoração do terceiro ano da igreja, Edir Macedo foi sagrado bispo por Roberto A. Lopes, assumindo a forma de governo episcopal para sua igreja. Segundo Ricardo Mariano era um cargo estratégico e foi adquirido após suplantar R.R. Soares da liderança da igreja:

Macedo adotou a evangelização eletrônica como carro-chefe de sua estratégia proselitista. E por meio da popularidade adquirida como apresentador de um programa religioso na Rádio Metropolitana, conseguiu suplantar R. R. Soares na liderança da igreja. Em 1980, implementou o governo eclesiástico episcopal, no qual assumiu o posto de bispo primaz e o cargo vitalício de secretário-geral do presbitério, cargo do qual renunciaria em 1990 para evitar que eventuais sanções penais contra si atingissem a igreja (MARIANO, 2004, p. 4).

Após deixar o cargo vitalício, Macedo investe forte em propaganda para promover a expansão da IURD que começou pelo território nacional, depois se espalhou para os demais estados até atingir a totalidade do país.

A IURD foi se consolidando no Brasil ao mesmo tempo em que tratou de lançar as suas raízes em outros países. Antes mesmo de se consolidar em território nacional já começava a se fazer presente no exterior. Hoje a igreja possui extensão em quatro continentes.

O bispo Edir Macedo é o principal responsável por essa expansão. Os pastores têm em Macedo a imagem de um líder vitorioso e exemplo a ser seguido, como bem observa Swatowski:

É importante ressaltar que na IURD não há escola teológica. O aprendizado dos que desejam seguir carreira na denominação ocorre principalmente na prática e de acordo com a hierarquia instituída. Nesse processo, verifica-se que os aprendizes procuram mimetizar pastores mais antigos, e tomam Macedo, que desenvolveu um estilo próprio, como um exemplo a ser seguido. As palavras do líder são

reproduzidas e recriadas por outros bispos e pastores da IURD no esforço de cativar multidões (SWATOWISKI, 2007, p. 2).

Além do poder de cativar multidões, Edir Macedo tem uma trajetória impressionante. Foi preso, apoiado por Lula e por grande parte dos políticos brasileiros, construiu um império de comunicações e colocou sua igreja em mais de 172 países. São mais de 4.750 templos e cerca de 9.660 pastores apenas no Brasil (TAVALARO, 2007, p. 201).

Essa informação mediada pelo bispo e divulgada pelos seus veículos de comunicação causa impactos sociais e é responsável por participação significativa no processo de construção da realidade. Segundo Berger, “Já se disse acertadamente que a sociedade, na sua essência, é uma memória. Pode-se acrescentar que, através da maior parte da história humana, essa memória foi religiosa” (BERGER, 1985, p. 54).

Nesse sentido, podemos concluir o tripé “Religião, Edir Macedo e sociedade”, escolhido nesse tópico, pois como foi possível observar, a religião é um fenômeno social e essencial no processo de formação da memória da maior parte da história humana. Edir Macedo é uma das mais impressionantes criações da sociedade atual, e negligenciá-lo nas pesquisas seria negligenciar também parte da sociedade.

2.2 Igreja: um elemento na concepção de espaço informacional

A ideia de ambiente ou espaço informacional dentro da CI está quase sempre ligada a bibliotecas, arquivos, museus, empresas, organizações, etc. Sem negar a importância dessa concepção, já que é fundamental pensar o fluxo informacional nesses ambientes, decidimos propor a ampliação da concepção de espaço informacional.

Existem múltiplos espaços que medeiam informação para a sociedade, dentre eles o espaço sagrado. Este espaço sempre existiu ao longo da história, desde os primórdios das civilizações, o homem reservava alguns espaços para as divindades, como por exemplo, o culto ao fogo, o culto aos mortos e posteriormente pirâmides. Ao longo dos anos outros espaços sagrados surgiram como igrejas, sinagogas, mesquitas, templos, terreiros, centros, entre outros.

No entanto, a concepção de espaço para o homem religioso não é a mesma que para o homem profano. Para o primeiro, o espaço sagrado não é homogêneo:

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta rupturas, quebras, há porções de espaço qualitativamente diferente das outras, “não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés, tira as suas sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa” (Êxodo, 3:5) [...] Mais ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 1992, p. 25).

Dessa forma, o homem religioso cria o seu próprio espaço, sendo este o único que é real. Assim, esse espaço não homogêneo que é sagrado se opõe ao espaço profano, ou melhor, a todos os espaços que não sejam os que criam a sua realidade. Nesse sentido, quase tudo o que acontece nesse espaço, como por exemplo, cultos, leituras e interpretações da bíblia e da sociedade, valores de consumo, posturas diante da vida, posicionamentos políticos, doações, afetividades, etc, são vistas como mais reais do que as que ocorrem em outros espaços.

Fato que demonstra a força do discurso da IURD e de Edir Macedo para a formação da opinião dos fiéis – leitores²⁰. A IURD faz de três a quatro cultos diariamente, como observou Mariano:

[...] a Universal abre seus templos religiosamente todos os dias para a realização de três a quatro cultos públicos. Para manter essa "máquina" funcionando num tal ritmo de linha de produção, seus pastores trabalham em período integral, dedicando-se exclusivamente à denominação. Vínculo e compromisso institucionais que constituem enorme vantagem competitiva em relação às outras igrejas pentecostais, cujos pastores, majoritariamente, exercem outras atividades profissionais. A Universal, além disso, conta com o trabalho cotidiano de dezenas de milhares de obreiros voluntários, que desempenham tarefas cruciais para garantir o bom funcionamento dos cultos e da evangelização pessoal (MARIANO, 2004, p. 6).

Além de impor rotina incansável de cultos, mantém forte influência na imprensa, tanto com canais de televisão e rádio funcionando 24hs, como divulgando sua doutrina por meio de jornais e revistas. Essa postura faz com que a igreja consiga ampliar seu espaço informacional para um número cada vez maior de pessoas.

Talvez essa seja uma das explicações para o crescimento exacerbado da IURD, que em três décadas se tornou um dos mais importantes espaços religiosos do país. Desde sua

²⁰ Utilizamos o termo fiel – leitor em uma concepção ampla de leitura, ou seja, o fiel não apenas lê a Folha Universal ou qualquer outro suporte informacional que agrega registro, mas é sujeito leitor do mundo.

fundação no Rio de Janeiro em 1977 até a década de 90 passou a existir em mais de oitenta países:

Em menos de três décadas se transformou no mais surpreendente e bem-sucedido fenômeno religioso do país, atuando de forma destacada no campo político e na mídia eletrônica. Nenhuma outra igreja evangélica cresceu tanto em tão pouco tempo no Brasil. Seu crescimento institucional foi acelerado desde o início. Em 1985, com oito anos de existência, já contava com 195 templos em catorze Estados e no Distrito Federal. Dois anos depois, eram 356 templos em dezoito Estados. Em 1989, ano em que começou a negociar a compra da Rede Record, somava 571 locais de culto. Entre 1980 e 1989, o número de templos cresceu 2.600%. Nos primeiros anos, sua distribuição geográfica concentrou-se nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Salvador. Em seguida, expandiu-se pelas demais capitais e grandes e médias cidades. Na década de 1990, passou a cobrir todos os Estados do território brasileiro, período no qual logrou taxa de crescimento anual de 25,7%, saltando de 269 mil (dado certamente subestimado) para 2.101.887 adeptos no Brasil, de onde se espalhou para mais de oitenta países. (MARIANO, 2004, p. 4).

Atualmente a IURD existe em quase todas as cidades brasileiras, onde quer que exista possibilidade de crescimento, adeptos e fiéis-leitores a igreja é construída. Neste momento, a IURD está construindo uma igreja que pretende ser a maior de São Paulo. O projeto ficou conhecido como o “Templo de Salomão”, complexo que terá capacidade para 10 mil pessoas sentadas, estacionamentos para mais de mil carros, escola bíblica para mais de 1.300 crianças, auditório para mais de 500 pessoas e estúdio de rádio e televisão.

Foto 1 : Templo de Salomão da IURD



Fonte: www.folhauniversal.com.br

Segundo o blog do bispo Edir Macedo²¹ o templo terá 12 pedras representando as 12 tribos, sendo essas retiradas de Israel. Os arquitetos e engenheiros responsáveis pelo projeto afirmam que o templo de Salomão foi redesenhado a partir de citações bíblicas. A edificação terá duas vezes a altura do Cristo Redentor do Rio de Janeiro e será concluída em 2014.

Há algum tempo que a IURD vem construindo grandes empreendimentos na maioria das cidades brasileiras. Em Bauru, interior de São Paulo, por exemplo, a IURD foi construída no centro da cidade com estacionamento para mais de 350 carros, capacidade para mais de 1.200 pessoas sentadas, escola bíblica para crianças e estúdio de rádio e televisão. Além disso, a sede conta com o Drive Thru de orações, onde os motoristas são convidados a passar pelo estacionamento da igreja para receber orações (BOM DIA, 14, jul, 2010, p. 14)

A IURD é responsável por alteração no espaço urbano de inúmeras cidades, como por exemplo, Uberlândia:

[...] partindo do princípio de formação de região e de controle de territórios, constatamos que a IURD instala-se em bairros com índices de pobreza mais elevados. Essa dinâmica de instalação em bairros mais pobres da cidade não é uma particularidade de Uberlândia, uma vez que isso é uma estratégia utilizada pela igreja. Constatamos também que essa igreja se utiliza de cultos para conseguir fiéis. Assim, acreditamos que a IURD está sendo responsável por alterações no modo de vida de seus fiéis, e que como consequência disso, está alterando a organização do espaço urbano de Uberlândia (SILVA; DUARTE; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003, p. 9).

Essa dinâmica de instalação em bairros mais pobres da cidade continua vigente, no entanto, a igreja também avançou para os bairros ricos das cidades e também nos centros. Além disso, a IURD vem conquistando um público cada vez mais abastado, como empresários e universitários.

A importância da IURD como espaço informacional é explícito, tanto que o biógrafo de Edir Macedo e funcionário da Rede Record, Douglas Tavalaro, ao falar da expansão da igreja em outros países, fez comparações com empresas multinacionais como, por exemplo, Mc Donald's e Philips Morris:

O mapa da expansão não tem contornos. Ultrapassou as fronteiras do Brasil ainda nos anos 1980: América, Europa, Ásia e África. A presença da igreja já é maior que a de muitas multinacionais de porte – a Philips Morris, dona da marca de cigarros Marlboro, por exemplo, está em 160 países e o Mc Donald's, famosa rede de fast food, em 118. A Universal já chegou em 180 países. A cada quinze dias, um

²¹ <http://www.bispomacedo.com.br/blog/>. Acesso em 03/ago/2011.

pastor se transfere para fora do país. Prega-se em inglês, espanhol, russo, japonês, africâner, zulu, entre outros idiomas, sem contar os dialetos. A maioria dos religiosos viaja sem conhecer a língua estrangeira (TAVALARO, 2007, p. 245).

Dessa forma, a IURD se destaca também como um importante espaço informacional internacional, que tem como pressuposto romper fronteiras e levar sua mensagem ao mundo. Isso torna o discurso da IURD e principalmente de Edir Macedo mais intrigante, pois ele não se limita a interagir com apenas a sociedade brasileira, mas tem aprovação por grande parte da população mundial.

A igreja se utiliza de muitas propostas para solucionar problemas, como por exemplo: vícios, desemprego, nervosismo, depressão, problemas familiares, filhos rebeldes, enfermidades crônicas, espíritos obsessores, desejo de suicídio, insônia, olho grande, entre outros. Faz correntes da prosperidade, descarrego, família, libertação, causas impossíveis, etc, de segunda a sexta-feira.

Esse espaço informacional todo dia interage com os fiéis – leitores oferecendo proteção contra os males do mundo, o que o torna um espaço sagrado que serve de escudo para o homem contra o terror do caos, como bem observa Berger:

O cosmos sagrado, que transcende e inclui o homem na sua ordenação da realidade, fornece o supremo escudo do homem contra o terror da anomia. Achar-se numa relação “correta” com o cosmos sagrado é ser protegido contra o pesadelo das ameaças do caos. Sair incongruência. Não é fora de propósito observar aqui que o vocábulo “caos” deriva de uma palavra grega que quer dizer “voragem” e que “religião” vem de um palavra latina que significa “ter cuidado”. Por certo, aquilo sobre o que o homem anda “cuidadoso” é sobretudo o poderoso poder inerente às próprias manifestações do sagrado. Mas por trás desse perigo está o outro, muito mais horrível, de que se possa perder toda conexão com o sagrado e ser engolido pelo caos (BERGER, 1985, p. 40).

A ideia de anomia, em português, utilizada por Peter Berger é uma adaptação do *anomie* de Durkheim que se refere à ruptura das normas de comportamento postuladas pela sociedade. Na concepção Durkheimiana os homens são forçados a impor uma ordem significativa à realidade e essa ordem pressupõe o empreendimento social de ordenar o mundo.

Nesse sentido, a anomia é vista como uma possibilidade de romper a ordem do mundo

(profano) criando outra forma de ordenação, o nomos do espaço sagrado. Dessa forma, o espaço sagrado passa a existir como realidade. Sendo assim, o espaço informacional no ambiente sagrado é único, existe como realidade e serve de proteção contra o caos do mundo profano.

O indivíduo ao adentrar a IURD, ou seja, a um espaço religioso encontra-se em uma estrutura de plausibilidade²² que lhe proporciona conforto e sensação de bem-estar, pois ele está rodeado de indivíduos que compartilham do seu nomos, como relata Berger:

Para o indivíduo, existir num determinado mundo religioso significa existir no contexto social particular no seio do qual aquele mundo pode manter a sua plausibilidade. Onde o nomos da vida individual é mais ou menos coextensivo àquele mundo religioso, separar-se deste último implica em ameaça de anomia (BERGER, 1985, p. 41).

Dessa forma, o indivíduo torna o espaço religioso um espaço informacional único e totalmente real. Espaço em que pode manter a sua estrutura de plausibilidade. O que torna o problema da informação um fenômeno amplo e complexo, de forma que uma ciência que se limita a pesquisar apenas alguns espaços informacionais tende a não dar conta de compreender o seu próprio objeto. Isso é possível perceber, por exemplo, quando analisamos as estatísticas de leitura no Brasil.

Pesquisa publicada pelo Instituto Pro-Livro em 2012 divulgou que 75% dos brasileiros não frequentavam bibliotecas, que o gênero mais lido pelos leitores é a Bíblia, além de ser citada como o livro mais marcante. Fizemos uma tabela para salientar esses dados (INSTITUTO Pro-Livro).

Quadro 1 – Os leitores brasileiros

- 75 % dos brasileiros não freqüentam bibliotecas.
- Bíblia: 1º como gênero mais lido pelos leitores.
- Bíblia: 1º como livro mais marcante.
- Bíblia: 1º como ultimo livro que leu ou está lendo.

FONTE: elaborado pelo pesquisador.

²² O conceito estrutura de plausibilidade é utilizado por Berger para designar um espaço nômico, ou seja, um espaço em que um grupo compartilha de ideias parecidas e se sentem em um ambiente confortável.

Na pesquisa constatou-se que a sociedade brasileira de uma forma geral não possui o hábito de frequentar bibliotecas e que o gênero mais lido pela maioria da população é a bíblia.

Assim sendo, é possível perceber que as bibliotecas – espaço informacional que é um dos principais objetos de pesquisas da CI - são frequentadas por um público restrito, sendo as pesquisas desenvolvidas nesses espaços apenas uma das várias formas de contribuição para compreendermos os problemas informacionais. A pesquisa mostrou também que a Informação Religiosa é uma das informações mais apropriadas pelos brasileiros. Vale lembrar que 91% dos brasileiros são cristãos.

Dessa forma, a igreja é um espaço informacional essencial para tentarmos compreender os problemas informacionais, pois além de mediar informação para um número amplo de pessoas, ainda é capaz de criar um espaço único e fundamental na produção do conhecimento.

Portanto, conjuntamente com a ideia de espaço informacional como bibliotecas, arquivos, museus e organizações, é possível pensar a igreja também como um importante espaço informacional responsável por formar opiniões, direcionar condutas de vida e principalmente existir como ordenação do mundo e da realidade.

3 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Antônio Gramsci, assim como Max Weber, foi um dos autores que se preocuparam com a questão religiosa como uma das formas de tentar compreender a sociedade. Gramsci percebeu a importância dos fenômenos religiosos e da existência de um corpo de profissionais responsáveis pela produção ideológica da sociedade (PORTELLI, 1947, p. 33).

Sua concepção de intelectual vincula-se ao saber sentir e as sensibilidades do povo:

O elemento popular sente, mas nem sempre compreende e sabe; o intelectual sabe, mas nem sempre compreende e muito menos sente [...] O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem sentir, ou seja, sem sentir as paixões do povo, compreendendo-as e, assim, explicando-as e justificando-as em determinada situação histórica (GRAMSCI, 1978, p. 139).

Essa sensibilidade do autor o levou a querer compreender as religiões populares e a sua função na sociedade, o que o fez romper com a tradição economicista ortodoxa do pensamento marxista, que acabava por priorizar o papel da propriedade privada dos meios de produção e da relação de exploração que ocorre entre burguesia e sociedade na base da organização da sociedade. Além disso, seu conceito de intelectual como sendo todos os homens colocou novas formas de conceber a sociedade.

A partir das contribuições de Gramsci tentamos compreender o profissional e os mediadores da informação dentro da CI. Esta área tem um conceito restrito de profissional da informação vinculado a determinadas áreas do conhecimento e muitas vezes neutro e imparcial.

O presente capítulo tem por objetivo entender esse sujeito e lançar novas possibilidades de pensar a atuação do mediador da informação na sociedade. No primeiro tópico *Por uma definição ampla do conceito de mediadores da informação* discorremos sobre o que se entende por mediadores e profissional da informação dentro da CI. A necessidade de adicionar elementos a esses conceitos e fomentar novas pesquisas na área e em múltiplos espaços informacionais.

No segundo tópico *O intelectual orgânico como mediador da informação* refletimos sobre a possibilidade de trabalhar com um leque amplo de mediadores sociais. Discorremos acerca das contribuições do conceito de intelectual orgânico de Gramsci e como este pode ajudar na formação e atuação do profissional da informação.

No terceiro e último tópico *Edir Macedo: mediador da informação* apresentamos o bispo como um intelectual influente e responsável por mediar informação para um amplo número de pessoas. Procurou-se apresentar Edir Macedo como responsável por informar, formar opiniões, direcionar e construir o mundo e a realidade.

De forma geral, o capítulo apresenta uma noção do que pensamos ser o mediador da informação e quais seus papéis e funções na sociedade. Utilizamos autores como Le Coadic, Valentim, Almeida Júnior, Castro, Bortolin, entre outros para fundamentar a ideia de mediador da informação.

E autores como Sciarreto, Del Roio, Portelli e principalmente Gramsci em seus *Cadernos do Cárcere* para discorrer acerca do conceito de intelectual orgânico. Dessa maneira, esperamos que a proposta a seguir sobre a ideia de mediador da informação possa servir de inspiração para fomentar novos debates e reflexões no campo.

3.1 Por uma definição ampla do conceito de mediadores da informação

O conceito de mediador da informação no campo da CI tem sido associado, em quase toda a literatura científica, a ideia do profissional bibliotecário, arquivista ou museólogo. Isso acontece com grande parte dos principais teóricos da CI. Le Coadic, por exemplo, em seu clássico *Ciência da Informação* entende por profissionais da informação:

[...] as pessoas, homens [...] e mulheres, que adquirem informação registrada em diferentes suportes, organizam, descrevem, indexam, armazenam, recuperam e distribuem essa informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela (LE COADIC, 1996, p. 106).

Como é possível observar, Le Coadic comunga com a ideia de profissional da informação como sendo aquele que organiza, indexa, armazena, recupera, distribui, ou seja, alguém que faça parte das três Marias²³. No entanto, há também uma significativa literatura crítica que reflete acerca do profissional bibliotecário e suas instâncias como sua formação profissional²⁴, seu compromisso ético, atuação e produção para o mercado²⁵.

²³ Termo criado por Johanna W. Smit para designar as três áreas vista pela autora como irmãs (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia).

²⁴ Ver artigo de César Augusto Castro intitulado: *Ciência da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos*, aborda de forma crítica a necessidade de formar profissionais reflexivos em um mundo globalizado.

²⁵ Ver livro organizado por Marta Valentim intitulado: *O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional*, cujos artigos de José Augusto Guimarães, Marta Valentim e Oswaldo Almeida Junior retratam

Todavia, mesmo com toda essa produção, ainda não encontramos uma definição mais abrangente acerca do conceito do profissional da informação para podermos trabalhar em vários âmbitos sociais.

A primeira proposta que tentou promover mudanças e ampliar a participação do profissional da informação para além das unidades informacionais tradicionalmente pesquisadas na área de CI, foi a partir do surgimento da concepção de mediação da informação na definição feita por Almeida Júnior:

Mediação da informação é toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação - direta ou indireta; consciente ou inconsciente, singular ou plural, individual ou coletiva; que propicie a apropriação da informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 46).

No entanto, mesmo com o aparecimento dessa nova definição ainda é possível encontrar algumas restrições. Percebe-se que a ideia de mediação proposta pelo autor amplia a concepção de profissional da informação. Contudo, essa ideia ainda parece estar presa à noção do profissional das três Marias.

O pesquisador que queira analisar um espaço informacional que não seja os tradicionalmente pesquisados pela CI, como uma igreja, por exemplo, será desestimulado a utilizar o conceito de mediação tradicionalmente utilizado pelo campo, mesmo que esse carregue consigo os preceitos fundamentais de “interferência” e “apropriação”, pois eles ainda estarão atrelados à ideia já posta de profissional da informação.

Em artigo intitulado *Mediação da informação e múltiplas linguagens*, Almeida Júnior define com maior precisão a ideia, deixando claro que o usuário interfere e interage com a informação:

A mediação da informação permite e exige concepção de informação que desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação. Dessa forma, defendemos que o usuário é quem determina a existência ou não da informação. A informação existe apenas no intervalo entre o contato da pessoa com o suporte e a apropriação da informação. Como premissa, entendemos a informação a partir da modificação, da mudança, da reorganização, da reestruturação, enfim, da transformação do conhecimento. Assim entendida, ela, informação, não existe antecipadamente, mas apenas na relação da pessoa com o

conteúdo presente nos suportes informacionais. Estes são concretos, mas não podem prescindir dos referenciais, do acervo de experiências e do conhecimento de cada pessoa. Em última instância, quem determina a existência da informação é o usuário, aquele que faz uso dos conteúdos dos suportes informacionais. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 97).

No entanto, ainda encontramos problemas para desenvolver pesquisa com outros espaços informacionais, pois normalmente não definimos um fiel, um torcedor ou um enfermeiro como sendo um usuário, já que o termo não carrega consigo essa abrangência. Nesse sentido, mesmo com toda produção científica de extrema qualidade que aborda o profissional da informação e dos mediadores informacionais, as definições necessitam de expansão.

Vale lembrar que Bicheri em sua dissertação: *A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação* apresentou em determinado momento ideia ampla de mediação, relatando que a informação é mediada em todos a âmbitos da sociedade e não se restringe a uma determinada atividade ou a apenas um tipo de profissional:

Os mediadores e a mediação não estão restritos a uma categoria profissional e nem a uma atividade específica. O mediador pode ser o professor, um padre, um pastor, um escritor, um jornalista, um apresentador de TV ou rádio, um bibliotecário, um crítico de cinema, entre outros. Cada mediador tem sua importância. Os mediadores do conhecimento favorecem a interação entre pessoa e objeto do conhecimento, propiciando a construção, divulgação, disponibilização e reconstrução do conhecimento. Tais mediadores podem se dividir em incontáveis profissões nos diferentes estratos sociais e culturais de uma comunidade, seja ela letrada ou popular (BICHERI, 2008, p. 94).

A definição de Bicheri vem ao encontro do que propomos nesse tópico, ou seja, adicionar elementos ao conceito de mediador da informação e conseguir fomentar pesquisas dentro da CI em múltiplos espaços informacionais.

Nesse sentido, optamos por trabalhar com a ideia de “intelectual orgânico” cunhado por Gramsci, já que acreditamos que o conceito é fundamental, pois além de ampliar a ideia de que os mediadores da informação podem pertencer aos mais variados grupos sociais e não precisa ser letrado, ainda traz a ideia do mediador “não neutro” capaz de promover significativas transformações sociais.

Vale lembrar que o autor Marco Antônio de Almeida atenta para a necessidade de se

pensar o profissional da informação como um intelectual orgânico para romper com o seu perfil técnico e de aparente neutralidade e compreendê-lo em sua função crítica (ALMEIDA, 2007, p. 13).

Nesse sentido, o tópico seguinte *O intelectual orgânico como mediador da informação* tenta situar o mediador em sua função profissional e crítica diante da sociedade, mostrando que este exerce funções vitais no processo de mediação da informação e construção do mundo e da realidade.

3.2 O intelectual orgânico como mediador da informação

“Quanto melhor forem assimilados os intelectuais tradicionais, tanto mais facilmente a classe dominante conseguirá expressar os seus próprios intelectuais orgânicos”.

Gramsci

O conceito de mediação da informação e sua restrita definição voltada à atuação do profissional da informação (bibliotecário, arquivista, museólogo), como foi elencado em tópico acima, tem sido um problema para o desenvolvimento de algumas pesquisas na área de CI que pretendem trabalhar com outros espaços informacionais.

Diante disso, formulamos algumas questões para iniciarmos a discussão dessa problemática: se o conceito de mediação se restringe, em muitos casos, a estes três profissionais como poderemos refletir sobre os demais mediadores sociais? Como trabalhar com a informação mediada nos vários grupos, como igrejas, escolas, hospitais, estádios de futebol, meios de comunicação, partidos, etc?

Para tentarmos responder a tais angústias escolhemos o conceito de “intelectual orgânico” cunhado por Gramsci em suas obras: *Os intelectuais e a organização da cultura e o 2º volume dos cadernos do cárcere*.

Antonio Gramsci foi uma das referências essenciais do pensamento de esquerda no século 20, cofundador do Partido Comunista Italiano. Nasceu no ano de 1891 em Ales, na

Sardenha, e morreu em 1937 algum tempo depois de deixar a prisão.

Jornalista, crítico literário e político, Gramsci foi responsável por uma transformação da visão ortodoxa economicista do marxismo, dando importância à subjetividade humana no materialismo histórico:

[...] de forma marxianamente não ortodoxa, “desmonta teoricamente o economicismo”, e põe a questão da centralidade da subjetividade humana no materialismo histórico, o estudo da religião (outro dado incomum entre os seguidores de Marx) adquire um papel considerável, tratada por Gramsci como um elemento concreto, envolvendo diferentes níveis de relações e, portanto, de abstrações (SCIARRETO, 2009, p. 1).

Vale ressaltar que não temos a intenção de promover adaptações anacrônicas dos conceitos gramscinianos - que foram pensados no período pré-segunda guerra mundial - à sociedade atual, mas mostrar o quão alguns desses conceitos, como por exemplo, de intelectual orgânico e de hegemonia, continuam importantes para compreender a transformações contemporâneas.

Alguns autores da CI já atentaram para a concepção de intelectual orgânico como importante para pensar o profissional da informação. Marco Antônio de Almeida, por exemplo, relata que:

Se hoje soa utópico ou ingênuo pensar num perfil de profissional da informação como “intelectual orgânico” em função da série de mudanças pelas quais passou o mundo contemporâneo e o Brasil em particular, tampouco vale apontar para um perfil “técnico” que, na sua aparente neutralidade, escamoteia questões sociais e políticas relevantes. A inserção dos profissionais de informação nos processos culturais atentando para sua função de construção da hegemonia parece-me, nesse sentido, um dos focos a ser privilegiado numa formação que se quer crítica (ALMEIDA, 2007, p. 13).

Como é possível observar, a revisão gramsciniana da teoria marxista considera os diversos aspectos para compreender a sociedade e sua cultura, dentre eles a religião popular. Além disso, desnuda certa visão de neutralidade do profissional da informação que muitas vezes aparecem nos manuais da CI. Por esses motivos resgatamos Gramsci para formar nossa concepção de mediadores da informação.

Para o autor existem diversas categorias de intelectuais, dentre eles, os que nos cabe aqui abordar como o “intelectual tradicional”. Os intelectuais tradicionais são aqueles

formados historicamente por grupos da classe dominante, como bem observa Gruppi (1979) sobre Gramsci:

Hoje – diz Gramsci - , o capitalismo industrial cria essencialmente os técnicos, os cientistas ligados a produção. São esses os intelectuais orgânicos do capitalismo, isto é, ligados intimamente a função produtiva, a função da economia capitalista. Todo grupo social, quando se afirma no campo econômico deve elaborar sua própria hegemonia política e cultural – deve criar portanto, os próprios quadros, os próprios intelectuais - , encontra ao mesmo tempo intelectuais já formados pela sociedade precedente, pela formação econômica - social anterior: os intelectuais tradicionais (GRUPPI, 1979, p. 80).

Nesse sentido, o mundo capitalista cria seus próprios intelectuais que acabam por serem os grandes responsáveis por mediar informação para a maioria das pessoas. Para o autor, o tipo “tradicional” de intelectual é o filósofo, literato, artista e jornalista que creem serem os verdadeiros intelectuais.

Gramsci relata que não existe o não intelectual, todo homem desenvolve uma atividade intelectual. Nesse sentido, o autor rompe com a ideia de “intelectual tradicional”, ou seja, os pensadores que defendem os interesses da classe dominante e cria o seu próprio conceito moderno de intelectual:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, persuasor permanente, já que não apenas orador puro – e superior, todavia, ao espírito matemático abstrato, da técnica-trabalho, eleva-se a técnica – ciência e a concepção humanista histórica, sem a qual se permanece especialista e não se chega a dirigente (GRAMSCI, 1979, p. 8).

Dessa maneira, o intelectual deixa de ser alguém necessariamente letrado (representante da classe dominante) e passa a ser aqueles que representam a vontade dos mais variados grupos ou espaços informacionais, ou seja, o pastor, padre, o professor, o representante comunitário, o profissional da saúde, o músico, o jornalista, o profissional da computação, etc.

A necessidade de interpretarmos o mundo, também, a partir de uma perspectiva vinculada à questão do trabalho humano e da reprodução das desigualdades promovidas pelo mundo capitalista, não é algo que se perdeu no século XX. A atualidade dessa temática nos

faz pensar a respeito das novas circunstâncias do capitalismo desse século, como bem observa Del Roio:

[...] a atualidade do trabalho humano e da reconstituição do proletariado como classe mantêm-se nas circunstâncias do capitalismo do século XXI, embora despida da tendência identitária e particularista predominante nas fases anteriores, o que mostrou ser o principal empecilho a uma perspectiva de auto-emancipação (DEL ROIO, 2005, p. 19).

Nessa perspectiva podemos refletir acerca do trabalho humano e da importância dos intelectuais como fundamentais mediadores da informação no mundo capitalista do século XXI e essenciais elementos para transformar ou manter a sociedade atual. Para Gramsci o mundo capitalista cria os seus próprios “intelectuais tradicionais”, ou seja, aqueles provenientes principalmente de pequenos estratos da pequena e média burguesia urbana e rural:

Deve-se notar que a elaboração de camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas segundo processos históricos tradicionais muito concretos. Formaram-se camadas que, tradicionalmente, produzem intelectuais; e eles são as mesmas que, com frequência, especializaram-se na poupança, isto é, a pequena e média burguesia fundiária e alguns estratos da pequena e média burguesia urbana. (GRAMSCI, 2001, p. 20).

Essa sociedade influenciada por intelectuais tradicionais que não pretendem promover qualquer alteração nas formas desiguais de relações estabelecidas historicamente, tende a reproduzir constantemente os mesmos intelectuais que foram e continuam a ser assimilados pelo grupo de “intelectuais tradicionais”.

Sabendo que o desenvolvimento orgânico das massas, até certo ponto, depende dos movimentos de intelectuais, Gramsci propôs a ideia ampla de intelectual, segundo a qual, “todos os homens são intelectuais”. Para o autor toda atividade exige o mínimo de atividade intelectual criadora:

[...] o operário ou proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais (sem falar no fato de que não existe trabalho puramente físico,

e de que mesmo a expressão de Taylor, do “gorila amestrado”, é uma metáfora para indicar o limite numa certa direção: em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora). E já se observou que o empresário, pela sua própria função, deve possuir em certa medida algumas qualificações de caráter intelectual, embora sua figura intelectual seja determinada não por elas, mas pelas relações sociais gerais que caracterizam efetivamente a posição do empresário na indústria (GRAMSCI, 1979, p. 18).

Nesse sentido, Gramsci nos apresenta a possibilidade de rompermos com a ideia tradicional de intelectual restrita àquela do filósofo, literato, artista e jornalista que creem serem os verdadeiros intelectuais, e revela a necessidade dos vários grupos sociais terem os seus próprios intelectuais. A partir dessa visão podemos entender o profissional e o mediador da informação em uma dimensão ampla, não apenas aqueles tradicionalmente pesquisados pela CI (bibliotecário, arquivista, museólogo), mas aos mais variados espaços informacionais.

Dessa maneira, entendemos os profissionais e os mediadores da informação como sendo intelectuais orgânicos oriundos de diversos ambientes, ou seja, todos aqueles que pertençam a múltiplos espaços e que mediem informação à sociedade. Assim sendo, por meio dessa concepção, além de ampliarmos a ideia de mediadores da informação, ainda colocamos esses como agentes transformadores sociais.

Assim sendo, tentamos retratar nesse tópico das restrições do conceito de mediação da informação que vem inibindo o desenvolvimento de novas pesquisas sobre os espaços informacionais fundamentais para compreendermos a circulação da informação na sociedade e como essas são postas a margem de pesquisas na área da CI.

A ideia do intelectual orgânico como mediador da informação traz elementos fundamentais para analisarmos a informação mediada nos mais variados espaços informacionais, como nas igrejas, escolas, hospitais, estádios de futebol, meios de comunicação, partidos, estúdios, domicílios, centros culturais, bares, manicômios, etc.

Assim sendo, os mediadores podem ser uma infinidade de pessoas letradas ou não, como: o pastor, o padre, o jogador, o representante comunitário, o professor, o profissional da saúde, o músico, o jornalista, o trabalhador da indústria, o motorista, o cobrador de ônibus, etc.

Conceber o mediador da informação a partir da concepção gramsciniana de intelectual orgânico não só amplia a ideia de mediação da informação e a possibilidade de desenvolver novas pesquisas nos inúmeros espaços informacionais, como também deixa a ideia de que

todos são intelectuais e agentes mediadores da informação e não apenas um restrito intelectual “tradicional”, ou seja, um profissional letrado (o filósofo, literato, artista e jornalista) que creem serem os verdadeiros intelectuais, pois para Gramsci “todos os homens são intelectuais”.

Portanto, para que possamos trabalhar com os múltiplos mediadores sociais e espaços informacionais há a necessidade urgente da CI entender os mediadores da informação como intelectuais orgânicos, pois a partir daí poderemos compreender um pouco do possível objeto da CI (a informação) e como esta interfere na vida das pessoas e promove transformações sociais.

3.3 Edir Macedo: mediador da informação

Uma das principais características do bispo Edir Macedo é o seu impressionante discurso, o impacto que este causa nas pessoas e o poder de conquistar novos fiéis-leitores. Segundo Douglas Tavalaro, Edir Macedo começou a discursar aos sábados, no jardim do Meier, subúrbio carioca. Usava apenas um teclado, um microfone, uma caixa de som e uma Bíblia (TAVALARO, 2007, p. 109).

Discursava sobre um telhado e aos poucos foi juntando pequenos grupos de pessoas. Hoje, dono de um dos maiores impérios de comunicação do Brasil, seu poder de influência é muito grande. Os pastores da IURD têm o bispo como espelho. Fato que justifica a escolha de Edir Macedo (seu discurso) como objeto de pesquisa, já que o consideramos um dos principais mediadores sociais da atualidade.

O líder da IURD insere-se no rol de intelectuais responsáveis por criar ideias e organizar o real. De acordo com Solange Mostafa os pastores são um dos grupos funcionalizados por uma instituição também responsáveis por moldar nosso comportamento, visão e sobrepor uma hegemonia para o saber:

Na sua historicidade e inteireza, o saber é orgânico, no sentido de ser organizador do real. O saber passa a desorganizar o real para organizar a hegemonia da classe dominante. É nesse sentido que muitas teorias, muitos paradigmas, muitas filosofias e ciências são degradadoras do real. A desagregação é concreta. Está posta através de intelectuais, sejam cientistas, pastores, professores e bibliotecários. Intelectuais que estão funcionalizados nas instituições como a imprensa, a escola, a igreja ou a biblioteca. Esses intelectuais são os criadores e difusores de teorias e idéias que chegam até o nosso cotidiano, moldando a

nossa visão, atitude, hábito, motivação, comportamento ou opinião (MOSTAFA, 1992, p. 221).

Dessa maneira, entendemos Edir Macedo como um intelectual, pois cumpre uma função organizadora na sociedade e foi elaborado por uma classe ou grupo em um determinado momento histórico.

Essa visão não caracteriza o bispo como sendo um intelectual orgânico no sentido de que seja capaz de romper com os intelectuais tradicionais e promover transformações sociais vinculadas a uma sociedade planificada, mas permite que possamos pensar os mediadores sociais e a informação como não neutra, carregada de ideologias e interesses.

Maria Helena Toledo Costa de Barros, em pesquisa sobre a leitura no período escolar, aponta para a importância da parcialidade dos mediadores da informação, dentre eles do professor e do bibliotecário:

Entre a infância e o adolescência, no período da escolaridade, os mediadores mais citados nas pesquisas são o professor e o bibliotecário, este de forma mais tímida do que o primeiro; mesmo porque não se pode afirmar que existe necessariamente um bibliotecário adequado em cada uma das escolas, nem que cada escola tenha sua biblioteca (BARROS, 2006, p. 138).

Assim como o pastor, o professor e o bibliotecário são mediadores da informação vitais para o processo de organização do real e formação da sociedade. Entender esses mediadores como intelectuais é dar margem para esboçar uma nova visão acerca da informação mediada nos múltiplos espaços informacionais.

Outra questão interessante que queremos abordar é a informação não registrada. Sabe-se que a CI tem por tradição desenvolver pesquisas utilizando apenas a informação registrada, desconsiderando a oralidade como objeto de pesquisa.

Todavia, a IURD é um espaço informacional em que os fiéis-leitores medeiam informação a todo o momento. A maioria dos cultos, por exemplo, que acontecem diariamente não são registrados. Essas informações não registradas estão em muitos espaços, como observa Sueli Bortolin ao descrever as cadeias de vozes em momentos em que os indivíduos utilizam o suporte vocal para mediar informação:

Se, nesse instante, resolvêssemos rememorar cenas coletivas em que o indivíduo usa seu suporte vocal, iríamos longe, mas só para instigar a

memória quero lembrar: intervalos de aulas escolares (em todos os níveis), porta de cinema, teatro e casa de shows, bares, arquibancadas, casamentos e até velórios, quando há a reunião de muitas pessoas. Isso acontece porque as manifestações coletivas formam uma cadeia de voz (BORTOLIN, 2010, p. 39).

Dessa maneira concordamos com a opinião da autora segundo a qual a informação e o texto não registrados são também documentos e que a informação oral, mesmo tendo uma existência efêmera, é informação e circula na memória dos fiéis-leitores e nos espaços informacionais.

Por meio desse diálogo entre a informação registrada e não registrada é possível refletir sobre a cultura não material. Bortolin acredita que a oralidade como informação não interessa a CI porque a sociedade defende a cultura material como principal pilar da transmissão do conhecimento (BORTOLIN, 2010, p. 132).

No entanto, entendemos que não dar importância à cultura não material é negligenciar uma das principais atividades do homem de produzir cultura e modificar o ambiente, como pondera Berger:

A cultura consiste na totalidade dos produtos do homem. Alguns destes são materiais, outros não. O homem produz instrumentos de toda espécie imaginável, e por meio deles modifica o seu ambiente físico e verga a natureza à sua vontade. O homem produz também a linguagem e, sobre esse fundamento e por meio dele, um imponente edifício de símbolos que permeiam todos os aspectos da sua vida. Há boas razões para pensar que a produção de uma cultura não-material foi sempre de par com a atividade do homem de modificar fisicamente o seu ambiente. Seja como for, a sociedade, naturalmente, nada mais é do que parte e parcela da cultura não-material. A sociedade é aquele aspecto desta última que estrutura as incessantes relações do homem com os seus semelhantes. Como apenas um elemento da cultura, a sociedade compartilha do caráter desta como produto humano (BERGER, 1985, p. 22-23).

Nesse sentido, a IURD é um espaço informacional que medeia informação tanto registrada como não. Utiliza-se de um amplo número de obreiros e voluntários que trabalham diariamente na igreja de forma gratuita e que tem como única retribuição a conversão de novos adeptos.

Esses fiéis-leitores conversam com as pessoas nas ruas e é um dos grupos responsáveis pela difusão das palavras do bispo. Um exemplo interessante acerca da importância da informação oral na IURD acontece no chamado “Drive Thru de oração” em que os motoristas

recebem uma oração ao passar de carro no estacionamento da igreja. Essa informação não registrada interage diretamente com o público e não pode ser negligenciada pela CI.

Dessa forma estudamos a informação mediada no discurso de Edir Macedo por meio de um registro (jornal), no entanto sabemos das limitações desse objeto. É importante salientar que compreendemos o discurso como uma forma de manifestação humana independentemente de registro.

A insistência da CI em conceber apenas a informação registrada como objeto de pesquisa faz com que ela acabe por trabalhar com um público seletivo, muitas vezes proveniente de determinados grupos sociais privilegiados. A biblioteca, por exemplo, é um desses grupos privilegiados, já que segundo Almeida Junior ela direciona suas ações para o público que a procura, ou seja, àqueles que já têm acesso à informação:

O bibliotecário, dentro dessa concepção, passa a ser um profissional voltado para um pequeno e seletivo segmento social, embora hegemônico quanto aos instrumentos ideológicos de exclusão social que domina. Os espaços onde atua são concebidos e estruturados para atender a uma demanda oriunda daqueles que já têm acesso à informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2004, p. 79).

Se compararmos bibliotecários e pastores ambos são mediadores sociais e têm uma função orgânica na sociedade, no entanto trabalham com públicos diferentes. Os primeiros, como observado acima, acabam sendo direcionados por um público alfabetizado. Isso é possível observar quando adentramos a uma biblioteca universitária em campus como a Universidade de São Paulo (USP). Um cidadão que não faça parte do rol de universitários provavelmente terá grandes dificuldades de acessar a informação desejada.

Os pastores trabalham com um público múltiplo, dentre eles, universitários, alcoólatras, moradores de rua, presidiários, entre outros. Independentemente de público alvo ou objeto, a questão que “salta aos olhos” é a de que quando nos preocupamos com a circulação da informação na sociedade passamos a dar importância aos mais variados mediadores sociais e problemáticas informacionais sendo essas algumas das preocupações da CI.

Para Jean Davallon a noção de mediação aparece sempre que há necessidade de descrever uma ação implicando uma transformação da ação ou do dispositivo comunicacional, e não uma simples interação entre elementos já constituídos (DAVALLON, 2003, p. 10). Assim sendo, a mediação opera a relação entre uma manifestação, um indivíduo

e o mundo de referência.

Dessa maneira, compreendemos que os editoriais da FU é um importante dispositivo que medeia fatos da realidade para um público amplo e é responsável por uma ação de transformação da sociedade. Nesse sentido, portanto, Edir Macedo é um mediador social e produtor de um grande fluxo de informações para um público múltiplo. Isso torna o discurso do bispo um objeto essencial de pesquisa, responsável por formar opiniões, posturas de vida, direcionar e construir o mundo e a realidade.

4 FUNDAMENTAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é de natureza qualitativa e quantitativa, já que vemos com dificuldades a tentativa de classificar uma pesquisa como estritamente qualificativa ou quantitativa. Essa necessidade de classificação, em nosso ponto de vista, se dá por meio de uma concepção de realidade fragmentada, que tende a ver o conhecimento como sendo algo que se encaixa apenas em um espaço e não em outro.

Acreditamos que é um equívoco pensar o conhecimento por meio de vieses unipolares (espiritual ou sensível), também é impossível propor uma dicotomia dos enfoques qualitativos - quantitativos. Nesse sentido, aparece como necessário a superação dessa dicotomia, como relata Bufrem:

A insistência nos círculos acadêmicos em contrapor de modo dicotômico os enfoques qualitativo e quantitativo em relação as trajetórias metodológicas possíveis nas ciências sociais deve ser superada, especialmente na ciência da informação, cujo caráter interdisciplinar permite uma postura mais inclinada à diversidade de enfoques na pesquisa científica (BUFREM, 2001, p. 54).

Por mais que nos utilizamos de aparatos puramente teóricos para desenvolver nossas pesquisas, quase sempre é necessário fundamentá-las a partir de dados quantitativos ou de pesquisas que se apropriaram de estatísticas para abordar seu objeto. Assim é a pesquisa do funcionamento teórico – prático da informação.

O método de abordagem e investigação discursiva é a Análise do Discurso. Entendemos que ao utilizar a AD como metodologia, não é possível dissociar o aparato teórico do aspecto metodológico, como bem observa Fernandes:

Ao considerarmos o fato de que o enunciado implica uma posição – sujeito, e que a noção de sujeito tem lugar fundamental na Análise do Discurso, reiteramos que o aspecto metodológico não se dissocia do aparato teórico. O trabalho nessa área de estudos a partir de reflexões acerca da inter-relação constitutiva entre sujeito, discurso e objeto de análise (FERNANDES, 2008, p. 69).

Nesse sentido, só é possível se falar em metodologia envolvendo elementos teóricos, já que em AD metodologia e teoria são inseparáveis. Para desenvolver análise do discurso religioso utilizamos os mecanismos de avaliação sugeridos por Citelli, ou seja, o uso do modo

imperativo, do vocativo subjacente, de metáforas, de parábolas e paráfrases, sintagmas cristalizados e principalmente da função emotiva. Para compreendermos os sujeitos, as formações e as posições discursivas nos apoiamos em autores da linha francesa.

Os procedimentos metodológicos em AD foram desenvolvidos em sua macro e micro instâncias, ou seja, verificamos a produção do discurso e o interior de sua formação discursiva. Segundo Fernandes:

[...] os procedimentos metodológicos em Análise do Discurso podem ser pensados em duas instâncias. Uma macro-instância, a partir da qual situamos o discurso em sua conjuntura, buscando compreender suas condições de produção, ou seja, os aspectos históricos, sociais e ideológicos que determinam a produção do discurso; e também o lugar dos sujeitos na história, a situação enunciativa e os sentidos produzidos nesse conjunto. E uma micro-instância, na qual se focaliza o interior de uma formação discursiva, apreendem-se suas regularidades, opera-se a análise por meio de recortes das seqüências lingüístico-discursivas, ou de enunciados; busca-se aprender a heterogeneidade, a polifonia, etc. Ressaltamos, porém, que essas instâncias são inseparáveis e que não há uma ordem que aponte para a necessidade de uma ser olhada primeiro. Há um constante movimento de ir e vir da materialidade lingüística, objeto aos nossos olhos, à sua exterioridade histórica, social e ideológica, espaço de produção e movência dos discursos e dos sentidos (FERNANDES, 2008, p. 71).

É possível observar a imensa dificuldade que temos em discorrer sobre o procedimento metodológico adotado por meio do uso da AD como mecanismo de análise. Como se sabe, a AD não se limita a tentar compreender o que diz o texto do início ao fim, já que todo discurso é incompleto, mas realiza-se na análise em um vai e vem entre descrição e interpretação:

[...] realiza-se uma análise em profundidade, que é possibilitada pelo batimento descrição-interpretação em que se verifica, por exemplo, posições-sujeito assumidas, imagens e lugares construídos a partir de regularidades discursivas evidenciadas nas materialidades. Dito de outro modo, o pesquisador utiliza-se de dada teoria, ou melhor, de procedimentos teóricos que subsidiarão a análise conforme o enfoque da pesquisa observando o objeto. Ao analisar o objeto, é necessário recorrer novamente à teoria. Daí, o procedimento analítico se dá nesse vai e vem entre a descrição e a interpretação (MARQUES, 2011, p. 5).

Nessa tentativa de identificar as regularidades discursivas que empreendemos a presente análise. Devido ao elevado número (mais de mil) de edições da *Folha Universal*

fizemos um breve recorte para que possamos analisar as macro e micro instâncias do discurso. Assim sendo, trabalhamos com 8 editoriais dos últimos três anos (2009, 2010, 2011), período em que houve importante crescimento nacional e internacional da IURD, além de relevantes conquistas nos meios de comunicação. Dessa maneira, tivemos a intenção de compreender as estratégias discursivas empreendidas por Edir Macedo nos últimos tempos.

É importante salientar que a AD trás importantes contribuições para o estudo e compreensão da informação dentro da CI, pois tanto o discurso (constituído por enunciados) como a informação são objetos de estudo que surgem na atividade humana de produção da realidade e dependem da sociedade para que possam existir. Por meio da etimologia de ambas as palavras é possível verificar algumas proximidades. Informação vem do latim *informatio*, *onis* (delinear, conceber ideia), ou seja, dar forma ou moldar na mente, como em educação, instrução e tratamento.

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento (ORLANDI, 1988, p. 15). Os discursos assim como a informação estão sempre em movimento e são responsáveis por moldar e dar forma as palavras e aos enunciados. As palavras assim como a informação não existem em si mesmo:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (PÊCHEUX, 1988, p. 160)

Nessa perspectiva, as palavras e o discurso são construções ideológicas e ganham sentido de acordo com as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Nesse ponto, a AD pode trazer grandes contribuições para o estudo da CI. Sabemos que a CI, principalmente no período de seu surgimento acabou por priorizar o transporte físico da informação.

Ideia essa vinculada aos seus precursores, principalmente Shannon e Weaver que reconheciam apenas três níveis de problemas nas questões relativas à comunicação, ou seja, a materialidade que compõe a informação, o nível semântico e o nível pragmático relativo à eficácia. Esses níveis da teoria da matemática ganhou forte influência na construção de um referencial teórico científico da CI.

Esse referencial vinculado ao transporte físico da informação pode ser compreendido

historicamente, já que a área despontou no cenário científico e ganhou status internacional em meados da década de 60. Lígia Freitas destaca o florescimento da informação como construção discursiva:

[...] como construção discursiva, a informação foi originada nos campos econômico-produtivo e estratégico – militar de Estado [...] em torno da década de 30. O esforço teórico sobre essa nova positividade – informação e seu entorno – florescem a partir da década de 1940: 1947, com a Cibernética de Wiener; 1948, com a Teoria da Informação de Shannon e Weaver; e 1951, com a Teoria Geral dos Sistemas, de Bertalanffy. No final da década de 1950, via eventos internacionais significativos na área, começa a ser utilizada a expressão Ciência da Informação para designar a área do conhecimento que trata da informação científica, título que se firma internacionalmente em meados da década de 1960 (FREITAS, 2003, p.7).

Assim como houve o florescimento da CI na década de 60²⁶, a AD também surgiu como disciplina se desmembrando da concepção de linguagem como sendo exclusivamente comunicação e transmissão da informação. Pecheux em um dos livros fundadores da AD, *Por uma análise automática do discurso*, já assinalava a necessidade de romper com a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, “[...] devemos renunciar à concepção de linguagem como instrumento de comunicação. Isso não quer dizer que linguagem não serve para comunicar, mas sim que este aspecto é somente a parte emersa do iceberg” (GADET, 2001, p. 26).

Nesse sentido a AD pode trazer importantes diálogos e contribuições para a CI, pois para a AD o discurso não é apenas transmissão da informação, mas um emaranhado complexo de constituição de sujeitos e produção de sentidos:

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não

²⁶ Não temos a intenção de afirmar o surgimento da CI na década de 60, esse não é o debate proposto aqui. E também não pretendemos anular a importância da concepção de Otlet e todo o debate da CI para o início da ideia de documentação (surgimento da CI) no século XIX, apenas assinalamos essa década (60) para argumentar um período de forte crescimento teórico e criação de paradigmas na CI.

comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2003, p. 21).

Assim, a informação produz um discurso (enunciado) que não se restringe a transmitir algo de forma matemática ou peremptória, mas esse discurso pode se transformar em vários, ter significados múltiplos e variar de acordo com o local e a posição discursiva dos sujeitos que irão recebê-los ou produzi-los.

Dessa maneira, a ideia do transporte físico da informação, mesmo que a CI ainda cultive em algumas pesquisas essa visão, é um retrocesso para o “desenvolvimento” da área. Vale lembrar que tanto as informações como o discurso são ideologicamente construídos. Assim como não existe informação imparcial, não há enunciado neutro:

Não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo (FOUCAULT, 2009, p. 114).

Outra perspectiva também cultivada pela CI e que merece maior atenção devido à complexidade da questão insere-se na ideia de gestão da informação e do conhecimento, que em muitos casos parece se aproximar das técnicas de gestão social dos indivíduos:

[...] marcá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuní-los e separá-los segundo critérios definidos, a fim de colocá-los no trabalho, a fim de instruí-los, de fazê-los sonhar ou deliberar, de protegê-los e de vigiá-los, de levá-los à guerra e de lhes fazer filhos (PÊCHEUX, 1983, p. 30).

Segundo Lígia Freitas, a ideia de Ciências Sociais que a CI foi inserida nasceu comprometida com essas técnicas de gestão social dos indivíduos, o que aproximou e recentemente vem apontando para o aprofundamento da legitimação econômica, levando ao esquecimento os valores humanistas da área.

De modo geral, estabelecer diálogo entre AD, CI e perceber que estas dependem de mediar informação para que possam existir, parece de fundamental importância para começarmos a compreender o proposto diálogo. Tanto a AD como a CI estudam o comportamento da informação em seu processo de comunicação. Para ficar mais claro tal

relação, buscamos definições de autores de ambas as áreas, mesmo que essas definições sejam formas de restrições, e as elencamos para mostrar a conexão dessas disciplinas. Para Eni Orlandi:

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2003, p. 15).

Tefko Saracevic define CI como:

[...] um campo dedicado as questões científicas e a prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação (SARACEVIC, 1996, p. 47).

Dessa maneira, ambas as áreas de pesquisa dependem da mediação da informação para que possam existir, ou seja, tanto na linguagem, como na seleção, organização e uso, há interferência e apropriação da informação.

Sabemos que os problemas informacionais não são objeto apenas de um campo de pesquisa, e que por esse motivo a CI não deve se limitar a trabalhar apenas alguns espaços de informação:

[...] não importa se a atividade que trata essas questões seja chamada de CI, informática, ciências da informação, estudos de informação, ciências da computação, biblioteconomia [...] ou qualquer outra forma, desde que os problemas sejam enfocados em termos humanos e não tecnológicos (SARACEVIC, 1996, p. 60).

Independentemente de área do saber, é importante estabelecer diálogo entre as ciências e tentar resolver as principais problemáticas sociais que flagelam a sociedade. Não obstante, não podemos perder o enfoque humanístico na CI, o que de certa forma justifica a presente pesquisa.

4.1 Corpus de análise

Selecionamos 8 editoriais da *Folha Universal* publicados entre os anos de 2009 e 2011, sendo eles presentes nos seguintes números: 907 *Sujeira*, 919 *Estrelas Quebradas*, 937 *Superação*, *Chegou o grande dia D* (edição histórica), 943 *Brasil de fé*, 974 *Em busca de um sonho*, 976 *Fazer o bem não tem hora*, 1000 (Edição histórica).

Quadro 2: Editoriais (analisados) da *Folha Universal*

Número	Edição (Capa)	Editoriais	Semana/Mês	Ano
907	<i>Sujeira</i>	<i>Uma história de injustiças</i> (Reportagem)	23 a 29 / 8	2009
919	<i>Estrelas Quebradas</i>	<i>A oferta nos torna merecedores</i>	15 a 21/ 11	2009
937	<i>Superação</i>	<i>Como receber o Espírito Santo</i>	21 a 27/ 3	2010
Edição Histórica	<i>Chegou o grande dia D</i>	<i>Como esta data pode definir a sua vida</i>	21/ 4	2010
943	<i>Brasil de fé</i>	<i>Mar de conquistas</i> (reportagem)	2 a 8 / 5	2010
974	<i>Em busca de um sonho</i>	<i>A oferta abre caminhos</i>	5 / 12	2010
976	<i>Fazer o bem não tem hora</i>	<i>Tire as sandálias dos pés</i>	19 a 25 / 12	2010
1000	<i>1000 (Edição histórica)</i>	<i>De fé em fé</i>	5 a 11/ 6	2011

Esses editoriais são assinados por Edir Macedo e publicados, principalmente, na página 3i. Foram selecionados de acordo com a repercussão que a temática causou na imprensa, ou por trazer relatos interessantes que sintetizam a visão do líder e dos membros da IURD. É importante salientar que em algumas edições, como por exemplo, de número 907, 943 e 976 os editoriais foram substituídos por reportagens quase sempre que exaltavam a figura de Edir Macedo.

Muitas das edições selecionadas sintetizam um momento histórico importante para a IURD, como por exemplo o nº 907 *Sujeira*, foi um momento de divergências entre a TV Record e a Rede Globo.

A edição histórica *Chegou o grande dia D*, marca o período em que a IURD se une para responder a acusações de corrupção feitas pela imprensa a Igreja. A edição 1000 é marcante, porque foi quando o jornal completou mil edições e publicou relatos da maioria dos políticos e celebridades elogiando a *Folha Universal*.

Dessa forma, as edições selecionadas não foram aleatórias, mas retratam períodos ou momentos essenciais em que a IURD ou o bispo Edir Macedo tiveram que se posicionar mediante os acontecimentos e repercussões da sua igreja na mídia. A partir desse corpus e com auxílio de livros do líder como, por exemplo, *Somos todos filhos de Deus?*, de sua biografia escrita pelo jornalista Duglas Tavalaro *O Bispo*, e principalmente do aparato teórico da CI e da AD, empreendemos análise do discurso mediado por Edir Macedo por meio dos editoriais.

4.2 A Análise do Discurso de linha francesa

[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2008, p. 10).

Ao pesquisar o significado de um discurso frequentemente fazemos distinção dos seus diferentes tipos como se fosse possível analisá-los separadamente. Assim sendo, ao fazermos a separação entre tipos de discurso (político, filosófico, religioso), limitamos esses a um determinado espaço e deixamos de perceber que tanto os filósofos como o político e o homem religioso fazem uso dos mais variados tipos de discursos de acordo com o espaço e a posição discursiva que esteja ocupando.

Dessa forma, surge como necessário analisar o uso da linguagem e não apenas o seu tipo, como bem observa Conesa e Nubiola:

Es frecuente clasificar los tipos de discurso atendiendo a su contenido. Así se habla de discurso político, discurso filosófico, discurso científico o discurso religioso. [...] Este tipo de clasificaciones tiene, sin embargo, el inconveniente de que tiende a aislar los diversos tipos de discurso si fueran realidades autónomas que no se relacionan entre sí. Si así fuera, no sería posible la comunicación entre un político y un filósofo o entre un científico y un hombre religioso. El discurso que usa el político, por ejemplo, aun cuando sea peculiar, suele resultar comprensible para todos los que le escuchan. Por ello, más que de lenguaje político o de lenguaje filosófico, convendría hablar de uso político o uso filosófico del lenguaje. Lo mismo debe decirse del lenguaje religioso (CONESA, NUBIOLA, 2002, p. 264).

Nesse sentido, para perceber o uso da linguagem religiosa a AD é uma importante ferramenta para compreensão do sujeito discursivo e suas várias estratégias discursivas utilizadas em cada espaço informacional.

Segundo Maria do Rosário Gregolin, AD francesa surgiu do efeito do encontro entre psicanálise, marxismo e linguística antropológica, em um período de reestruturação global de afinidades disciplinares:

A análise do discurso francesa surgiu nesse contexto (hegemonia teórica da Gramática Gerativa Transformacional e a releitura de Marx, Freud e Saussure, operada por Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Foucault e Derrida). A releitura de Saussure foi um dos principais motores desse movimento, cujo princípio era separar a linguística do funcionalismo sócio-psicologista, apoiando-se principalmente, nos trabalhos de Jakobson e de Benveniste. A análise do discurso francesa surgiu nesse contexto, como disciplina transversal fortemente marcada por essa conjuntura epistemológica. Ocorreu nesse período que vai de 1960 a 1975, uma reestruturação global da rede de afinidades disciplinares em torno da Linguística (GREGOLIN, 2004, p. 32).

Essa reestruturação foi o estruturalismo, que abriu espaço para a renovação da epistemologia e da história das ciências e novas formas de escrita literária. Com a contribuição de várias áreas do conhecimento, a AD surgiu como uma disciplina interdisciplinar. Para a AD não existe sentido discursivo sem sujeito e ideologia:

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da

língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados (ORLANDI, 2003, p. 47).

Dessa forma, a AD contribui para que possamos melhor compreender as vozes dos sujeitos discursivos, os lugares de enunciação, e como o discurso autoritário, persuasivo e principalmente o religioso, objeto de nossa análise, interage com as pessoas.

A contribuição de Foucault também é muito importante para a AD. Existem muitos debates que não aceitam Foucault como um teórico da AD, o que é justificável já que o autor nunca pretendeu escrever algo direcionado para tal disciplina. No entanto, sua contribuição é inegável, como por exemplo, o conceito de formação discursiva.

Em seu livro *Arqueologia do saber*, ao refletir acerca do campo dos acontecimentos discursivos, elenca a seguinte questão: “[...] como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2009, p. 30). Essa questão é essencial, pois ao analisarmos uma formação discursiva devemos nos ater a questões sobre o porquê que não poderia ser outro discurso, como este exclui o outro, de que maneira ele ocupa um lugar que nenhum outro poderia ocupar.

Essas problemáticas dizem respeito principalmente ao cruzamento de relações de poder e relações de saber. Essas estão quase sempre vinculadas à ideia de dispositivo de Foucault, sistematizada por Agamben:

[...] qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Nesse sentido, a ideia de Foucault de formação discursiva e de dispositivo contribui para nossa pesquisa, pois passamos a compreender que a Igreja Universal do Reino de Deus e seu jornal são dispositivos que exercem grande influência e poder na formação dos discursos da sociedade. De modo geral, a AD de linha francesa é uma ferramenta essencial para analisarmos a construção discursiva de um determinado grupo, instituição, etc, como por exemplo, a IURD e o seu líder.

5 O DISCURSO DE EDIR MACEDO EM EDITORIAIS DA *FOLHA UNIVERSAL*

A Folha é um instrumento ímpar para a divulgação do Evangelho. O jornal chega onde o rádio, a televisão e a internet não conseguem chegar. Além disso, as notícias e mensagens espirituais trazem fortalecimento interior. Edificam, confortam e nos ensinam.

Edir Macedo

Neste espaço colocaremos em análise o funcionamento da informação mediada no discurso do bispo Edir Macedo por meio dos editoriais.

5.1 A *Folha Universal*: elementos históricos

A *Folha Universal* existe desde 1992, é uma publicação semanal e já passou do número 1000. Possui distribuição gratuita e imprime, em média, mais de 2,5 milhões de exemplares (superando grandes jornais como a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*). Tem formato de tablóide, é colorida e traz notícias variadas desde um destaque nacional no esporte, até a última IURD inaugurada no mundo. Na página 3i é publicado o editorial do jornal, escrito por Edir Macedo, intitulado *Mensagem*.

Foto 2: distribuição da *F.U.* aos detentos.



INFORMAÇÃO E APOIO: Detentos em presídio da Paraíba recebem exemplares da *Folha Universal* das mãos de evangelistas (Foto: cedida)

Fonte: *Folha Universal* de 11 a 17 de setembro de 2011

Por ser um jornal de distribuição gratuita (em presídios, hospitais, etc.) e que traz uma gama variada de notícias consegue interagir com um amplo público leitor e, além disso, manter as diretrizes de divulgação das ideias da igreja, como relata Campos Júnior:

[...] é um jornal extremamente lógico e coerente, alinhado com as diretrizes da Igreja e em nenhum momento traz matérias que possam ser classificadas como expressão de uma religiosidade escapista da realidade vivida pelo leitor (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 264).

A partir da leitura do semanário é possível observar que os editoriais servem como representação das ideias do bispo acerca dos principais fatos que este considera relevante, como por exemplo: a importância do Espírito Santo, a necessidade de ir à igreja e a fraqueza do ser humano diante de Deus. Utiliza esse espaço também para fazer críticas às outras religiões ou como palco para convocar os fiéis a deixarem de assistir a rede de televisão Globo comparando este canal ao diabo.

A F.U. vem se destacando no cenário midiático brasileiro há alguns anos. Em 1999, por exemplo, Campos Júnior. relatava que o grande trunfo da IURD era o seu jornal:

Uns dos elementos mais importantes no impressionante crescimento da IURD são sem dúvida as suas estratégias de comunicação social e as suas técnicas de propaganda, que visam mudar idéias, comportamentos, atitudes e sentimentos [...] o maior trunfo da IURD é o seu jornal semanal, *Folha Universal*, cuja tiragem se aproxima de um milhão de exemplares e se apresenta como um jornal a serviço de Deus (CAMPOS JÚNIOR, 1999, p. 363).

É interessante observar que naquele momento (1999) a tiragem do jornal era de 1 milhão de exemplares, hoje a tiragem é de 2,5 milhões, como relatamos no início desse texto. Um crescimento significativo que colocou a F.U. como uma das maiores publicações do país. Além disso, quase todos os fiéis “[...] dizem ter o hábito de ler pelo menos parte do jornal semanal da Igreja” (MESQUITA, 2007, p. 135), ou seja, o jornal é responsável por formar opinião de grande parte da população, principalmente da IURD.

A edição de número 1000 foi comemorativa (edição histórica) e trouxe declaração de pessoas importantes no cenário político brasileiro, como por exemplo, do presidente do senado José Sarney, do vice-presidente Michel Temer, do senador Aécio Neves e da presidente Dilma Rousseff, que relatou no início da mensagem aos fiéis - leitores “Leitores e leitoras da Folha Universal, é uma enorme alegria poder dirigir a vocês por meio deste jornal que fala diretamente ao povo evangélico – e concluiu - [...] sei que conto com a torcida, a

força e o trabalho dos evangélicos” (*Folha Universal*, Rio de Janeiro, nº 1000, p. 3, 2011).

Por meio do relato da presidenta percebe-se a importância social e política da F.U. O jornal tem 19 anos de história e foi responsável por responder a maioria das acusações feitas a IURD. Em 1992 surgiu no mercado com uma tiragem modesta, 100 mil exemplares, era preto e branco e restringia-se a publicar os acontecimentos da IURD. Segundo David Telles, redator da F.U. “O aumento da tiragem foi gradativo, passando para 120 mil exemplares, seguindo para 180 mil, 200 mil, até os 2,5 milhões de exemplares” (*Folha Universal*, Rio de Janeiro, nº 1000, p. 9, 2011).

O jornal desponta como um dos mais importantes veículos informacionais do país, medeia informação para um público variado. Fato que justifica o estudo sistemático da informação mediada por meio do discurso do bispo Edir Macedo.

5.2 Análise dos editoriais

5.2.1 Editorial: Uma história de injustiças

Nesse número o editorial foi substituído por uma reportagem. A mensagem se encontra no mesmo local onde é publicado o editorial (p. 3i), no entanto, ao invés de ser a mensagem de Edir Macedo, uma reportagem ocupa todo o espaço da página, discutindo questões essenciais a IURD. Isso se deu pelo fato de ser um momento crítico da Igreja, período em que foi acusada pelo ministério público de movimentação, transferências e depósitos bancários atípicos, o que teria somada 4 bilhões entre 2003 e 2008, sendo este dinheiro utilizado para comprar vários bens, dentre eles emissoras de TV e rádio.

Nesse momento, a rede Globo aderiu a tal acusação e publicou exacerbada quantidade de reportagens que abordavam o caso, provocando reação da rede de televisão Record e dos demais meios de comunicação pertencentes a IURD. O número da *Folha Universal* analisado aqui (nº 907 - 23 a 29 de agosto de 2009) se insere nesse contexto de conflito da IURD com a rede Globo. Isso fica evidente logo na capa que traz como destaque uma cena do documentário inglês “Muito além do cidadão Kane”, produzido pela BBC de Londres o qual trata das relações sombrias entre a família Marinho e o poder do país. A cena mostra uma grande quantidade de baratas andando por cima do símbolo da rede Globo. A capa destaca-se com o nome de “Sujeira”, tentando responder aos ataques feitos pela rede Globo.

O editorial – reportagem serve como resposta as acusações da imprensa mostrando que por mais que tentem acusar o Bispo, eles não conseguem provar:

No final do ano passado, o bispo Edir Macedo foi absolvido de um processo judicial, junto com mais seis diretores da “Rede Record”, que tramitava na 4ª Vara Criminal de São Paulo. Eles eram acusados de importação ilegal de equipamentos eletrônicos e falsificação. Na época, Arthur Lavigne, advogado da Igreja Universal, foi taxativo em afirmar, mais uma vez, que o bispo era perseguido pelo Ministério Público de São Paulo. “Sempre que abrem processos contra ele, no fim, terminam arquivados ou o bispo é inocentado. Existe muita má vontade em relação ao bispo Macedo”, disse Lavigne, na época, à Folha Universal (FOLHA UNIVERSAL, Uma história de injustiças, 2010, p. 3i).

A reportagem serve como resposta as acusações e foi necessária para o momento em que a IURD estava passando. Para a AD essa mudança de sujeito discursivo acontece em todos os discursos. O sujeito discursivo, no caso dos editoriais – Edir Macedo – mesmo ausente, continua falando por meio do mecanismo de linguagem que é a Folha Universal. A reportagem utilizou-se de outros atores, como por exemplo, o advogado Arthur Lavigne, advogado da Igreja Universal que afirmou a inocência do bispo e a tentativa dos meios de imprensa em incriminá-lo.

No final da reportagem foi feito um retrospecto dramático acerca do período em que o bispo Edir Macedo esteve preso sob acusação de charlatanismo, curandeirismo e estelionato:

Em 1992, Edir Macedo esteve preso por 11 dias e a foto dele na cela, na carceragem de uma delegacia da Vila Leopoldina, em São Paulo, lendo a Bíblia, figura na capa de sua biografia. Até ser preso, ele não sabia dos crimes dos quais ele estava sendo acusado. Só soube pelos advogados: estelionato e charlatanismo. Na época, o então governador Luiz Antônio Fleury Filho desqualificou a truculência da prisão, ocorrida justamente quando o bispo Macedo estava apto a assumir o controle da “Rede Record”. Mas, uma das reações mais indignadas contra a prisão foi do então presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, que lembrou que, 37 dias antes, a Igreja Universal do Reino de Deus havia levado 200 mil pessoas ao estádio do Maracanã, num sinal claro de influência entre a população brasileira (FOLHA UNIVERSAL, Uma história de injustiças, 2010, p. 3i).

A foto da capa da biografia de Edir Macedo, relatada pela reportagem, demonstra Edir Macedo na prisão lendo a bíblia. Essa imagem passou a ser símbolo de resistência utilizado pela equipe de reportagem dos meios de comunicação do bispo. Esse discurso implícito na

imagem e o posicionamento do governador na época, Luiz Antônio Fleury e do presidente do PT, Lula, contrários a prisão do líder da IURD caracterizou o bispo como inocente e além disso, portador de enorme influência política e social.

O discurso do editorial-reportagem “Uma história de injustiças” se caracterizou pela ideologia de tentar responder as acusações. Tal discurso ideológico interage de forma específica no imaginário social moderno tentando “[...] anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação pensamento, linguagem e realidade” (CHAIU, 2003, p. 3).

Essa lógica de tentar obter identificação de uma imagem universalizada de Edir Macedo como sendo um homem isento, honesto e religioso é o que talvez justifique a substituição feita pela Folha Universal, que trocou o editorial por uma reportagem, contra - argumentando as acusações feitas a IURD.

5.2.2 Editorial: A oferta nos torna merecedores

O editorial “A oferta nos torna merecedores” abordou a temática da importância do “dízimo” para os fiéis e membros da igreja, tema recorrente nos editoriais da Folha Universal. O editorial vai ao encontro do destaque da capa do jornal, que trouxe a questão do mau uso do dinheiro feita pelas celebridades o que traz como consequência a ruína financeira. Na concepção do bispo Macedo, os males são causados porque a oferta a Deus é mal feita.

O líder da IURD utiliza-se de citações bíblicas para dar respaldo a sua argumentação. Segundo o bispo:

Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala (Hebreus 11.4). Abel foi justificado por Deus por causa de sua oferta de fé. Por isso, ele se tornou merecedor diante do Senhor. Assim também acontece conosco. Quando apresentamos uma oferta diante de Deus, nos tornamos merecedores. Porém, não é qualquer oferta. Tanto a de Abel quanto a do Senhor Jesus foram de sacrifício (MACEDO. A oferta nos torna merecedores, 2010, p. 3i).

Percebe-se que a citação bíblica, ou seja, o exemplo de que Abel foi mais justo do que Caim em sua oferta e recebeu aprovação de Deus foi logo em seguida comparado as ações dos homens ou dos fiéis, que para ofertar tem que ser justo diante de Deus. Para se tornar

merecedor é necessária uma oferta de sacrifício. Esse discurso tem uma das principais características de um discurso persuasivo, o uso intenso de citações bíblicas que sevem para afirmar, por meio da voz de Deus, o que o sujeito fala.

Segundo Jorge Luis Torresan existe justificativa para o excessivo uso de citações bíblicas feitas pelos evangélicos, cuja genealogia encontra-se na Reforma Protestante. Uma das principais reivindicações dos reformadores era a livre leitura da bíblia, que contrariavam os preceitos católicos. Dessa maneira, “[...] o uso constante de passagens bíblicas reflete a tentativa de provar, a todo instante, o resgate e o seguimento da verdadeira palavra de Deus” (TORRESAN, 2004, p. 94).

O editorial apresenta a derrota e a ausência de sucesso dos pastores, obreiros ou funcionários da IURD como consequência da precária oferta feita a Deus:

Às vezes o pastor não cresce em seu ministério porque a sua oferta não agrada a Deus. Da mesma forma acontece com o obreiro ou até mesmo com o funcionário da IURD que não tem tido sucesso devido ao que vem oferecendo ao Senhor. A sua vida é resultado da oferta que você coloca no altar (MACEDO. A oferta nos torna merecedores, 2010, p. 3i).

A frase “A sua vida é resultado da oferta que você coloca no altar” demonstra a extrema importância que o discurso de Edir Macedo dá as ofertas. Essa concepção de oferta e consumo para obter a felicidade terrena é uma das características da IURD, já que seus fiéis devem ter acesso a bens de consumo. Para o bispo: “Aquilo que apresentamos a Deus mostra o que somos diante dEle, ou seja, se realmente somos sinceros ou se somos hipócritas. Portanto, devemos ter a consciência disso: a nossa vida depende do que ofertamos a Deus (MACEDO. Uma história de injustiças, 2010, p. 3i).

Nesse sentido, o discurso de Edir Macedo no editorial “A oferta nos torna merecedores” revelou a necessidade de ofertar a Deus para obter sucesso e prosperidade, já que a precariedade dessa oferta pode gerar derrotas e ruína financeira. A informação mediada pelo bispo deixa evidente que o principal culpado por todos os males é a própria ausência de fé e dedicação dos fiéis.

Dessa forma, é importante salientar que a informação mediada aqui tem as características de um discurso religioso e persuasivo, quando o enunciador fala como representante de Deus, argumentando que a culpa de todos os males é a precária oferta feita a Deus.

5.2.3 Editorial: Como receber o Espírito Santo

O editorial “Como receber o Espírito Santo” é um manual escrito pelo líder da IURD de como se preparar para a chegada do espírito santo. Este número da Folha Universal (nº 937) trouxe como capa o vice-presidente do Brasil na época, José de Alencar, que foi apresentado como um exemplo de superação e perseverança. Essa capa está totalmente conectada com o editorial, já que o texto apresenta os passos a serem seguidos com muita persistência para alcançar o espírito santo.

O vice-presidente José de Alencar após 12 anos e mais de 15 cirurgias controlou o câncer e conseguiu manter-se na vida política e profissional. Vale lembrar que o ex-presidente era pertencente ao Partido Republicano (PR), partido que juntamente com o Partido dos Trabalhadores (PT) foi apoiado por Edir Macedo e pela IURD nas eleições e que após a vitória do PT nas eleições, obteve cargos políticos em várias cidades.

O editorial apresenta três passos a serem seguidos para alcançar o espírito santo, sendo eles a consciência, o querer e o pensamento. Segundo o bispo o primeiro passo é a Consciência:

Estar consciente de que ninguém é batizado com o Espírito Santo porque merece. Se achar que tem méritos, não vai receber nunca. Esse batismo deve ser buscado com todas as forças e de todo o coração, por meio da fé do Senhor Jesus Cristo (MACEDO. Como receber o espírito santo, 2010, p. 3i).

O segundo passo é o querer:

Esse querer não é simples vontade ou boa idéia, nem porque outros O têm. Mas, por ser tão necessário quanto à salvação. É um querer semelhante ao perdão dos pecados. É um querer ardente, acima de qualquer outro sonho ou desejo de coração. Mais do que viver, casar, conquistas mundos e fundos, enfim, mais do que tudo o que as pessoas ou esse mundo podem oferecer. Por isso, o Senhor impõe a condição de sede. É preciso ter sede. Desesperadora sede. Se alguém tem sede...(João 7.37) Se não houver garra no querer fica difícil (MACEDO. Como receber o espírito santo, 2010, p. 3i).

E o terceiro passo é o pensamento:

O querer precisa ser seguido pelo pensamento ocupado na Pessoa do Espírito Santo. O pensamento contínuo nEle deve ser tanto em casa, no trabalho, na rua, na igreja ou em qualquer lugar. Tanto quanto puder. É como o namoro. Quando se está amando, a pessoa vira e mexe sempre está pensando na pessoa amada, não é? O mesmo deve ocorrer com o candidato ao Selo Divino. O importante é manter a mente focada nEle. Não é preciso dizer que nessa fase, o candidato deve procurar ao máximo se isolar de tudo que é nocivo à boa consciência. Evitar más companhias ou de pessoas contrárias a fé, distrações vulgares e tudo o mais que interrompa o relacionamento com o Espírito. É difícil, mas não é impossível. A fé exige sacrifícios, quanto mais na conquista espiritual. Imagine a plenitude do Espírito Santo! Portanto, tem de haver o esforço sobrenatural (MACEDO. Como receber o espírito santo, 2010, p. 3i).

O discurso do editorial, por meio de um tripé “consciência, querer e pensamento” apresentou um manual para que os fiéis possam alcançar o batismo e receber o espírito santo. Percebe-se que o enunciado prioriza a questão da fé, ou seja, é só através dela que é possível receber o espírito santo. O bispo se utiliza de comparações, como exemplo, quando relata que o pensamento deve ser como o namoro, ou que é necessário ter sede para alcançar os objetivos.

Essas comparações ou trocas de palavras são vertentes do discurso persuasivo que tem por finalidade provocar a reações emocionais no receptor. As comparações ou troca de palavras conseguem maior adesão do público. É importante salientar que esses discursos são ideologicamente construídos seguindo uma ordem persuasiva e de conhecimento.

5.2.4 Editorial: Como esta data pode definir a sua vida.

A edição histórica da *FU* do dia 21 de abril de 2010, intitulada *Chegou o Grande Dia D*, editou 1.306.000 exemplares e foi distribuída para grande parte dos fiéis, quando segundo a IURD, uniu mais de 8 milhões de pessoas nas 27 capitais de todo país. A foto da vista aérea do autódromo de Interlagos, em São Paulo, ilustra bem esse momento, em que se reuniram 2,3 milhões de pessoas para o evento:

Foto 3: Autódromo de Interlagos em São Paulo



Fonte: *Folha Universal* de 2 a 8 de maio de 2010.

Segundo o jornal, o encontro foi “[...] uma resposta à sequência covarde de ataques da mídia a IURD”. A *FU* se referia as gravações publicadas pela *Folha Online* de um vídeo que foi entregue ao Ministério Público de São Paulo por um ex-voluntário da igreja que mostrou o bispo Romualdo Panceiro (braço direito de Edir Macedo) combinando a pregação para obter dízimos dos fiéis na crise econômica de 2008²⁷. Romualdo, apoiando-se em trechos da Bíblia, orientou que “semear” é dar dinheiro a igreja. O bispo Romualdo, segundo a *Folha de S. Paulo*, disse que a igreja deveria perguntar aos fiéis se eles “acreditam mais” na crise ou em Deus.

Para analisar esse editorial, podemos repetir a pergunta feita por Foucault (2007) sobre a descrição dos acontecimentos discursivos: “[...] como apareceu um determinado enunciado e não outro?”. Essa é uma pergunta que podemos fazer ao título da edição histórica chamada *Dia D*. Esse enunciado (Dia D) traz a ideia de um dos mais importantes acontecimentos da história na Segunda Guerra Mundial, quando no dia seis de junho de 1944, os aliados ocidentais desembarcaram nas costas da França, dando início ao fim da II Guerra Mundial, iniciada cinco anos antes pela invasão nazista à Polônia.

Simultaneamente ao desembarque do lado ocidental, no Leste da Europa, a URSS lançou uma poderosa ofensiva contra os nazistas, levando tudo. Onze meses depois a Alemanha nazista rendia-se para os vencedores. Em agosto de 1945, todas as ações militares haviam sido suspensas, encerrando a maior e pior guerra que a humanidade viveu, dando início à libertação europeia do domínio nazista.

A *FU* se utilizou deste enunciado para comparar o seu encontro a um marco histórico.

²⁷ Outras informações ver: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/videocasts/ult10038u718138.shtml>. Acessado em 12/03/2010.

No entanto, o enfoque foi outro, o editorial *Como esta data pode definir a sua vida* comparou o Dia da Decisão como sendo o momento em que os fiéis teriam a vida mudada por meio da fé e dos milagres divinos:

No grande evento, “O Dia D”, que acontece hoje, todos os que crêem terão a vida mudada. Pois estes são os que vencem e experimentam os milagres de Deus. Como o senhor Jesus disse: “Esses sinais hão de acompanhar aqueles que crêem ...” (Marcos 16, 17), e você crê, também verá o sinal na sua vida (MACEDO, 2010, p. 8).

A estratégia de se utilizar de um evento histórico para dar notoriedade a um encontro de fé é uma característica do discurso persuasivo. Percebe-se que Edir Macedo utilizou-se, além da metáfora do acontecimento histórico, do modo imperativo “[...] todos os que crêem terão a vida mudada” para dar ênfase ao encontro como o verdadeiro dia da mudança de vida. Outra característica do discurso religioso, notável no trecho citado acima, é o uso de citações bíblicas, momento em que o dono do discurso (Edir Macedo) é o porta-voz da palavra do Senhor:

[...] o discurso religioso realiza tarefa *sui generis* enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção de dogma. Não deixa de ser uma situação curiosa estar diante da mais visível forma de persuasão e do mais invisível eu persuasivo. Deus não fala, dado ser uma realidade imaterial; quem fala em seu nome não é dono do discurso: o agente é apenas veículo, porta-voz, no máximo “interpretador” da palavra do Senhor (ORLANDI, 1989, p. 61).

O sujeito falante no discurso religioso é o agente mediador das palavras do Senhor e por isso tem impressionante influência social, já que é quem interpreta a palavra de Deus comunicando-a em um viés dogmático. O uso da função emotiva ficou explícito nos enunciados dos editoriais:

Existe um determinado dia em que temos que fazer uma escolha definitiva para decidir nosso futuro. E essa é exatamente a proposta para “O Dia D”. Eu me lembro que era recém-casado e tinha um sonho: o ideal de pregar o Evangelho. Mas, por força das circunstâncias, eu não conseguia realizar. Tinha que sair de casa pela manhã para trabalhar às 5h45 e retornar às 23h30, de segunda à sexta-feira. Tinha dois empregos, dava aula particular e estudava na faculdade à noite. Não tinha tempo para mais nada. Houve um dia em

que tive que tomar a decisão: uma porta se abriu e eu precisava passar por ela ou ignorá-la. Sacrifiquei o meu trabalho de 16 anos no Estado com todas as garantias e no qual havia alcançado um cargo de confiança que me proporcionava uma vida estável economicamente. Mesmo assim, pedi demissão. Foi como se uma pessoa tivesse se lançado de um prédio crendo que o Senhor fosse sustentá-la. Houve uma decisão pessoal, não pedi conselho a ninguém e me lancei de corpo, alma e espírito. E Deus tem mostrado, nestes mais de 30 anos de existência da igreja Universal, que ele é realmente o Deus de Abraão, Isaque e Israel (MACEDO, 2010, p. 8).

Uma das marcas do discurso de Edir Macedo no editorial é caracterizada pelo uso da função emotiva principalmente quando se trata de dar exemplos de vida, vitória e superação. Nesses momentos o autor se coloca como modelo de conquista, apelando quase sempre à função emotiva, sendo ele o modelo de homem objetivo “Eu me lembro que era recém-casado e tinha um sonho: o ideal de pregar o Evangelho”, de homem trabalhador e estudioso: “Tinha que sair de casa pela manhã para trabalhar às 5h45 e retornar às 23h30, de segunda à sexta-feira. Tinha dois empregos, dava aula particular e estudava na faculdade à noite”, além de ousado e confiante: “Não tinha tempo para mais nada. Houve um dia em que tive que tomar a decisão: uma porta se abriu e eu precisava passar por ela ou ignorá-la. Sacrifiquei o meu trabalho de 16 anos no Estado com todas as garantias e no qual havia alcançado um cargo de confiança que me proporcionava uma vida estável economicamente. Mesmo assim, pedi demissão”.

No último trecho do editorial, em alusão ao *Dia D*, o bispo apresenta-se como um homem que tomou a decisão e foi auxiliado por Deus: “Foi como se uma pessoa tivesse se lançado de um prédio crendo que o Senhor fosse sustentá-la. Houve uma decisão pessoal, não pedi conselho a ninguém e me lancei de corpo, alma e espírito. E Deus tem mostrado, nestes mais de 30 anos de existência da Igreja Universal, que ele é realmente o Deus de Abraão, Isaque e Israel”.

Para finalizar a mensagem do editorial o bispo usa como metáfora a atitude de coragem aliado a fé em Deus para que os objetivos fossem alcançados, tomando como exemplo a sua própria atitude com Deus:

Nada caiu do céu. Tudo foi construído com as nossas próprias mãos, com muito trabalho, mediante a atitude que tomei com Deus. O Senhor quer fazer coisas grandes também na sua vida, mas depende da sua coragem. Você pode ter fé, mas se não uni-la à coragem de nada adianta. Abraão obedeceu e mostrou a Deus sua coragem. “O Dia D”

será o dia da decisão para muitas pessoas! (MACEDO, 2010, p. 8).

Dessa maneira, é possível perceber que, no editorial *Como esta data pode definir a sua vida* o discurso de Edir Macedo funcionou baseado principalmente pela função emotiva, sendo este responsável por criar a imagem do líder religioso como a de um homem objetivo, trabalhador, estudioso, ousado e confiante. De forma imperativa, apelando à função emotiva, e com o uso de metáforas e paráfrases que são características do discurso persuasivo, Edir Macedo exalta a sua imagem e tenta servir de modelo a ser seguido pelos fiéis.

É importante salientar que o uso da linguagem feito pelo bispo não se restringe apenas ao tipo religioso, mas também ao tipo político, como por exemplo, a reação aos ataques feitos pela imprensa a IURD, e ao tipo filosófico sendo que acaba por influenciar e conduzir a vida de muitas pessoas. Dessa forma, o discurso construído por meio do editorial caracterizou-se pelos métodos da persuasão.

Assim sendo, vimos que o discurso de Edir Macedo no editorial utilizou-se principalmente da função emotiva (apresenta-se como símbolo “exemplo” de vitória), no entanto, não deixou de usar também metáforas e sintagmas cristalizados.

5.2.5 Editorial: Mar de conquistas

O editorial da edição de nº 943 foi uma mensagem do bispo Edir Macedo transmitido, diretamente de Londres por telões, a milhões de pessoas que estavam reunidas em todo o Brasil para o encontro do dia D de 21 de abril de 2010. Segundo o jornal, o encontro reuniu mais de 8 milhões de pessoas. Foi um dos maiores eventos feitos por uma instituição religiosa e o líder da IURD falou sobre a importância do encontro e de Deus na vida das pessoas:

Jesus disse: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”. Veja: nós estamos reunidos em grande número de pessoas. Deus não faz uma promessa qualquer, não é uma conversa qualquer. Eu tenho certeza de que Ele já está presente na vida daqueles que se encontram neste evento, não apenas nos lugares onde as pessoas estão concentradas, mas na vida dos que estão assistindo em casa, em seu palácio ou até mesmo em barraco. Deus está com você agora (MACEDO, Mar de conquistas, 2010, p. 3i).

Percebe-se que o bispo se apropria de um discurso universal, ou seja, tenta envolver todos os tipos ou classes de pessoas em sua igreja. Fala tanto para quem está assistindo em um palácio como para quem está em um barraco. Outra questão interessante está na posição

em que o sujeito discursivo (Edir Macedo) ocupou no enunciado. Falou para milhões de pessoas em telões simbolizando a voz divina em uma posição discursiva privilegiada. Dessa forma, diz o bispo:

Saiba que Deus está presente em sua vida: quando você está no fundo do poço, não pode contar com ninguém, nem familiares, colegas. Você fica só, somente com Deus ao seu lado. Tenho certeza de que você não vai sair da mesma forma que entrou, vai sentir algo diferente, pois o Deus dos impossíveis vai fazer algo. O que ele fez no passado irá realizar na sua vida nesta tarde. Todos nós somos capazes de errar, mas Deus não pode se dar ao luxo de falhar, pois Ele é Deus, perfeito. Deus está pronto para atender o clamor daqueles que O invocam na sinceridade. Ele diz: “Aquele que vier a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”. Aqui Ele inclui pessoas de todas as religiões, sejam católicos, evangélicos, espíritas (MACEDO. Mar de conquistas, 2010, p. 3i).

É importante salientar que a ideia de fundo do poço apresentada pelo líder da IURD está vinculada a “Teologia da prosperidade” segundo a qual torna plausível o consumo inerente ao sistema capitalista vigente na sociedade brasileira. Dessa forma, o bispo utilizou-se o espaço do editorial neste número para transmitir mensagem aos fiéis impondo-se como voz divina, e aproveitou para afirmar a abertura da IURD para todas as pessoas e religiões.

5.2.6 Editorial – A oferta abre caminhos

Nesse número decidimos analisar não apenas o editorial, mas também alguns relatos publicados no jornal sobre a experiência dos fiéis após participarem da caminhada a fogueira santa²⁸, já que entendemos que tais depoimentos complementam a análise. No editorial *A oferta abre caminhos* o bispo discursou acerca da necessidade de dizimar para obter as bênçãos de Deus. Segundo o autor a oferta é a manifestação do seu amor para com o Senhor:

Quando depositamos a nossa oferta no altar, estamos provando para Deus o que somos, porque a oferta é uma manifestação viva, clara da sua fé, da expressão do seu amor para com o Senhor. Se você tem fé em Deus e O ama, logo quer dar a Ele o melhor (MACEDO, *A oferta abre caminhos*, p. 3i)

²⁸ A caminhada a Fogueira Santa é um evento promovido pela IURD que acontece anualmente e que bispos e pastores escalam o Monte Sinai, no Egito, para levar os pedidos dos fiéis e depositá-los no cume da montanha. Acredita-se que tal atitude irá abençoar os pedidos.

Percebemos que o discurso de Edir Macedo está sempre vinculado à demonstração de fé por meio da doação, ou seja, o “amor” de Deus está relacionado às conquistas de bens materiais e ao processo de enriquecimento dos fiéis que passa necessariamente pela oferta a igreja que no discurso do bispo ofertar a IURD significa ofertar a Deus.

O discurso do bispo demonstra uma característica da IURD, a prática da teologia da prosperidade que torna plausível o consumo inerente ao sistema capitalista vigente, sendo que a felicidade na terra está associada ao acesso aos bens de consumo e essa prosperidade deve ser compartilhada com a igreja por meio do dízimo. Edir Macedo coloca como essencial a doação, sendo que esta deve vir antes das necessidades dos filhos dos fiéis:

Muitos crentes desmerecidos vivem numa qualidade de vida terrível, porque não tem honrado a Deus, mas têm honrado seus filhos. Fazem até dívidas para comprar coisas para eles. Quanto a Deus, eles O desprezam (MACEDO, A oferta abre caminhos, p. 3i).

Tal discurso carrega a ideia de que se a prioridade não for à doação, os fiéis – leitores receberão as consequências desse “descaso”. No mesmo texto, chama a atenção dos pastores, bispos, oficiais e presbíteros: “[...] dou um conselho a todos os pastores, bispos, ao oficial da igreja, ao diácono, presbítero: vocês têm obrigação de fazer a sua oferta ainda melhor do que o povo”. Por fim, dando uma recomendação a todos conclui:

Guarde isso: quanto mais você dá a Deus, mais recebe. Por quê? Porque Deus não vai ficar lhe devendo! A oferta abre caminhos. Deus vê o seu coração através daquela oferta! Se o que você deu não é o melhor, então o seu coração não é o melhor para com Ele e você pode esperar o melhor dele! Você vai ter o retorno, mas não o melhor (MACEDO, A oferta abre caminhos, p. 3i).

Dessa forma, ficaram claras as várias posições que o sujeito assume ao longo do discurso. A IURD assume o lugar de representante de Deus, pois é dando a igreja (Deus) que se obtêm sucesso. Não obstante, a doação traz como consequência à vitória, já que como diz o bispo “Deus não vai ficar lhe devendo”. Para amarrar o discurso o líder da IURD frisa: “Deus vê o seu coração através daquela oferta”.

Como é possível observar, o bispo impõe o discurso da oferta como essencial para se conquistar a felicidade, e está sempre relacionada à obtenção de bens materiais. Edir Macedo apresenta a IURD como representante de Deus na terra. Todavia o bispo também ocupa a

posição de agente mediador preparado: “[...] cabe ao fiel unicamente ouvir, crer e pôr em ação a palavra divina. Ao pastor, por ser um agente institucionalmente ‘preparado’ e ‘autorizado’, reserva-se o papel de interpretar para o fiel – muitas vezes carente – os preceitos da Bíblia” (TORRESAN, 2004, p.103).

Como foi dito inicialmente, para completar, analisamos quatro relatos de membros da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que participaram da caminhada à *Fogueira Santa de Israel* e posteriormente relataram sua experiência a *FU*. Para isso, a edição de número 974 trouxe uma edição especial sobre a Fogueira Santa.

Sabemos que as formações discursivas compõem-se pelo conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas regras de formação (FOUCAULT, 2009). Elas concretizam-se na relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma mesma ideologia. A partir de um lugar social e historicamente determinado, a formação discursiva determina o que pode ser dito (ORLANDI, 1996).

É por meio da formação discursiva que analisaremos os relatos de fiéis acerca da *Fogueira Santa de Israel*. A caminhada para a *Fogueira Santa de Israel* é um evento que acontece todos os anos, em todo o mundo e que milhares de fiéis colocam seus pedidos para serem levados por bispos e pastores até o pico de monte na terra santa. Eles escalam o Monte Sinai (de 2.288 metros), no Egito, caminham por 10 quilômetros até chegar ao pico do Monte Sinai.

Os benefícios foram relatados nas páginas 2i, 3i e 5i, que trouxeram os relatos dos fiéis que escalaram e os que enviaram pedidos durante a Fogueira Santa. Entendemos que quatro relatos foram profícuos para fazer empreender análise dos discursos dos fiéis sobre os sacrifícios na Fogueira Santa. O primeiro deles foi feito pelo empresário Pierre Góis²⁹, intitulado *Construindo um sacrifício*:

Eu e um grupo, juntamente com o pastor, subimos um monte. Recordo-me que a subida demorou bastante e era noite. Ao chegar iniciamos um propósito de oração e ali permanecemos até o amanhecer, orando e jejuando. Foi muito sacrificante, fazia muito frio. Eu nunca havia feito algo parecido. Além desse propósito, lembro que, junto com a Fogueira Santa, passei a me dedicar ao trabalho evangelístico e a ganhar almas para o Reino de Deus. A minha vida mudou. Tenho minha empresa, casei, tenho dois filhos, conquistei dois carros, uma casa de praia, além de outra com cinco quartos no Rio de Janeiro. Estou feliz e realizado graças à Fogueira Santa de Israel (MACEDO. *Construindo um sacrifício*, 2010, p. 2i).

²⁹ Junto com o relato, o empresário Pierre Góis aparece em foto no jornal ao lado do seu carro e casa de luxo.

Percebemos que o empresário também fez uso de uma função emotiva na construção do seu discurso, ou seja, ao falar sobre a sua caminhada à Fogueira Santa, ele relata que foi sacrificante: “Foi muito sacrificante, fazia muito frio. Eu nunca havia feito algo parecido”. Feito isso, o relator discorre sobre as conquistas que obteve após o sacrifício: “A minha vida mudou. Tenho minha empresa, casei, tenho dois filhos, conquistei dois carros, uma casa de praia, além de outra com cinco quartos no Rio de Janeiro. Estou feliz e realizado graças à Fogueira Santa de Israel”. Essas são características de um discurso persuasivo, ou seja, que leva o indivíduo a aderir às ideias do sujeito falante:

[...] não se pode reconstituir um sistema de pensamento a partir de um conjunto definido de discursos. Mas esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstituir um outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma (FOUCAULT, 2009, p. 31).

As intenções do sujeito falante (Folha Universal) ou sua atividade consciente estão explícitas no discurso do empresário. Demonstrou que após fazer o sacrifício de caminhar até a Fogueira Santa, ele obteve muitos benefícios como casamento, filhos, casas e carros. Essas observações caracterizam um discurso persuasivo que busca a adesão a uma tese, perspectiva, entendimento, conceito, etc., evidenciado a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade do que se enuncia (CITELLI, 2007). Assim sendo, o discurso do empresário se caracteriza pela emoção e persuasão, que tendem a levar o leitor da *FU* a buscar a igreja e aderir a prática do sacrifício da Fogueira Santa e dos benefícios de ser membro da IURD.

O segundo relato que achamos interessante foi feito pela fisioterapeuta Cirleide Barcelos³⁰, intitulado “Faço jejuns diários”:

Ao engajar-me na Fogueira Santa de Israel, sempre procurei fazer algo mais que a oferta. A representatividade espiritual da campanha é tamanha que não basta só apresentar o sacrifício financeiro. É preciso estar completamente focado naquilo que queremos de Deus e no que a

³⁰ Na foto ao lado de seu relato, a fisioterapeuta Cirleide Barcelos aparece em sua clínica.

palavra dEle nos ensina. Antes de apresentar o meu compromisso no altar, faço jejuns diários e clamores às 3h da manhã. Uma de minhas atitudes chega a ser bem curiosa. Como eu trabalho muito e durmo pouco, beber café é um hábito. Durante uma fogueira, fiquei sem consumir a bebida durante toda a campanha e cheguei a sentir dores. De fato foi outro sacrifício para mim. Por meio do exercício da fé, superei as marcas deixadas pelo sofrimento e alcancei crescimento profissional e prosperidade. Hoje, além da minha própria clínica, tenho dois apartamentos confortáveis e automóvel. Fiz também vários cursos e pós-graduações, que são um diferencial no mercado (MACEDO. Construindo um sacrifício, 2010, p. 2i).

O discurso da fisioterapeuta Cirleide Barcelos mantém as características das práticas discursivas veiculadas nesse espaço do jornal, ou seja, ela também fez uso da função emotiva por meio da ideia de sacrifício: “faço jejuns diários e clamores às 3h da manhã” e “Durante uma fogueira, fiquei sem consumir a bebida (café) durante toda a campanha e cheguei a sentir dores”. O uso da função emotiva está relacionado às práticas de sacrifícios como fazer jejuns e não beber café, sendo que essas práticas proporcionam a obtenção de múltiplos benefícios, como saúde, paz espiritual e familiar, e principalmente prosperidade financeira, como foi possível perceber quando Cirleide finalizou seu discurso: “Hoje, além da minha própria clínica, tenho dois apartamentos confortáveis e automóvel. Fiz também vários cursos e pós-graduações, que são um diferencial no mercado”.

Esses mecanismos de discurso, principalmente, vinculado à prosperidade financeira foram predominantes em quase todos os relatos analisados nesse artigo. Como veremos, os depoimentos das empresárias Sarah Lobo³¹ e Zandile mantiveram essas características. A primeira depois de viver muitas dificuldades em seu lar (perder empresas, etc.), foi a igreja Universal e segundo ela, mesmo enfrentando preconceitos familiares, participou da *Fogueira Santa de Israel* e “com muita luta” obteve conquistas familiares, mas principalmente, como nos outros relatos, benefícios financeiros:

Hoje Sarah tem um casamento renovado e a prosperidade é crescente. O casal conquistou duas empresas no ramo de logística e agroindústria, possui casas, automóveis importados e viaja para onde deseja (MACEDO Construindo um sacrifício, 2010, p. 2i).

Da mesma forma, a segunda, a empresária Sul-africana Zandile³² relata utilizando-se

³¹ Ao lado do relato, Sarah Lobo aparece em foto com o marido e dois filhos em sua casa ampla com piscina.

³² Ao lado do relato, a empresária Zandile aparece em sua casa e com carro de luxo.

da função emotiva, que perdeu marido e filho por causa da situação precária que vivia, mas quando foi a IURD e participou da Fogueira Santa sua vida mudou e vieram muitos benefícios financeiros:

Hoje ela é uma pessoa abençoada, possui uma casa grande já quitada e decorada com sete quartos e uma garagem para dois carros. “Também tenho um carro zero. Meus negócios estão indo muito bem (MACEDO. Construindo um sacrifício, 2010, p. 2i).

Percebemos que a discursividade dos relatos dos fiéis em relação à *Fogueira Santa de Israel* está vinculada, principalmente aos benefícios financeiros que esses sacrifícios (caminhar na Fogueira Santa, jejum, ofertas, etc.) trazem como resultado. Essa é uma característica da IURD, ou seja, a prática de sacrifícios está relacionada a recompensa em vida, como bem observa Jorge Torresan:

Ao contrário de outras, que pedem as contribuições prometendo a recompensa apenas após a morte, a Igreja Universal faz o contrário, ou seja, ela exige do fiel a demonstração de sua fé por meio de sacrifícios (doações), com a promessa de recompensa aqui na terra, sob a forma de dinheiro, saúde, felicidade, paz espiritual e familiar etc (TORRESAN, 2007, p. 105).

Dessa forma, percebemos que a formação discursiva da construção dos relatos dos fiéis que frequentaram ou ofertaram à *Fogueira Santa de Israel* está relacionada principalmente as conquistas que esta prática proporciona aos fiéis como benefícios financeiros. Nota-se que a demonstração de fé por meio do sacrifício para obtenção de recompensa parece ser uma prática comum na IURD.

Dessa maneira, fica evidente a relação entre o editorial *A oferta abre caminhos* e os relatos da “Fogueira Santa”, pois ambos comungam de finalidades parecidas, ou seja, a demonstração de fé conseqüentemente regada a obtenção de recompensas, onde fica explícito a discursividade vinculada a prosperidade financeira, já que todos os relatos, assim como os conselhos do bispo no editorial, terminaram com uma demonstração de conquistas de bens materiais. Além disso, os relatos apresentaram as características de um discurso persuasivo.

Encerraremos a análise desse editorial com um trecho de entrevista feita com o bispo publicada na mesma página a respeito da “Fogueira Santa” para mostrar a força do discurso do bispo, que após ser perguntado sobre a proposta da fogueira santa – respondeu:

A proposta é reverter o quadro de sofrimento que as pessoas vivem, pois quem é de Deus jamais se submeterá ao fracasso em sua vida, não aceita derrota de qualquer ordem, seja espiritual, profissional, sentimental, familiar ou física. A fé no Senhor Jesus não combina com fracasso (MACEDO. Construindo um sacrifício, 2010, p. 2i).

5.2.7 Editorial: Tire as sandálias dos pés

O editorial de nº 976 *Tire as sandálias dos pés* não foi publicado na página 3i como tradicionalmente acontecia, mas na 4i devido à homenagem que a edição fez aos 39 anos de casamento de Edir Macedo e sua esposa Ester Bezerra. Essa estratégia discursiva foi utilizada pela F.U. nos momentos em que o editorial pretendia responder acusações a IURD, ou para exaltar a figura do bispo, como foi feito no presente editorial, ao demonstrar o sucesso de seu casamento que completara quase quatro décadas.

Juntamente com a reportagem, o editorial abordou a importância do Monte Sinai e da caminhada à Fogueira Santa para os pedidos dos fiéis. O discurso utilizou-se de citações bíblicas e sintagmas cristalizados:

É do agrado de Deus revelar, através da fé, as coisas maravilhosas para as pessoas. Mas que tipo de pessoa? Veja que quando Moises subiu ao Monte Sinai e viu a sarça ardendo, ele ficou maravilhado, porque a sarça estava queimando, mas não se consumia. A sarça é uma espécie de mato, uma arvorezinha pequena, mas muito cheia de galhos, é um arbusto repleto de espinhos. Então, disse consigo mesmo: irei pra lá e verei essa grande maravilha; porque a sarça não se queima? Vendo Senhor que ele se voltava para ver Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés! Ele respondeu: Eis me aqui! Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa” (Êxodo 3.3-5) Deus mandou Moises tirar as sandálias porque queria que ficasse totalmente dependente dEle (MACEDO. *Tire as sandálias dos pés*, p. 4i)

A utilização de citações bíblicas reforça a posição discursiva do sujeito, fazendo com que ele ocupe um lugar privilegiado de representante das palavras de Deus. Isso pode ser observado quando Edir Macedo relata:

Ao tirar os sapatos, Moises estava dizendo: Eu confio em ti, ó Deus!” Então, a partir do momento em que tirou os sapatos, foi o mesmo que se colocar nas dependências de Deus e não mais das sandálias para sustentar o seu corpo. Era a humildade de Moisés! Deus se revela aos

humildes, e foi assim que comissionou Moises para libertar os filhos de Israel (MACEDO. Tire as sandálias dos pés, p. 4i).

O texto deu continuidade ao editorial analisado anteriormente (A oferta abre caminhos), o qual deu ênfase à importância da Fogueira Santa e do Monte Sinai. O editorial encerra-se exaltando a necessidade de assumir a humildade e doar-se a Deus. Percebe-se que o editorial insere-se em um discurso ideológico que colocou a reportagem do casamento do bispo como modelo de vida e apresentou exemplos e citações bíblicas para respaldar sua argumentação.

5.2.8 Editorial: De fé em fé

Este editorial “De fé em fé” é essencial para analisarmos, pois foi publicado na segunda semana de junho de 2011, quando a *Folha Universal* estava completando mil edições. A edição teve tiragem record de 4 milhões de exemplares, trouxe os 19 anos de história do jornal, um artigo do bispo sobre sua importância e relatos de personagens importantes no cenário nacional como políticos, jogadores, apresentadores, etc, sobre a milésima edição da *Folha Universal*.

Dessa maneira, além do editorial, utilizaremos os relatos das grandes personalidades que participaram da edição e de artigo do bispo para empreender análise do presente número. A capa destacou o número 1000. A FU trouxe na terceira página a mensagem da presidente Dilma Rousseff que relatou: “[...] é uma enorme alegria poder me dirigir a vocês por meio deste jornal que fala diretamente ao povo evangélico” (MACEDO, De fé em fé, p.3i).

Ao longo da mensagem a presidente teceu muitos elogios à população evangélica e disse continuar com o desenvolvimento iniciado por Lula. Finalizou da seguinte forma: “Somos um país próspero. Mas seremos ricos plenamente quando não tivermos mais brasileiros extremamente pobres. Esse é o meu grande objetivo. Sei que conto com a torcida, a força e o trabalho dos evangélicos” (MACEDO, De fé em fé, p. 3i).

Percebe-se que a presidente tenta cooptar grande número de evangélicos por meio de seu discurso. Isso é característico de um discurso político ou religioso, em que o político ou o pastor precisa conquistar a adesão do público para conseguir colocar em funcionamento seus interesses, sejam eles votos, dízimos, etc.

O jornal trouxe relatos de personagens de grande influência no cenário nacional, como

por exemplo, do vice-presidente Michel Temer, de José Sarney, Aécio Neves, Geraldo Alckmin, Sérgio Cabral, Kaká, Ana Paula Padrao, Gilberto Kassab, Celso Schröder, etc. No entanto, o discurso de João Pedro Stédile foi o mais nos chamou atenção.

João Pedro Stédile, integrante da coordenação nacional do Movimento do Trabalhadores Sem Terra (MST), conhecido por suas declarações de oposição a grande imprensa e responsável por polêmicas em torno do MST, abordou a questão da concentração e manipulação dos meios de comunicação de massa por poucos grupos que a utilizam apenas para ganhar dinheiro e iludir o povo. Segundo o militante: “A Folha Universal é uma trincheira nessa luta democrática” (EDIR MACEDO, De fé em fé, p. 3i).

É interessante observar que João Pedro Stédile proferiu tal discurso não apenas para aclamar a milésima edição do presente jornal, mas talvez para servir de oposição ao que ele considera o principal responsável pela concentração da comunicação do Brasil, a empresa de comunicação Rede Globo. Nesse mesmo caminho, a FU publicou o enunciado do coordenador, já que o jornal é da IURD que também é dona da empresa de comunicação Record, principal concorrente da rede Globo. Esse conflito discursivo se justifica pela ideologia:

O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas as coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra coisa. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia (ORLANDI, 2003, p. 96).

Nesse sentido de representação do mundo pela ideologia, o artigo do bispo intitulado “Páginas da salvação” foi publicado na última página como encerramento da edição. Edir Macedo falou da importância da FU contando a história de um mendigo que se tornou empresário após encontrar algumas páginas na rua e ler os testemunhos, que o fez ir a IURD e receber ajuda espiritual. Segundo o líder da IURD a FU chega às mãos de pessoas que necessitam:

Nos presídios, hospitais, nos reformatórios, nas sarjetas, nas comunidades carentes ou nas casas nobres em que habitam a opressão e a infelicidade. A Folha é instrumento ímpar para a divulgação do evangelho. O jornal chega onde o rádio, a televisão e a internet não conseguem chegar. Além disso, as notícias e mensagens espirituais trazem fortalecimento interior. Edificam, confortam e nos ensinam. (MACEDO, De fé em fé, p.24).

Percebe-se a importância da IURD para a manutenção dos interesses da IURD. Além disso, o jornal tem o papel de informar e divulgar o evangelho, já que em muitos casos a informação de um fiel é adquirida na igreja e por meio do pastor. A socióloga Maria das Dores em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*³³, relatou que para muitos pentecostais pobres a igreja e o pastor são a única fonte de informação: “Não é que eles façam tudo que o pastor manda, mas é na igreja que se informam e formam sua opinião”.

O editorial abordou uma temática que é sempre reafirmada na IURD e em muitos editoriais que é a questão da luta pela fé e renovação espiritual:

[...] temos que viver de fé em fé, de luta em luta. A felicidade não é somente quando você está em paz, quando está tudo bem, o céu está azul. Se fosse assim, então, seria uma monotonia, você iria ficar tranquilo, sem nada para fazer. Tudo em paz, né? Guarde isso: as lutas são necessárias para manter-nos na fé, do contrário a nossa fé se torna flácida, mole e acomodada. Consequentemente, a pessoa se torna religiosa e fracassada. Deus lhe deu uma fé, um cajado, a exemplo do que fez com Moisés. Agora, você tem que usá-los para vencer e ter experiência com Deus. A experiência de como enfrentará maiores problemas lá na frente. O que é mais glorioso é que quanto maior for seu deserto, maior também será a benção que você irá tomar posse. Quanto menor a dificuldade, menor a vitória! (MACEDO, De fé em fé, p. 3i).

É importante salientar que na maioria das vezes a ideia de manutenção da fé e vitória presente no discurso do bispo está relacionada à aquisição de bens materiais. Isso fica bem claro em trecho do seu livro: *Vida em abundância* no qual o bispo relata que “ser cristão é ser filho de Deus e co-herdeiro de Jesus; dono, por herança, de todas as coisas que existem na face da terra” (MACEDO, 1993, p.11). Portanto, o cristão peca contra Deus quando se entrega à passividade diante da desgraça e da pobreza.

De forma geral, o editorial, os relatos das grandes personalidades e o artigo do bispo estão intrinsecamente conectados. O autor se apropria de um discurso persuasivo tentando buscar a adesão do público, seja para mostrar a força dos meios de comunicação da IURD, para fazer oposição à rede Globo ou para relatar as conquistas materiais que a fé e a IURD proporcionam aos seus fiéis.

³³ *Estado de São Paulo*, 10, out, 2010, p. A-12.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A religião tem sido a maior e a melhor arma do inferno na destruição dos povos em todos os tempos. Ela tem separado as pessoas e as nações a ponto de conduzi-las às guerras. A religião tem sido um elemento divisor tão nocivo à sociedade que são necessárias leis duras para obrigar seus fiéis a se respeitar entre si. Se as religiões fossem algo puro e verdadeiramente benéfico, as pessoas que a praticam não precisariam de leis como a da liberdade de culto para se respeitar entre si. Os verdadeiros seguidores do Senhor Jesus trazem dentro de si a consciência do amor, do respeito ao semelhante, independentemente de cor, sexo, raça ou religião”. (MACEDO, 2007, p. 19).

A partir da definição da ideia de Informação Religiosa, da IURD como mais um elemento na concepção de espaço informacional que existe como ordenação do mundo e da realidade, e do desenvolvimento da ideia de Intelectual Orgânico como mediador da informação, buscou-se compreender como a informação, principalmente a Informação Religiosa, é mediada no discurso de Edir Macedo.

A problemática central do estudo foi a de entender o funcionamento do discurso do líder da IURD, ou seja, as estratégias discursivas, o sujeito falante, as posições discursivas, as intenções do sujeito por meio de análise dos editoriais da *Folha Universal* e a mediação desses fatos - informação como construção da realidade para o leitor.

Respaldou-se sobre o aparato teórico da Análise do Discurso, ou seja, na ideia de discurso religioso, formação discursiva, discurso persuasivo e discurso ideológico que foram essenciais no processo de compreensão e análise dos editoriais, em que verificamos a presença desses sujeitos na construção do discurso do líder da IURD.

Por meio dos editoriais foi possível verificar que Edir Macedo utiliza-se prioritariamente do discurso persuasivo para construir seus enunciados. Dos oito editoriais analisados, a função emotiva esteve presente em sete, ou seja, o bispo apela à questão da fé, da salvação, e do Senhor como exemplo a ser seguido.

O uso da função emotiva apresentou Edir Macedo como modelo de conquista, vitória e superação. Criou-se, como por exemplo, no editorial *Como esta data pode definir a sua vida*, a imagem do líder como sendo um homem objetivo, confiante, trabalhador e ousado. Utilizou-se da imagem de homem preso – imagem da capa de sua biografia - como símbolo de injustiça.

O modo imperativo também teve ampla adesão em seu discurso. Esse modo aparece

em vários momentos, como por exemplo, quando o líder afirma que “Todos os que creem terão sua vida mudada” (MACEDO. *Mar de conquistas*. p. 3i), ou “Tenha certeza de que você não vai sair da mesma forma que entrou” (MACEDO. *Mar de conquistas*. p. 3i).

O discurso ligado a *Teologia da Prosperidade* apareceu em dois editoriais, sendo eles: *A oferta nos torna merecedores* e *A oferta abre caminhos*, os quais fazem inúmeras referências a necessidade de doação a IURD. No entanto, é possível verificar que o discurso de Edir Macedo quase sempre traz um enunciado vinculado à doação de dízimos à IURD. Para o líder a demonstração de fé está associada à doação, sendo que ofertar à igreja significa ofertar a Deus.

O bispo fez uso excessivo de citações da bíblia que serve para afirmar, por meio da voz de Deus, o que o sujeito fala. Dessa forma, o sujeito fala em nome e como representante de Deus na terra. O que torna o discurso do dízimo, como por exemplo, o enunciado “Sua vida é resultado da oferta que você coloca no altar” (MACEDO, *A oferta nos torna merecedores*, p. 3i) um discurso de persuasão.

O líder da IURD se apropria de um discurso universal que tenta envolver todos os tipos de classes e pessoas em sua igreja, e utiliza-se do espaço do editorial para servir de resposta as acusações de outras mídias a sua igreja ou para mostrar o poder dos seus meios de comunicação, por meio de publicação de relatos de grandes personalidades, principalmente políticas.

Verificou-se que o impressionante discurso de Edir Macedo se utiliza de estratégias discursivas ideológicas que faz comparações e trocas de palavras para conseguir maior adesão do público (MACEDO, *Como receber o Espírito Santo*, p. 3i), se apropria de um discurso ecumênico, afirmando a abertura da igreja para todas as religiões.

Dessa maneira, averiguou-se que a *Folha Universal* e seus editoriais são importantes veículos de funcionamento do discurso do líder da IURD, sendo essenciais no processo de crescimento midiático da igreja, já que além de utilizar mecanismos de linguagens de persuasão, consegue atingir fiéis – leitores múltiplos, como por exemplo, presidiários, passageiros de ônibus, entre outros.

Por fim, percebe-se que a informação mediada nos enunciados de Edir Macedo, ou a ampla maioria dos discursos são de força persuasiva, fazendo com que os fiéis-leitores creiam no que é veiculado e executem ações, como por exemplo, praticar o dízimo, já que o bispo assume quase sempre a posição discursiva de representante de Deus, utilizando-se de citações da bíblia, exemplos de conquistas materiais e apresenta-se como modelo de vitória.

Assim sendo, Edir Macedo, por meio da mediação da Informação Religiosa interfere

de forma direta na vida dos indivíduos e da sociedade. Essa informação, que “[...] está imersa em ideologias e em nenhuma hipótese se apresenta desnuda de interesses” (ALMEIDA, 2009, p. 93) é apropriada pelo fiel-leitor sendo responsável por formar opiniões e direcionar condutas de vida.

Foi possível visualizar as principais contribuições de um estudo vinculado à ideia de Informação Religiosa e da igreja como sendo mais um elemento na concepção de espaço informacional, trazendo novas problemáticas de estudo para o campo o que possibilita pensar a pesquisa como parte da construção do mundo e da realidade.

De modo geral e a partir da análise dos editoriais, conclui-se que a informação mediada nos enunciados do bispo tem as características do discurso persuasivo. Por meio da análise do discurso sabe-se que acreditar naquilo que se diz ou em quem diz algo depende muito da forma como se diz, ou seja, depende da maneira como o locutor põe a linguagem em funcionamento, especialmente a imagem que o locutor faz de si mesmo (TORRESAN, 2007).

Dessa maneira, Edir Macedo se utiliza das estratégias discursivas apontadas aqui para construir seu discurso, o que provavelmente seja responsável por influenciar um número amplo de pessoas fazendo com que a IURD, a cada dia, ganhe mais espaço na imprensa e na sociedade.

REFERÊNCIAS

Folha Universal – www.folhauniversal.com.br

BOM DIA. Orações ganham drive thru, 14 de julho de 2010.

MACEDO, Edir. *Folha Universal*. Mensagem, Rio de Janeiro. 2009

_____. Uma história de injustiças – 23 a 29 ago. 2009.

_____. A oferta nos torna merecedores – 15 a 21 de nov. 2009.

_____. Como receber o Espírito Santo – 21 a 27 de mar. 2010.

_____. Como esta data pode definir a sua vida – 21 de abr. 2010.

_____. Mar de conquistas – 02 a 08 de mai. 2010.

_____. Tire as sandálias dos pés – 19 a 25 de dez. 2010.

_____. A oferta abre caminhos – 05 dez. 2010.

_____. De fé em fé – 5 a 11 de jun. 2011.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi – São Paulo: Mestre Jou, 1970. 976p.

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. A ciência da informação e a sociedade brasileira: algumas representações de pesquisadores da área. **TransInformação**, Campinas, v.18, n. 3, p.169 – 180, set./dez. 2006.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Leitura, mediação e apropriação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p.33-45.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq.bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez.2009.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediação Cultural e da Informação. **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 8., Salvador, Bahia, 28 a 31 de outubro de 2007.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Trad. de J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1974.

ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009.

BARROS, M.H.T.C. de. O professor como mediador da informação. In: BARROS, Maria Helena Toledo Costa de; SILVA, Rovilson José da, BORTOLIN, Sueli (Orgs.). **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Ed. FA, 2006.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**; tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral literária: a voz dos bibliotecários lendo e narrando**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for information Science**, v.42, n.5, p.351-360, 1991.

BUFREM, L. S. Complementaridade qualitativo-quantitativa na pesquisa em informação. **Transinformação**, Campinas, v.13, n.1, p. 49-55, jan./jun. 2001.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, Belo Horizonte, 2003. **Anais...Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.**

_____. O conceito de informação. **Perspect. Cien.Inf**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1. jan/abr.2007.

CAMPOS JÚNIOR, Luis de Castro. **Pentecostalismo**. São Paulo: Ática, 1995.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-modernismo e informação: conceitos complementares? **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan./jun.1996.

CASTRO, César Augusto. Ciência da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos. In: **Formação do profissional da informação: abordagem crítica – reflexiva - São Luiz: EDUFMA, 2002.**

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16.ed. São Paulo: Ática, 2007.

CHAUÍ, Marilena Sousa. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas – 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CONESA, F; NUBIOLA, J. **Filosofía del lenguaje**. Barcelona: Herder, 2002.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma. Tradução de Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. São Paulo: Hermus, 1975.

DEL ROIO, Marcos. **Os prismas de Gramsci**: a fórmula política da frente única (1919 – 1926). São Paulo: Xamã, 2005.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Tradução Ciro Mioranza. – São Paulo: Escala Educacional, 2006.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**: o campo e o signo; tradução Álvaro Cabral. – São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**; tradução Rogério Fernandes – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENGELMANN, J. **Teoria da definição: das definições reais às definições predicativas**. São Paulo: PUC, 2006. 140f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica – Departamento de filosofia.

EUGÊNIO, Marconi, FRANÇA, Ricardo Orlandi, PEREZ, Rui Campos. Ciência da Informação sob a ótica paradigmática de Thomas Kuhn: elementos de reflexão. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 27-39, jan./jun. 1996.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora ClaraLuz, 2008.

FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**; Tradução Cesar Augusto Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2005.

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Editora Loyola, 2008.

_____. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRANCELIN, M. M. A epistemologia da complexidade e a ciência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v.32, n.2, p.64-68, maio/ago. 2003.

FREITAS, L. S. de. O inter-dito fundador do campo informacional: efeito-documento e

efeito-informação na construção discursiva do fato. **Anais: I Seminário de Pesquisa em Documento e Memória: materialidade e discurso e V Seminário em Linguagem e Memória**, Rio de Janeiro, UNIRIO/UFF, 2008.

_____. Sentidos da História e história dos sentidos da Ciência da Informação: um esboço arqueológico. **Morpheus**, Rio de Janeiro, n. 2, 2003.

GADET, F. HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pecheux. 2.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

GONÇALES DE GOMES, Maria Nélide. Para um reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun.2001.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**; Tradução Carlos Nelson Coutinho. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault e Pecheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos. – São Carlos: Clara Luz, 2004.

GRUPPI, Luciano. **Conceito de Hegemonia em Gramsci**; tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GUIMARÃES, J. A. C. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. VALENTIM, M. L.P. (Org.). **O profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 177p.

ILHARCO, F. **Filosofia da informação**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003. 202p.

JAPIASSU, H. As máscaras da ciência. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.13-15, 1977.

_____. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 2. ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

JUSTINO, Mário. **Nos bastidores do reino**: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

KOBASHI, Nair Yumiko; TALAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas: v. 15, p. 7-21, set./dez., 2003. (Edição Especial).

KUHN, T S. **A estrutura das revoluções científicas**; Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da informação**. Brasília: Brinquet de Lemos, 1996. 119p.

LEISTNER, Rodrigo. Religião, ciência e transdisciplinaridade: o conhecimento afro-religioso como objeto de estudo. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo. v.2, p.125-134, maio/ago, 2009.

- LOUREIRO; PINHEIRO. Traços e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v.24, n.1, 1995.
- LÖWY, M. **Ideologias e Ciências Sociais**: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 1985.
- MACEDO, Edir. **Somos todos filhos de Deus?** Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2007.
- MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MACHLUP, F. **The production and distribution of knowledge in the United States**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1962.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências da análise do discurso**. Trad. de Freda Indursky. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- MARA, Eduardo. Do ópio do povo ao re-encantamento do mundo: religião e religiosidade em Marx e Weber. **Revista Eletrônica Inter-Legere**, Rio de Janeiro. n. 2, jul./dez. 2007.
- MARX, Karl. **Sur la Religion**, Paris, Éditions Sociales, 1960.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**. São Paulo. v.18, n.52, p. 121-138.dez.,2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300010&script=sci_arttext. Acesso em: 24,ago.2009.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- MESQUITA, Wania A. B. Um pé no reino e outro no mundo: consumo e lazer entre os pentecostais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 117-144, jul./dez.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a06v1328.pdf>. Acesso em: 20,jun.2009.
- MOSTAFA, S. P.; LIMA, A.B. de; MARANON, E.I.M. Paradigmas teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v.21, n. 3, p. 216-222, set.dez. 1992.
- MORIN, E. **O método 3** : o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história** : suas origens, transformações e perspectivas ; Tradução Neil R. da Silva. – 4ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 1998.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 5.ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- _____. Eni Pulcinelli. Silêncio e implícito: produzindo a monofonia. IN: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 1989.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília. v. 24, n. 1, 1995.

RABELLO, Rodrigo. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. **Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 26, 2 sem. 2008.

SALDANHA, Gustavo Silva. Thomas kuhn na epistemologia da ciência da Informação: uma reflexão crítica. **Inf&Inf**, Londrina, v. 13, n.2, p. 56-78, jul./dez. 2008.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SETZER, Rachel. Os homens estão criando um mundo que Deus não quer: contradição e conflito no discurso religioso. IN: ORLANDI, E. (Org.) **Palavra, fé, poder**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

SCIARRETO, M. **Gramsci e a teologia da libertação**. Disponível em: http://www.nufipeuff.org/seminario_gramsci_e_os_movimentos_populares/trabalhos/Massimo_Sciarretta.pdf. Acesso em: 12, jul.2011.

SOARES, M.A.V. **Religião e integração social**: pentecostalismo protestante e camadas populares – o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus. Tese (Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2001.

SMIT, Johanna. **O que é documentação**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. W. BARRETO, Albuquerque de. A Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, M. L. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

SWATOWISKI, Claudia. Texto e Contexto da Fé: o discurso mediado de Edir Macedo. **Religião e sociedade**. Rio de Janeiro, v.27 n.1, Jul. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872007000100006&script=sci_arttext. Acesso em 14/jun./2009.

TAVALARO, Douglas. **O bispo**: a história revelada de Edir Macedo com reportagem de Christina Lemos. São Paulo: Editora Larousse do Brasil, 2007.

TORRESAN, Jorge Luis. A manipulação no discurso religioso. **Dialogia**, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007.

_____. O ponto de vista enunciativo sobre a linguagem: a modalização no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus. **Dialogia**, São Paulo, v.3, p. 87-103, out. 2004.

VALENTIM, M.L.P. (Coord.). Formação do profissional da informação. **Formação: competências e habilidades do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

_____ **Atuação profissional na área de informação.** São Paulo: Polis, 2004.

_____ **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da informação** (Org.). São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interesting to information science. *Information Scientist*, Paris, v.9, n.4, p. 127-140, dec. 1975.

WILLIAMS, M. **O que é epistemologia?** Disponível em: http://criticanarede.com/html/epi_williams.html. Acesso em: 10,out.2010.

ZILLES, Urbano. **Religiões: crenças e credices.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ANEXOS

MENSAGEM DO BISPO – Edição nº 907

Uma história de injustiças

No final do ano passado, o bispo Edir Macedo foi absolvido de um processo judicial, junto com mais seis diretores da “Rede Record”, que tramitava na 4ª Vara Criminal de São Paulo. Eles eram acusados de importação ilegal de equipamentos eletrônicos e falsificação. Na época, Arthur Lavigne, advogado da Igreja Universal, foi taxativo em afirmar, mais uma vez, que o bispo era perseguido pelo Ministério Público de São Paulo. “Sempre que abrem processos contra ele, no fim, terminam arquivados ou o bispo é inocentado. Existe muita má vontade em relação ao bispo Macedo”, disse Lavigne, na época, à Folha Universal. A mesma má vontade de outro advogado, Antônio Evaristo de Moraes Filho, já havia percebido quando o bispo foi acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato. Eis o que Evaristo de Moraes escreveu após uma absolvição: “O caso exigiu muito empenho dos advogados para alcançar justiça, superando fortes preconceitos armados contra o réu”. O livro “O bispo – a história revelada de Edir Macedo” é repleto de ataques constantes contra ele, que foi alvo de preconceitos, intolerância e injustiças. Durante um bom tempo, grupos de comunicação usavam a palavra “seita” para se referir à Igreja Universal do Reino de Deus e chamavam Edir Macedo de “bispo”, entre aspas, de forma pejorativa. Os sinais de peregrinação renderam episódios dramáticos. No dia 12 de outubro de 1991, em pleno feriado, o papa João Paulo II participou de uma missa em Natal (RN), enquanto no mesmo dia, a Universal realizaria outra concentração religiosa, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, marcada com ampla antecedência. Coincidentemente, foi decretada a prisão do bispo Edir Macedo. Depois de demorados interrogatórios na Polícia Federal de São Paulo, o bispo foi liberado, mas a vigilância excessiva da Polícia Federal criou constrangimentos para ele, inclusive em viagens para o exterior. A investigação jamais provocou qualquer coisa contra ele. Em 1992, Edir Macedo esteve preso por 11 dias e a foto dele na cela, na carceragem de uma delegacia da Vila Leopoldina, em São Paulo, lendo a Bíblia, figura na capa de sua biografia. Até ser preso, ele não sabia dos crimes dos quais ele estava sendo acusado. Só soube pelos advogados: estelionato e charlatanismo. Na época, o então governador Luiz Antônio Fleury Filho desqualificou a truculência da prisão, ocorrida justamente quando o bispo Macedo estava apto a assumir o controle da “Rede Record”. Mas, uma das reações mais indignadas contra a prisão foi do então presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, que lembrou que, 37 dias antes, a Igreja Universal do Reino de Deus havia levado 200 mil pessoas ao estádio do Maracanã, num sinal claro de influência entre a população brasileira.

A oferta nos torna merecedores

“Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pela qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala.”(Hebreus 11.4)

Abel foi justificado por Deus por causa de sua oferta de fé. Por isso, ele se tornou merecedor diante do Senhor. Assim também acontece conosco. Quando apresentamos uma oferta diante de Deus, nos tornamos merecedores. Porém, não é qualquer oferta. Tanto a de Abel quanto a do Senhor Jesus foram de sacrifício.

Às vezes o pastor não cresce em seu ministério porque a sua oferta não agrada a Deus. Da mesma forma acontece com o obreiro ou até mesmo com o funcionário da IURD que não tem tido sucesso devido ao que vem oferecendo ao Senhor. A sua vida é resultado da oferta que você coloca no altar. Quando ainda estavam no Egito, os filhos de Israel sacrificaram um animal para se livrarem do anjo da morte. Mas a oferta que Deus fez foi o Seu Filho, não foi qualquer coisa. Foi o melhor. Ele teve fé para entregar o próprio Filho e nós temos que ter fé também para dar o nosso sacrifício, a nossa melhor oferta. Aquilo que apresentamos a Deus mostra o que somos diante dEle, ou seja, se realmente somos sinceros ou se somos hipócritas. Portanto, devemos ter a consciência disso: a nossa vida depende do que ofertamos a Deus.

Deus abençoe a todos.

Como receber o Espírito Santo

Primeiro passo: Consciência.

Estar consciente de que ninguém é batizado com o Espírito Santo porque merece. Se achar que tem méritos, não vai receber nunca. Esse batismo deve ser buscado com todas as forças e de todo o coração, por meio da fé do Senhor Jesus Cristo.

Segundo passo: Querer.

Esse querer não é simples vontade ou boa ideia, nem porque outros O têm. Mas, por ser tão necessário quanto a salvação. É um querer semelhante ao perdão dos pecados. É um querer ardente, acima de qualquer outro sonho ou desejo de coração. Mais do que viver, casar, conquistas mundos e fundos, enfim, mais do que tudo o que as pessoas ou esse mundo podem oferecer. Por isso, o Senhor impõe a condição de sede. É preciso ter sede. Desesperadora sede. Se alguém tem sede...(João 7.37) Se não houver garra no querer fica difícil.

Terceiro passo: Pensamento.

O querer precisa ser seguido pelo pensamento ocupado na Pessoa do Espírito Santo. O pensamento contínuo nEle deve ser tanto em casa, no trabalho, na rua, na igreja ou em qualquer lugar. Tanto quanto puder. É como o namoro. Quando se está amando, a pessoa vira e mexe sempre está pensando na pessoa amada, não é? O mesmo deve ocorrer com o candidato ao Selo Divino. O importante é manter a mente focada nEle. Não é preciso dizer que nessa fase, o candidato deve procurar ao máximo se isolar de tudo que é nocivo à boa consciência. Evitar más companhias ou de pessoas contrárias a fé, distrações vulgares e tudo o mais que interrompa o relacionamento com o Espírito. É difícil, mas não é impossível. A fé exige sacrifícios, quanto mais na conquista espiritual. Imagine a plenitude do Espírito Santo! Portanto, tem de haver o esforço sobrenatural.

Conclusão: Quando essas condições são satisfeitas, o candidato não precisa fazer mais nada, muito menos se preocupar. É só esperar. A qualquer momento e em qualquer lugar Ele pode ser batizado. Em casa, no trabalho, na rua, na igreja, enfim, não há mais empecilho para que o Senhor Jesus venha batiza-lo com o Espírito Santo.

Observação: Durante o tempo de “ocupação da mente” com a Pessoa do Espírito Santo, é provável que o Diabo sobre pensamentos sujos. Caso aconteça, saiba que isso é um excelente sinal de que você está no caminho certo. Não desanime. Não se preocupe. E nem pense que está pecando contra Ele. Tentação não é pecado. Pecado é cair em tentação. Pecado imperdoável é ofender ou proferir palavras contra o Espírito Santo.

Quando vierem pensamentos sujos, não tenha medo e nem se acovarde. Aproveite o momento e resista ao Diabo louvando ao Senhor Jesus. Seja com cânticos, seja com palavras de adoração (num tom alto ou baixo, depende de sua privacidade). O importante é não temer ou se intimidar diante dos pensamentos sujos. Tem que reagir. E reagir com louvores a Deus.

Deus abençoe a todos.

MENSAGEM DO BISPO – Edição Histórica 21 de abril**Como esta data pode definir a sua vida**

No grande evento, “O Dia D”, que acontece em todo o País, todos os que creem terão a vida mudada. Pois estes são os que vencem e experimentam os milagres de Deus. Como o senhor Jesus disse: “Estes sinais não de acompanhar aqueles que creem ...” (Marcos 16, 17), e se você crê, também verá o sinal na sua vida.

Existe um determinado dia em que temos que fazer uma escolha definitiva para decidir nosso futuro. E essa é exatamente a proposta para “O Dia D”. Eu me lembro que era recém-casado e tinha um sonho: o ideal de pregar o Evangelho. Mas, por força das circunstâncias, eu não conseguia realizar. Tinha que sair de casa pela manhã para trabalhar às 5h45 e retornar às 23h30, de segunda à sexta – feira. Tinha dois empregos, dava aula particular e estudava na faculdade à noite. Houve um dia que tive que tomar uma decisão: uma porta se abriu e eu precisava passar por ela ou ignorá-la. Sacrifiquei o meu trabalho de 16 anos no Estado com todas as garantias e no qual havia alcançado um cargo de confiança que me proporcionava uma vida estável economicamente. Mesmo assim pedi demissão. Foi como se uma pessoa tivesse se lançado de um prédio crendo que o Senhor fosse sustenta-la. Houve uma dimensão pessoal, não pedi conselho a ninguém e me lancei de corpo, alma e espírito. E Deus tem mostrado, nestes mais de 30 anos de experiência da Igreja Universal, que Ele é realmente o Deus de Abraão, Isaque e Israel.

Nada caiu do céu. Tudo foi construído com nossas próprias mãos, com muito trabalho, mediante a atitude que tomei com Deus. O Senhor quer fazer coisas grandes também na sua vida, mas depende da sua coragem. Você pode ter fé, mas se não uni-la à coragem de nada adianta. Abraão obedeceu e mostrou a Deus sua coragem. “O Dia D” será o dia da decisão para muitas pessoas!

Deus abençoe a todos.

MENSAGEM DO BISPO – Edição nº 943**Mar de conquistas**

Jesus disse: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”. Veja: nós estamos reunidos em grande número de pessoas. Deus não faz uma promessa qualquer, não é uma conversa qualquer. Eu tenho certeza de que Ele já está presente na vida daqueles que se encontram neste evento, não apenas nos lugares onde as pessoas estão concentradas, mas na vida dos que estão assistindo em casa, em seu palácio ou até mesmo em barraco. Deus está com você agora.

Saiba que Deus está presente em sua vida: quando você está no fundo do poço, não pode contar com ninguém, nem familiares, colegas. Você fica só, somente com Deus ao seu lado. Tenho certeza de que você não vai sair da mesma forma que entrou, vai sentir algo diferente, pois o Deus dos impossíveis vai fazer algo. O que ele fez no passado irá realizar na sua vida nesta tarde. Todos nós somos capazes de errar, mas Deus não pode se dar ao luxo de falhar, pois Ele é Deus, perfeito.

Deus está pronto para atender o clamor daqueles que O invocam na sinceridade. Ele diz: “Aquele que vier a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”. Aqui Ele inclui pessoas de todas as religiões, sejam católicos, evangélicos, espíritas.

Obs: mensagem transmitida de Londres, por telões, aos participantes do “Dia D”.

A oferta abre caminhos

Quando depositamos a nossa oferta no altar, estamos provando para Deus o que somos, porque a oferta é uma manifestação viva, clara da sua fé, da expressão do seu amor para com o Senhor. Se você tem fé em Deus e O ama, logo quer dar a ele o melhor. Em outras palavras você dará tudo de si para Ele, e tudo o que pretende ser ou ter sempre será de Deus. Aqueles que o amam de qualquer maneira ou amam menos do que a seus filhos, entregam aquilo que não serve, que não lhe agrada. Ora, meu (minha) amigo (a), lembra que o Senhor Jesus disse: “Aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos”. (1 Samuel 2,30)

Muitos crentes desmerecidos vivem numa qualidade de vida terrível, porque não tem honrado a Deus, mas têm honrado seus filhos. Fazem até dividas para comprar coisas para eles. Quanto a Deus eles o desprezam.

Observe como a oferta faz diferença na vida das pessoas. Eu posso afirmar com toda certeza, que a oferta é tão sagrada quanto a palavra Palavra de Deus. É através da oferta dEle, a oferta viva, que é Jesus, que alcançamos a salvação. A oferta que colocamos no altar não é apenas a financeira, porque a oferta é a vida toda, todo o seu ser.

Por isso, dou um conselho a todos os pastores, bispos, ao oficial da igreja, ao diácono, presbítero: vocês tem a obrigação de fazer a sua oferta ainda melhor que o povo. Nós temos obrigação de dar o nosso melhor para Deus, e Ele prova o nosso coração. Lembra quando Jesus disse: “Dai, e ser-vos-á dado; boa mediada, recacalda, sacudida, transbordante, generosamente se vos darão; porque a medida com que tiverdes medido vos medirão também” (Lucas 6.38)

Quer dizer, da forma como damos, vamos receber amanhã daquilo que estou plantando hoje. Guarde isso: quanto mais você dá a Deus, mais recebe. Por quê? Porque Deus não vai ficar lhe devendo! Se o que vc deu não é o melhor, então o seu coração não é o para com Ele e você não pode esperar o melhor dEle! Você vai ter o retorno, mas não o melhor.

Deus abençoe a todos.

MENSAGEM DO BISPO – Edição nº 976**Tire as sandálias dos pés**

É do agrado de Deus revelar, através da fé, as coisas maravilhosas para as pessoas. Mas que tipo de pessoa? Veja que quando Moises subiu ao Monte Sinai e viu a sarça ardendo, ele ficou maravilhado, porque a sarça estava queimando, mas não se consumia.

A sarça é uma espécie de mato, uma arvorezinha pequena, mas muito cheia de galhos, é um arbusto repleto de espinhos. Então, disse consigo mesmo: irei pra lá e verei essa grande maravilha; porque a sarça não se queima? Vendo Senhor que ele se voltava para ver Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés! Ele respondeu: Eis me aqui! Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa” (Êxodo 3.3-5) Deus mandou Moises tirar as sandálias porque queria que ficasse totalmente dependente dEle. Naquele lugar, tirar as sandálias, significava correr o risco de ferir os pés, obviamente ferir muito, porque a região toda do Sinai é feita de pedras agudas e pedras pequeninas. Não eram como paralelepípedos, que você anda tranquilamente descalço. Eram pedras pequenas, grandes de todas as formas. Deus queria que Moises colocasse o seu corpo, que significa toda a sua vida, sobre a Sua Palavra, sobre sua confiança. Ao tirar os sapatos, Moises estava dizendo: Eu confio em ti, ó Deus!” Então, a partir do momento em que tirou os sapatos, foi o mesmo que se colocar nas dependências de Deus e não mais das sandálias para sustentar o seu corpo. Era a humildade de Moisés! Deus se revela aos humildes, e foi assim que comissionou Moises para libertar os filhos de Israel.

A importância do Monte Sinai é tamanha. Foi lá, na época de Moisés, que Deus o chamou, e será nesse mesmo Monte que estaremos levando a vida das pessoas. Não o pedido delas, mas a própria vida mesmo, para arrancá-las do Egito.

Por isso, nesta Fogueira Santa coloque toda a sua fé, tudo o que você é, ou pretende ser, e diga: “Oh Deus, agora é tudo ou nada! O Senhor me mandou tirar as sandálias dos pés, pois vou tirar tudo e colocar nas Tuas mãos! Eu quero ver esse Deus que se manifestou em Abraão, Isaque e Israel, manifestar-Se também na minha vida.

Deus abençoe a todos.

De fé em fé

Diante das lutas e dificuldades que as pessoas enfrentam, muitas costumam reclamar e lamentar. Porém, é preciso saber que o Espírito Santo é quem nos guia a toda verdade, nos ensina. Mas Ele não nos dá maturidade, experiência.

Temos que usar os problemas, as lutas, para tirarmos benefícios, crescermos, sabendo que Deus está por cima de todas as coisas. Não foi Ele quem fez Davi, mas Golias quem o fez. Se não houvesse um Golias, Davi seria mais um rei de Israel. Já Abraão usou a esterilidade de Sara para depositar sua fé no Deus de seus pais e, então, agir essa fé e tomar posse das promessas.

Portanto, você que tem vivenciado problemas, precisa saber que eles são necessários para o seu desenvolvimento espiritual. Não significa dizer que você vá se acomodar diante deles, não! Você não vai deixar que estes venham destruí-lo, mas tem que vencê-los através da sua fé.

É por isso que friso sempre: temos que viver de fé em fé, de luta em luta. A felicidade não é somente quando você está em paz, quando está tudo bem, o céu está azul. Se fosse assim, então, seria uma monotonia, você iria ficar tranquilo, sem nada para fazer. Tudo em paz, né?

Guarde isso: as lutas são necessárias para manter-nos na fé, do contrário a nossa fé se torna flácida, mole e acomodada. Conseqüentemente, a pessoa se torna religiosa e fracassada.

Deus lhe deu uma fé, um cajado, a exemplo do que fez com Moisés. Agora, você tem que usá-los para vencer e ter experiência com Deus. A experiência de como enfrentará maiores problemas lá na frente. O que é mais glorioso é que quanto maior for seu deserto, maior também será a benção que você irá tomar posse. Quanto menor a dificuldade, menor a vitória!

O diabo sabe que não pode impedir que você tome posse das promessas de Deus. Por isso, nós temos levado as pessoas a um pacto com Deus. Se você faz este pacto, pode ter certeza de que nem todo o inferno, nada nesse mundo pode impedir que a palavra de Deus se cumpra na sua vida. Ainda que vivamos nessa casa de barro corruptível, mesmo assim, vivendo por conta da fé, da aliança que Deus fez conosco no Calvário, ninguém pode mudar ou cancelar, nem o próprio Deus pode cancelar ou impedir que a Palavra d'Ele se cumpra. Sabia disso?

O mal sabe que cedo ou tarde terá que abrir mão. Se a pessoa permanecer firme, perseverar, manter a sua fé, a sua comunhão, pode ter certeza de que tomará posse daquilo que tanto almeja. Deus não tem prazer que comamos das migalhas que caem da mesa, como os cachorrinhos, mas que assentemos à mesa com Ele e comamos do melhor.

Deus abençoe a todos.